



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
MESTRADO EM LETRAS – LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA

VIVIANE HONORATO EFIGÊNIO SILVA

**O DISCURSO DIALÓGICO EM AS *CABEÇAS TROCADAS*, DE
THOMAS MANN E EM *O VERMELHO E O NEGRO*, DE STENDHAL**

**GOIÂNIA
2013**

VIVIANE HONORATO EFIGÊNIO SILVA

**O DISCURSO DIALÓGICO EM AS *CABEÇAS TROCADAS*, DE
THOMAS MANN E EM *O VERMELHO E O NEGRO*, DE STENDHAL**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado
em Letras – Literatura e Crítica Literária da
PUC Goiás, como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Maria Aparecida Rodrigues

**GOIÂNIA
2013**

Silva, Viviane Honorato Efigênio.

S586d O discurso dialógico em As cabeças trocadas de Thomas Mann e em O vermelho e o negro, de Stendhal [manuscrito] / Viviane Honorato Efigênio Silva. – 2013.

96 f.; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Mestrado em Letras, 2013.

“Orientadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Rodrigues”.

1. Análise do diálogo. 2. Intertextualidade. 3. Literatura- Crítica.
I. Título.

CDU: 82.091(043)

FICHA DE APROVAÇÃO

Esta dissertação foi defendida e aprovada em 20 de março de 2013 no curso de Mestrado em Letras – Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Goiânia - GO, 20 de março de 2013.

Professora Dr^a. Maria de Fátima Gonçalves Lima
Coordenadora do Curso de Mestrado em Letras

Professora Dr^a. Maria Aparecida Rodrigues
Orientadora

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a. Maria Aparecida Rodrigues – PUC Goiás (Presidente da banca)

Prof^a. Dr^a. Maria Zaira Turchi - UFG

Prof^a. Dr^a. Maria Teresinha Martins do Nascimento – PUC Goiás

Prof. Dr. Éris Antônio Oliveira – PUC Goiás (Suplente)

Ao meu esposo, Willian Efigênio, pelo seu carinho e amor inefável, com luzes de sabedoria e compreensão, a quem muito devo.

À minha mãe, que sempre me encorajou a transpor os obstáculos da vida, pela sua força e determinação.

Ao meu pai... Estrela que brilha e me aquece.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por estar sempre presente em minha caminhada.

À Professora Dr^a Maria Aparecida Rodrigues, pela acolhida, pelas orientações e pelo conhecimento transmitido.

À Professora Dr^a. Maria de Fátima Gonçalves Lima, pelo carinho e atenção sempre a mim estendidos.

Aos professores Doutores do Programa do Mestrado em Letras, Maria Aparecida Rodrigues, Divino José Pinto, Lacy Guaraciaba Machado, Maria de Fátima Gonçalves Lima e José Ternes, pelas disciplinas ministradas. Em especial aos professores Doutores Maria Teresinha M. do Nascimento e Éris Antônio Oliveira, pelas valiosas sugestões feitas no exame de qualificação.

Aos meus irmãos, tão presentes em minha vida.

À Secretaria da Educação do Estado de Goiás, pelo apoio a mim dispensado.

Agradeço imensamente a minhas amigas, Luciana Santos Andrade e Michele Silva Sacardo, por participarem dessa trajetória e pelo incentivo constante.

Às minhas amigas, Ruth Sousa Trindade, pela acolhida e amizade;

À minha amiga Tonia Leigh Wind, que apesar de se encontrar distante, está sempre presente em minha vida e nos meus melhores pensamentos.

Às amizades semeadas nos corredores e nos bancos da faculdade; aos amigos, Lia Nunes Fleury, Marli Lobo e Rinaldo Pereira de Souza, pela partilha, atenção, enfim, pela oportunidade de conhecê-los.

À minha amiga, Maria do Socorro de Oliveira, por ter se tornado uma pessoa tão presente nesse momento solitário que o Mestrado traz.

A todos que, em prece, no olhar, no aperto de mão, desejaram-me o melhor.

Muito Obrigada!

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos *do passado*, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo de desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão na forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo.

MIKHAIL BAKHTIN

RESUMO

SILVA, Viviane Honorato Efigênio. *O discurso dialógico em As cabeças trocadas, de Thomas Mann e em O Vermelho e o negro, de Stendhal*. Dissertação (Mestrado em Letras – Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012).

O objetivo principal desta pesquisa é mostrar que o dialogismo se faz presente em *As cabeças trocadas*, de Thomas Mann e em *O vermelho e o negro*, de Stendhal, *corpus* deste estudo crítico. Recorre-se às ideias de Mikhail Bakhtin para este proposto estudo, sobretudo em sua obra *Estética da criação verbal* e também a Beth Brait, José Luís Fiorin, Diana Pessoa de Barros, Ingedore Villaça Koch, Cleudemar Alves Fernandes, Solange Jobim e Souza, Graça Paulino e Vânia Lúcia Menezes Torga. As análises das obras enfatizam “dialogismo”, “enunciados”, “formação do sujeito”, “processo intertextual” e lança-se para o estudo das obras supracitadas, bem como para as que são complementares: *Bhagavad Gita*, livro sagrado indiano e a *Bíblia*, livro sagrado do Cristianismo. Optou-se por trabalhar com essas obras por apresentarem maior variedade em torno dos objetivos e dos propósitos existentes no diálogo. Como resultado dessa pesquisa foram identificados e evidenciados trechos em que se comprova a teoria a respeito da interface dialógica.

Palavras-chave: Dialogismo; Intertextualidade; Literatura Crítica.

ABSTRACT

SILVA, Viviane Honorato Efigênio. “The Dialogic Discourse in *The Transposed Heads* by Thomas Mann and *The Red and The Black* by Stendhal”. *Dissertation (Master’s Program in Letters – Literature and Literary Criticism at The Pontifical Catholic University of Goiás, Goiânia, 2012)*

The purpose of this research is to demonstrate how dialogism is presented in Thomas Mann’s *The Transposed Heads* and in Stendhal’s *The Red and The Black*, *corpus* of this critical evaluation. For this proposed research, we turn to the ideas of Mikhail Bakhtin, specifically those contained in his work *Aesthetics of Verbal Creation* and also to those of: Beth Brait, José Luís Fiorin, Diana Pessoa de Barros, Ingedore Villaça Koch, Cleudemar Alves Fernandes, Solange Jobim e Souza, Graça Paulino and Vânia Lúcia Menezes Torga. The textual analysis of the works emphasizes “dialogism”, “enunciations”, “subject formation” and “the intertextual process, and lends itself to the study of the aforementioned works, as well as of the following complementary works: the sacred Indian text *Bhagavad Gita*, and the sacred Christian text *The Bible*. We chose to work with these texts, as they offer the widest variety of examples with regards to the objectives and the purpose of this study. As a result of this research, sections of the original texts were identified and recorded which corroborate our original hypothesis of dialogic interface between the two literary works.

Keywords: Dialogism; Intertextuality; Literary Criticism.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	11
1 O DISCURSO DIALÓGICO	14
1.1 Enunciados: A Junção Entre o Mundo Real e o Subjetivo	24
1.2 Formação do Sujeito e a Religiosidade.....	32
2 O PROCESSO INTERTEXTUAL	39
2.1 Citação: Do Texto ao Texto	43
2.2 Alusão: Reconstrução do Passado	52
2.3 Epígrafe: Recorte e Atualização de Sentido	58
3 A INTERFACE DIALÓGICA	66
3.1 As Cabeças Trocadas e O Vermelho e o Negro	67
3.2 As Cabeças Trocadas e Bhagavad Gita	79
3.3 O Vermelho e o Negro e o Cristianismo.....	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS.....	95

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta dissertação é uma pesquisa que investiga a presença do dialogismo em *As cabeças trocadas*, de Thomas Mann, e na obra *O vermelho e o negro*, de Stendhal¹. Adianta-se que, por serem obras consagradas, existem muitos estudos sobre as mesmas, porém, a contribuição aqui proposta se constitui de um diálogo com as obras para que se possa, pouco a pouco, tecer um novo diálogo. Para esse estudo, utiliza-se a perspectiva teórica de Mikhail Bakhtin² sobre a linguagem.

Objetiva-se, ainda, no presente trabalho, evidenciar a interatividade entre os livros *As cabeças trocadas* e *Bhagavad Gita*, livro sagrado do Indianismo, e entre *O Vermelho e o negro* e a *Bíblia*, livro sagrado cristão, bem como entre as obras de Thomas Mann e Stendhal em foco, de modo a desenvolver um estudo crítico no qual se comprova que elas estão entrelaçadas pelo contexto em questão.

Analisa-se-á como os conceitos dialógicos de Bakhtin se aplicam a esse estudo, demonstrando, sobretudo, o que faz ocorrer o dialogismo e como ele se constrói nas obras acima citadas. Tais observações remetem ao motivo dessa pesquisa, cujo objeto designa o ato de escrever desses consagrados escritores de acordo com o processo dialógico existente nessas literaturas.

Bakhtin define o dialogismo como “o modo de funcionamento real da linguagem onde todos os enunciados constituem-se a partir de outros, atuando nele forças centrípetas e centrífugas, em busca de centralizar o enunciado do plurilinguismo da realidade” (2006a, p.402). O dialogismo é também uma forma composicional, mas vai além disso: ele é o modo de funcionamento real da linguagem, é o próprio modo de constituição do enunciado. Para enriquecer o estudo literário recorre-se também às obras não literárias *Bhagavad Gita*³ e a Bíblia.

Na descrição dos conceitos de dialogismo, de acordo com a teoria bakhtiniana, visa-se mostrar as concepções do autor, que comprova como o diálogo pode transcender a língua, os outros discursos e até mesmo o próprio sujeito. Esse processo é considerado por esse estudioso como princípio fundamental da linguagem, sendo compartilhado pelos sujeitos envolvidos na leitura, já que o

¹ Pseudônimo do escritor francês Marie Henry Beyle (1783-1842);

² Filósofo e escritor russo.

³ *Bhagavad Gita* é um livro sagrado Indiano caracterizado como “A canção do Senhor”, e trata-se de uma obra feita com o coração puro de um devoto do Senhor.

receptor, ao compreender a mensagem, ocupa uma posição responsiva, não podendo assim ser considerado “leitor passivo”.

A visão de interatividade, mostrada pela subjetividade dos interlocutores, abre novos caminhos para a concepção da linguagem enquanto fenômeno sócio-ideológico, além de consolidar a língua enquanto fenômeno social.

Nesse contexto, pretende-se estudar o caráter dialógico das obras analisadas ressaltando a concepção de dialogismo do autor, uma vez que a palavra do leitor está sempre atravessada pela palavra do outro, ou seja, ao se elaborar um discurso sempre se apoia no discurso alheio.

Esta investigação se constrói a partir de um trabalho de linguagem estabelecendo diálogos com as obras e com as teorias propostas, por isso o título desta dissertação: O Discurso dialógico em *As Cabeças trocadas* de Thomas Mann e em *O vermelho e o negro*, de Stendhal.

A metodologia utilizada pauta-se na pesquisa bibliográfica, por meio da qual se analisam as obras literárias de acordo com a teoria bakhtiniana e com a perspectiva dialógica existente no *corpus* estudado.

Para esta análise crítica, o trabalho está dividido em três capítulos: O discurso dialógico, o processo intertextual e a interface dialógica.

No primeiro capítulo faz-se a definição de discurso dialógico utilizando-se como base para sustentação teórica os conceitos de Bakhtin e seus estudiosos; explica-se o que é, e como acontece esse processo, resalta-se a importância dos enunciados, evidenciando-se em que eles consistem e também como se dá a formação do sujeito.

Ao se iniciar o estudo sobre o dialogismo, mostrar-se-á como ele está presente nas obras analisadas, dada a importância que assume no contexto. Para Bakhtin (2006a, p. 274), “[...] o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso”. Desse modo, o sujeito que realiza um discurso dialógico deverá levar em conta a participação dos outros sujeitos que estão presentes na comunicação discursiva, já que é através desse diálogo que surge o processo de enunciação.

Segundo Bakhtin (2006a, p.272), “[...] Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. Percebe-se, pois, que se os enunciados são dialógicos e unidades reais de comunicação, eles não se repetem, visto que os acontecimentos são únicos, construindo no todo um ou mais diálogo.

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que se procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém, constituindo assim o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão de um em relação ao outro. Por intermédio dela, o sujeito define-se em relação ao outro, e, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

No segundo capítulo, intitulado “O processo intertextual”, define-se como esse processo se realiza e as formas como ele aparece dentro de uma obra. Averigua-se a intertextualidade bakhtiniana na sua classificação triádica: citação, alusão e epígrafe.

No terceiro e último capítulo, denominado “A interface dialógica”, tem-se como enfoque principal o diálogo temático e a formação discursiva das obras *As cabeças trocadas* e *Bhagavad Gita* e *O vermelho e o negro* e a Bíblia.

Em suma, demonstrar-se-á que as obras analisadas interagem entre si fazendo com que o dialogismo se mostre bastante evidente como parte integrante na construção das narrativas.

1 O DISCURSO DIALÓGICO

O diálogo é a forma clássica de comunicação discursiva.
MIKHAIL BAKHTIN

Este capítulo trata da fundamentação teórica desta dissertação, com o objetivo de compreender o discurso dialógico nas obras *corpus*, a partir da análise de como ele se realiza, bem como descrever conceitos sobre enunciado e formação do sujeito na filosofia bakhtiniana, a fim de sustentar que o discurso suplanta a língua, outros discursos e o próprio sujeito dentro das obras literárias – *As cabeças trocadas* e *O vermelho e o negro*.

Por meio das obras literárias se comprova o dialogismo, o qual se percebeu através da análise dos livros supracitados. Eles estabelecem um diálogo com as escrituras: *A Bíblia* (livro sagrado do cristianismo) e *Bhagavad Gita* o (livros sagrado indiano).

Ao se iniciar a investigação sobre o discurso dialógico e se apresentar como ele se faz presente nas obras analisadas, evidencia-se a importância que o dialogismo assume no contexto. Mikhail Bakhtin, na obra *Estética da criação verbal*, conceitua que “[...] o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2006a⁴, p.274). Desse modo, o sujeito que interage nesse processo deverá levar em conta a participação dos outros sujeitos que estão presentes na comunicação discursiva, já que é mediante esse diálogo que surge a enunciação.

Desde o início da obra *As cabeças trocadas*, o narrador mostra que o livro terá como foco primordial o processo dialógico com o leitor, pois aponta que

a história de Sita, a das belas cadeiras, filha do criador de gado Sumantra da casta dos guerreiros, e de seus dois maridos _ se assim podemos qualificá-los _ exige, por sua natureza sangrenta e perturbadora, muito da força espiritual do auditório e da sua capacidade de enfrentar as assustadoras trampolinadas da *maya*⁵. Desejável seria que todos os a que escutassem tomassem, por exemplo, a firmeza do narrador, pois quase que se requer maior coragem para relatar tal história do que para ouvi-la [...] (MANN, 1987, p. 05).

⁴ Considera-se a data da última publicação, que é a obra que está sendo usada; a mesma refere-se à 2ª tiragem realizada em 2006, da 4ª edição publicada em 2003; a 1ª edição foi publicada em 1992.

⁵ Grifo do autor;

Para construir o dialogismo faz-se necessário que se conheçam os acontecimentos e seu envolvimento dentro de uma obra literária, pois ele só pode ocorrer de fato na forma de enunciações concretas de certos falantes, razão pela qual o narrador convida o leitor a compartilhar da história de Sita, descrevendo como o discurso dialógico é concretizado com as outras personagens da obra - Nanda e Shridaman.

Nessa linha, percebe-se que nunca se está só, visto que a essência é partilhada ideologicamente. O dizer de cada um é uma voz que se constitui pelas vozes das pessoas com quem se comunica. Bakhtin acentua a noção de discurso dialógico ao dizer que

as palavras do outro, introduzidas na nossa fala, são revestidas inevitavelmente de algo novo, da nossa compreensão e da nossa avaliação, isto é, tornam-se bivocais. O único que pode diferenciar-se é a relação de reciprocidade entre essas duas vozes. A transmissão da afirmação de um outro em forma de pergunta já leva a um atrito entre duas interpretações numa só palavra, tendo em vista que não apenas perguntamos como problematizamos a afirmação do outro. O nosso discurso da prática já está cheio de palavras dos outros [...] (BAKHTIN, 2006b, p.169).

Sendo assim, toda palavra se dirige a alguém e estabelece uma comunicação. Qualquer enunciação pode ser compreendida como uma resposta ao diálogo interacional. O que é dito evidencia-se em uma enunciação anterior. Nesse sentido, entende-se que, se a concepção da linguagem é dialógica, também os fatos mostrados dentro de uma obra literária são marcados pelo princípio dialógico, logo, todo o processo dialógico é carregado de diversas vozes. É o que acontece no decorrer das narrativas analisadas, onde se percebe uma grande bifurcação entre o discurso pessoal e o discurso religioso, como é visível no trecho abaixo, no qual é feita, pelo narrador, a descrição do lugar onde as personagens Nanda e Shridaman, da obra *As cabeças trocadas*, vivem:

eram naturais da mesma aldeia dotada de um santuário, a qual tinha o nome de Bem-estar das Vacas. Por indicação dos deuses, fora instalada no seu lugar na terra de Kosala, em tempos remotos. Circundavam-na uma sebe de cactáceas e um muro de madeira. Nos quatro pontos cardeais do mesmo, havia tantos outros portões. A eles, um sábio itinerante, iniciado na fala da Deusa e incapaz de proferir palavras erradas, dera a benção, após ter sido alimentado pelos aldeões, pedindo que de seus umbrais e dintéis pingassem manteiga e mel. (MANN, 1987, p. 06)

A importância desse discurso religioso para as personagens é latente desde o início da obra, em que o narrador mostra que tanto Nanda quanto Shridaman foram criados com todos os ritos de passagem existentes na tradição indiana: eles, além de conservá-la, também respeitavam a tradição e os deuses, os quais cultuavam na aldeia que frequentavam. Nesse fragmento, vê-se que o nome do santuário “Bem-estar das Vacas”, indica que a religiosidade se evidencia. Este animal é de fundamental importância para o homem que lá habita. A vaca, para a cultura indiana, não pode ser morta nem ferida, e tem caminho livre para estar onde desejar, pois é associada à fertilidade.

De acordo com Bakhtin (2006a, p.272), “[...] Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. O que se observa é que o narrador da obra *O vermelho e o negro* destaca desde o primeiro parágrafo como esse elo se realiza.

Corrobora-se essa assertiva:

Verrières pode ser considerada uma das cidadezinhas mais belas do Franco-Condado. Suas casas brancas, de vermelhos telhados pontiagudos, estendem-se pela encosta de uma colina cujas pequenas sinuosidades são marcadas por tufo de vigorosos castanheiros. O rio Doubs corre a centenas de pés abaixo de suas fortificações há muito edificadas pelos espanhóis e, atualmente, em ruínas.

Está protegida, ao norte, por uma alta montanha, uma das ramificações do Jura. Já nos primeiros dias frios de outubro os cumes entrecortados do Verra cobrem-se de neve. Uma torrente, que se precipita da montanha, atravessa Verrières antes de se lançar no Doubs e põe em movimento um grande número de serrarias, uma indústria muito simples que proporciona certo bem-estar à maior parte dos habitantes, mais camponeses do que burgueses. Contudo, não foram as serrarias que fizeram a cidadezinha enriquecer. É à fábrica de tecidos estampados, conhecidos como Mulhouse, que se deve a tranquila situação de Verrières que, após a queda de Napoleão, fez construir as fachadas de quase todas as suas casas. (STENDHAL, 2008, p. 27)

O narrador, no trecho acima, descreve, através de um enunciado bem elaborado, a cidade de Verrières e as pessoas que lá habitam; por meio dessa descrição nota-se que é um pequeno lugar circundado pelo rio Doubs e por uma alta montanha. Esse lugar tranquilo dá a sensação de que nada ruim ou trágico acontece por lá, porém, no decorrer da narrativa, o narrador deixa claro que é ali que se desencadeia toda a trama, construindo diálogos irrepetíveis com vários outros.

Bakhtin(2006a) teoriza que o dialogismo pode acontecer de dois modos: explícita e implicitamente. O primeiro é quando o discurso de outrem for utilizado

integralmente e o segundo quando o discurso de outrem for utilizado no discurso do “eu” de forma modificada. O teórico coloca o dialogismo como sendo o princípio constitutivo da linguagem. Sendo assim, a partir desse princípio, as trajetórias serão traçadas em busca do sentido.

Argumenta ele ainda que

o texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. [...] Por trás desse contato está o contato entre indivíduos e não entre coisas (no limite). (BAKHTIN, 2006a, p. 401)

O texto, de acordo com essa visão, é a materialização das produções culturais que deixam transparecer as tramas ideológicas que o configuram. Nesse contexto, a relação que se estabelece entre os sujeitos, em um processo de interatividade, é a dialogicidade da linguagem como entrelaçamento de sujeitos sociais e históricos. Ora, na enunciação da obra *As cabeças trocadas*, fica claro, desde o início da narrativa, que o discurso dialógico leva em conta a participação de outros sujeitos que estão presentes no processo discursivo, composto de enunciados religiosos.

Segundo Shridaman, um dos protagonistas da obra,

[...] todos os seres têm duas espécies de existência: uma para si mesmos e outra para os olhos alheios. Existem e são visíveis, são alma e imagem, e sempre será pecaminoso deixar-se influenciar unicamente pela imagem, sem se preocupar com a alma [...] (MANN, 1987, p. 31- 32).

Neste fragmento, a personagem tem em seu discurso a formação de um sujeito “pressionado” pelo discurso religioso; o protagonista não se acha no direito de pecar, preocupando-se apenas com a imagem, quando deveria cuidar também da alma, pois, sendo assim, terá a transmigração desta. Em Bhagavad-Gita, capítulo 2, versículo 28, observa-se a comprovação desse discurso religioso: “Todos os seres são imanifestos, ou invisíveis, para os seus olhos físicos antes de nascer e depois da morte. Eles são manifestos somente entre o nascimento e a morte. O que tem para se lamentar?” (BHAGAVAD–GITA, s/d, p.11).

No contexto acima, o dialogismo reafirma a natureza sociocultural do enunciado. O sujeito, ao mesmo tempo em que negocia com o seu interlocutor, recebe influências deste, as quais interferirão na estrutura e organização dessa

unidade real. Dessa forma, ocorrerá um realce na natureza contextual da interação e no aspecto sociocultural dos contextos em que elas são realizadas. Bakhtin considera também que a enunciação é como um ato responsivo, ou seja, o sujeito concorda, discorda, completa este significado e acaba por estabelecer uma participação ativa no diálogo, dando assim uma resposta provocada pelo contexto. É importante destacar que na análise de obras literárias a presença do outro se mostra evidenciada para que as personagens se diferenciem e se distingam uns dos outros.

A base do dialogismo está justamente na concepção social e interacional da linguagem, fazendo com que as práticas discursivas constituam o eixo do princípio dialógico. Na dialogia, as práticas discursivas e a linguagem se influenciam mutuamente.

Nessa perspectiva, em *O vermelho e o negro*, a personagem principal, Julien, ao estabelecer um diálogo com seu pai, Soriel, deixa transparecer, já no início da narrativa, que é um homem que viverá para servir a Deus “[...] O senhor sabe que na igreja só olho para Deus [...]” (STENDHAL, 2008, p.41). Isso enaltece mais uma vez que o dialogismo mostrado por Bakhtin se faz presente nas obras analisadas, pois as práticas discursivas e a linguagem estão ocorrendo ao mesmo tempo.

Vê-se, então, que todo texto é duplamente dialógico por apresentar uma relação de cumplicidade entre os interlocutores e outros textos. Também o discurso é fruto de uma relação de troca, já que ele se constrói por meio do diálogo entre sujeitos falantes (dialogismo) e pelo diálogo com outros discursos (intertextualidade).

O diálogo presente nas obras literárias é uma relação que ocorre entre interlocutores, em uma ação histórica compartilhada socialmente, isto é, que se realiza em tempo e local específicos, mas sempre mutável, devido às variações de contexto. A Senhora de Rênal, personagem de *O vermelho e o negro*, ao conhecer o protagonista Julien, esclarece como essa relação ocorre entre os interlocutores: “[...] Até a chegada de Julien, ela realmente não dera atenção senão aos filhos. Suas pequenas doenças, suas dores, suas alegrias, ocupavam toda a sensibilidade daquela alma que em sua vida só havia adorado a Deus, quando estava no *Sagrado Coração* de Besançon [...]” (STENDHAL, 2008, p.57). O comportamento da Senhora de Rênal mudou sobremaneira após conhecer Julien, pois sua simpatia, seus gracejos, risadas grosseiras a fez esquecer-se do sofrimento que moldou sua educação no convento dos jesuítas onde passara sua juventude.

Tal assertiva encontra-se presente na fala do narrador, ao afirmar que

na simpatia daquela alma nobre e altiva, ela encontrou prazeres suaves e irradiantes, pelo charme da novidade. A senhora de Rênal logo perdoou sua extrema ignorância, que era uma graça a mais, e a rudeza de suas maneiras que conseguiu corrigir. Achava que valia a pena escutá-lo, mesmo quando se falava de coisas comuns, mesmo quando se tratava de um pobre cão esmagado, ao atravessar a rua, pela carroça em disparada de um camponês (STENDHAL, 2008, p.57-58).

Segundo Bakhtin (2006a, p.297), “o dialogismo decorre da interação verbal que se estabelece entre o enunciador e o enunciatário, no espaço do texto.” Para ele, as palavras de um falante estão sempre perpassadas pelas palavras de outro; um enunciador elabora seu discurso a partir de outros discursos. O filósofo não falava da troca de palavras entre interlocutores, mas de uma dialogicidade interna de discursos.

A esse respeito, Diana Barros diz:

[...] reservando o termo dialogismo para o princípio dialógico constitutivo da linguagem e de todo discurso e empregando a palavra polifonia para caracterizar um certo tipo de texto, aquele em que o dialogismo se deixa ver, aquele em que são percebidas muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos, que escondem os diálogos que os constituem. Trocando em miúdos, pode-se dizer que o diálogo é condição da linguagem e do discurso, mas há textos polifônicos e monofônicos, conforme variem as estratégias discursivas empregadas. Nos textos polifônicos, os diálogos entre discursos mostram-se, deixam-se ver ou entrever; nos textos monofônicos eles se ocultam sob a aparência de um discurso único, de uma única voz. Monofonia e polifonia são, portanto, efeitos de sentido, decorrentes de procedimentos discursivos, de discursos por definição e constituição dialógicos. (BARROS, apud BRAIT (org.), 2005, p. 34).

Tanto em *O vermelho e o negro* quanto em *As cabeças trocadas*, esses diálogos polifônicos destacam-se, mostram-se, procurando revelar as vozes que ecoam pela forma como o sujeito, enquanto personagem, se inscreve para enunciar.

Ademais, uma das características fundamentais do dialogismo é conceber as múltiplas vozes que participam do diálogo dentro das narrativas literárias, melhor dizendo, o caráter polifônico nelas existentes. Embarcar na corrente dialógica requer, assim, nos seus próprios termos, uma forma de pensar incontestavelmente as obras literárias como um processo de relação dialógica.

Diante disso, para que se perceba o dialogismo nas obras literárias, é necessário que o leitor esteja mergulhado em um mundo permeado por relações dialógicas, nas quais o sujeito – as personagens - se constitui à medida que vai ao encontro do outro. A construção dos sujeitos na obra *As cabeças trocadas*, se

constitui à medida que Nanda vai ao encontro de Shridaman, pois “A amizade dos dois jovens baseava-se nas diferenças de seus sentimentos relativos ao eu e ao meu. Os de um ansiavam pelos do outro [...]” (MANN, 1987, P.06). Na passagem citada vê-se que os sujeitos descritos pelo narrador se mostram totalmente preenchidos um pelo outro; sendo assim, o mundo deles está imerso por fortes relações dialógicas.

O pensador russo assim se posicionava: “De minha parte, em todas as coisas, ouço as vozes e sua relação dialógica” (BAKHTIN, 2006a, p. 413). Segundo essa perspectiva, o outro é imprescindível na construção do nosso ‘eu’; a linguagem é percebida a partir de uma concepção dialógica.

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. “Toda palavra serve de expressão de um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN, 2006b⁶, p. 113).

Comprova-se a tese de que a palavra é constituída num mesmo espaço dialógico como produto da interatividade entre emissor e receptor, na obra de Stendhal, quando o protagonista Julien, ao se apresentar aos demais membros da família Rênal, deixa clara tal relação, como se vê:

Aqui estou, senhores, disse-lhes rematando sua fala, para ensinar-lhes latim. Sabem o que vem a recitar uma lição. Isto é a santa Bíblia, disse, mostrando-lhes um volumezinho in-32, encadernado em preto. É especialmente a história de Nosso Senhor Jesus Cristo, é a parte chamada Novo Testamento. Sempre os farei recitar as lições. Mandem-me recitar a minha. (STENDHAL, 2008, p.53)

Observa-se que até o Senhor de Rênal se espantou com o tom do discurso usado por Julien, pois ao recitar de cor o livro sagrado impressionou todos os presentes, demonstrando de forma cristalina como a fala influencia e sofre influência do outro.

⁶ *Considera-se a data da última publicação que é a obra a qual está sendo usada, “a tradução baseou-se, principalmente, na tradução francesa (Paris, Les Éditions de Minuit, 1977). Recorremos, contudo, constantemente à tradução americana (Nova York/ Londres: Seminar Press, 1973)” nota dos tradutores.*

Mais uma vez depara-se com o eixo norteador de todo o pensamento bakhtiniano caracterizado pela interação verbal e seu caráter dialógico e polifônico. Disso resulta a abordagem histórica e viva da língua e o tratamento sociológico das enunciações. A língua é vista como um fenômeno social, histórico e ideológico, por consequência, “a comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta” (BAKHTIN, 2006b, p. 124).

Em outras palavras, a língua em seu uso prático está vinculada a um conteúdo ideológico, sendo assim, seus signos são variáveis e flexíveis, apresentando um caráter mutável, histórico e polissêmico. O autor entende por palavra do outro “qualquer palavra pronunciada ou escrita, que não seja a do próprio sujeito-falante”. (BAKHTIN, 2006a, p. 383). Em *As cabeças trocadas*, a palavra do outro manifesta-se quando a personagem Nanda, enquanto sujeito-falante, fala a Shridaman sobre o papel que ele exerce em sua vida.

Corroborar-se tal afirmativa:

É por isso que tu me és tão indispensável, irmão mais velho. Pois tu tens o que eu não tenho e és meu amigo, de modo que quase parece que eu o tenha também. Por ser teu companheiro cabe-me parte de ti, e assim sou um pouco Shridaman. Porém sem ti seria apenas Nanda, e isso não me bastaria [...] (MANN, 1987, p.37).

Destarte, a realidade da língua é evolutiva, não permite que os falantes interajam por meio dela como se fosse um sistema abstrato de normas; a língua está em constante evolução em decorrência das interações verbais dos interlocutores. No trecho supracitado vê-se o encantamento da personagem Nanda ao demonstrar o seu apreço pelo amigo Shridaman.

A substância da língua é constituída pela interação verbal entre falantes, concretizada pelas enunciações. Por conceber-se o homem como um ser histórico e social, compreende-se a linguagem sob a perspectiva da situação concreta, considerando a enunciação e o contexto. É no contato entre a língua e a realidade concreta, via enunciado, que a palavra pode expressar um juízo de valor, uma significação, uma expressividade. O significado é construído no discurso e essa construção envolve os participantes, a situação imediata ou o contexto mais amplo.

Na obra de Stendhal, *O vermelho e o negro*, essa relação de construção do discurso pode ser vista de forma evidente:

O amor-próprio do Senhor de Rênal estava inquieto; longe de pensar em examinar o preceptor, empenhava-se em procurar em sua memória algumas palavras latinas; pôde finalmente dizer um verso de Horácio. Julien só sabia o latim da Bíblia. [...] O santo ministério a que me destino proíbe-me ler um poeta tão profano [...] Senhor de Rênal citou um número bastante grande de supostos versos de Horácio, explicando aos filhos quem era. Mas os meninos, admirados, não prestavam a mínima atenção ao que falava; olhavam para Julien [...] (STENDHAL, 2008, p. 53).

No excerto acima, Julien afirma em seu discurso que, devido a sua religiosidade, não lhe era permitida a leitura de outros textos, ficando evidente que não houve uma interação do protagonista com outros enunciados, nem por isso a admiração recebida pelos demais membros da família Rênal foi diminuída, uma vez que Julien já havia demonstrado sua essência.

Ainda a respeito dessa temática, Bakhtin ressalta que “o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso” (BAKHTIN, 2006a, p.274). Isso mostra que a concepção de linguagem não separa os sujeitos reais dos concretos: os leitores não são reduzidos a meros sujeitos, participam de forma dialógica em uma obra literária.

Nas obras *O vermelho e o negro* e *As cabeças trocadas*, pode-se dizer que as enunciações concretas são evidenciadas pelas palavras do enunciador, que está totalmente contaminada pela palavra do enunciatário, a qual dá sentido e acabamento ao diálogo. Bakhtin corrobora tal afirmação ao evidenciar que

os significados lexicográficos neutros das palavras da língua asseguram para ela a identidade e a compreensão mútua de todos os seus falantes, contudo o emprego das palavras na comunicação discursiva viva sempre é de índole individual - contextual. Por isso pode-se dizer que qualquer palavra existe para o falante em três aspectos: como palavra da língua neutra e não pertencente a ninguém; como palavra *alheia*⁷ dos outros, cheia de ecos de outros enunciados; e, por último, como a *minha*⁸ palavra, porque uma vez que eu opero com ela em uma situação determinada, com uma intenção discursiva determinada, ela já está compenetrada da minha expressão. (BAKHTIN, 2006a, p. 294).

Desta forma, entende-se que não existe diálogo no interior do sistema, portanto, a palavra do enunciador se torna a do enunciatário, isto é, do leitor, já que está cheia de ecos de outros enunciados. O discurso recebe interpelação o tempo

⁷ Grifo do autor

⁸ *Idem.*

todo, é tecido e preterido pelo outro. As palavras de um sujeito são inegavelmente as palavras de outro. Não há uma independência no discurso, mas existe a condição de socialização que se mostra oposta à concepção de um sujeito individual. No trecho da obra *O vermelho e o negro* a seguir, o bispo elogia Julien Sorel pelo bom latim que tinha, ilustrando assim a teoria acima analisada:

O prelado mandou que lhe trouxessem oito volumes ricamente encadernados, e quis ele mesmo escrever sobre o título do primeiro, um elogio latino a Julien Sorel. O bispo orgulhava-se de ter um bom latim; acabou dizendo-lhe, em um tom sério que diferia por completo do tom do resto da conversa:

— Meu jovem, se for ajuizado, um dia terá a melhor paróquia de minha diocese, e não a cem léguas de meu palácio episcopal; mas é preciso ser ajuizado.

Carregando seus volumes, Julien, saiu do bispado, muito admirado, quando batia meia-noite. (STENDHAL, 2008, p. 206)

Tal excerto mostra como a palavra do enunciador se torna a do enunciatário. O discurso do bispo ao jovem seminarista proporciona a socialização das personagens e o início da realização do desejo de Sorel em ser reconhecido junto a seus superiores eclesiásticos, uma vez que, segundo o narrador: “Julien estava admirado principalmente pela extrema polidez do bispo. Não imaginava uma tal urbanidade de formas reunida a um ar de dignidade tão natural[...]” (STENDHAL, 2008, p. 206). O discurso traz a ideologia que atravessa o mundo, no modo de pensar de Sorel, pedidos específicos quanto ao papel que ele deve representar na interação social. Assim, nessa transcrição permite-se perceber que nunca se está só e que tudo é compartilhado ideologicamente. Isso é evidenciado através das palavras do abade Pirard aos seus jovens alunos seminaristas:

Por volta de meio-dia, o abade Pirard deixou seus alunos, não sem dirigir-lhes palavras severas.

— Querem as honras do mundo, disse-lhes todas as vantagens sociais, o prazer de mandar, o prazer de zombar das leis e de ser impunemente insolentes para com todos? Ou será que querem sua eterna salvação? Basta que até os menos adiantados dentre os senhores abram os olhos para que distingam os dois caminhos. (STENDHAL, 2008, p.207)

Nesse trecho, pode-se perceber claramente que o discurso dialógico se mostra por meio das palavras do abade Pirard, que faz com que os futuros padres reflitam sobre como deverão agir para assim conseguirem seguir o caminho do bem, o qual,

segundo ele, os levará à salvação eterna e lhes permitirá discernir o caminho bom do ruim, de modo que não zombem e não sejam insolentes para com todos.

A partir do que foi mostrado sobre o discurso dialógico dentro das obras *O vermelho e o negro* e *As cabeças trocadas*, é que se pretende abordar os estudos de Bakhtin, para assim possibilitar o entendimento de como o discurso acontece nas obras analisadas.

1.1 Enunciados: A Junção Entre o Mundo Real e o Subjetivo

O que faz da palavra uma palavra é a sua significação.
MIKHAIL BAKHTIN

O objetivo desse tópico é o de delinear como os enunciados são mostrados nas obras literárias *corpus*, levando-se em consideração a teoria de Bakhtin, pois os enunciados revelam concepções, valores e intenções que só são conhecidos quando são mostrados, já que eles se classificam como conjunto de palavras organizadas de acordo com um modo de entender o mundo.

Assim, a análise de *As cabeças trocadas* e *O vermelho e o negro* será indagadora, a partir da teoria de Bakhtin, a respeito do enunciado e de como ele se faz presente nessas literaturas.

Pretende-se mostrar como a estrutura do enunciado nas narrativas auxilia a confirmação da maneira como o enunciador entende as relações das pessoas com o mundo, e ainda como a obra literária aproxima o mundo real do mundo subjetivo que são os livros, permitindo a experiência do discurso dialógico presente nas escrituras, pois se sabe que todo enunciado é constituído de uma materialidade e faz parte de um jogo enunciativo do qual a história também é constituída. A materialidade da história se dá na materialidade dos enunciados que, por sua vez, se concretizam num dado espaço social, temporal e ideológico.

Outro aspecto relevante no estudo desse processo é observar a presença do outro a quem a linguagem se orienta. Na análise das obras vê-se que o discurso das personagens mistura-se com o discurso religioso e que se configura pela orientação do dizer ao enunciatário. Observe-se como o discurso religioso das personagens Chélan e Julien se faz presente no enunciado no trecho da obra *O vermelho e o negro*.

[...] Esse comportamento que no mundo se chama saber viver, pode para um leigo não ser absolutamente incompatível com a salvação; mas em nosso caso é preciso optar; trata-se de fazer fortuna neste mundo ou no outro, não existe meio termo. (STENDHAL, 2008, p.64)

Há no excerto acima um tom voltado à religiosidade. Por meio da fala de Chélan, observa-se que não é possível a um futuro padre (Julien) se envolver com questões mundanas, é preciso fazer a escolha de renunciar a tudo e buscar a si, somente a si, em Deus e nas coisas que Dele provêm, como é deixado claro no 1º mandamento do Cristianismo, “Amar a Deus sobre todas as coisas”. Em seguida, Chélan deixa claro seu posicionamento a Julien:

[...] Entrevejo com tristeza no fundo do seu caráter, um ardor sombrio que não me anuncia a moderação e a renúncia perfeita às vantagens terrestres necessárias a um padre, espero muito de seu espírito, mas permita que lhe diga, acrescentou o bom cura com lágrimas nos olhos, na condição de padre temerei por sua salvação. (STENDHAL, 2008, p.64)

Neste fragmento, as atitudes de Julien são avaliadas pelo abade Chélan e ele pondera, mostrando que a personagem só se tornará um bom padre se conseguir renunciar às vantagens terrenas, e ainda argumenta que, se Julien não agir desse modo digno consigo mesmo e com sua vocação, poderá sofrer graves problemas.

Tais excertos, acima analisados, evidenciam o que afirma Bakhtin, no livro *Estética da criação verbal*:

O enunciado não é uma unidade convencional, mas uma unidade real, precisamente delimitada da alternância dos sujeitos do discurso, a qual termina com a transmissão da palavra ao outro, por mais silencioso que seja o “dixi” percebido pelos ouvintes [como sinal] de que o falante terminou. (BAKHTIN, 2006a, p. 275).

Em termos gerais, o enunciado lido, para ser compreendido, deve ser acompanhado de uma resposta, uma atitude responsiva ativa. A compreensão é apenas uma fase inicial, introdutória e preparatória para que o sujeito, enquanto leitor, possa ser um produtor de respostas. O autor considera o enunciador sendo quem fala ou quem escreve e o enunciatário sendo quem ouve ou quem lê. Para tal comprovação veja o diálogo entre Nanda e Shridaman, em *As cabeças trocadas*:

_ Desde que nós dois, no sítio dos banhos sagrados da *Devi*⁹, espiamos aquela donzela desnuda e todavia virtuosa, a mesma que tu outrora balançaste em direção ao Sol, Sita, filha de Sumantra, desde então fixou-se em minha alma o germe de um sofrimento, que provém de um sofrimento, que provém de sua nudez tanto como de sua virtude, tendo sua origem na combinação de ambas. Ele cresceu, de hora em hora, a ponto de penetrar-me todos os membros até as mais íntimas ramificações; consumiu minhas energias mentais; privou-me do sono e do apetite e, lenta mas implacavelmente, me destrói (MANN, 1987, p. 43).

Neste recorte tem-se a presença de um enunciador, a personagem Shridaman, que está falando a respeito de seus verdadeiros e puros sentimentos destinados a Sita, mulher que ele apenas viu, nem mesmo chegou a conhecê-la, porém ela despertou nele um grande amor à primeira vista. Percebe-se ainda a presença de um enunciatário, que é a personagem Nanda, ouvinte do sofrimento de seu grande e fiel amigo, o qual relata o desejo pela moça, baseado apenas na beleza e na pudicícia dela, sentimento inconcebível, tão inimaginável que iria muito além daquilo que cabe a um ser humano.

Neste viés, nota-se que o primeiro e mais importante dos critérios de finalização do enunciado é a possibilidade de responder, mais especificamente, de adotar uma atitude responsiva para com ele. É de suma relevância uma finalização para tornar possível uma reação ao enunciado. É a totalidade acabada do enunciado que proporciona a possibilidade de resposta. Conforme Cleudemar Fernandes evidencia: “Os enunciados apreendidos em dada materialidade lingüística explicitam que o discurso constitui-se da dispersão de acontecimentos e discursos outros, historicamente marcados, que se transformam e modificam-se” (FERNANDES, 2005, p. 49).

Essa previsibilidade de resposta é mostrada em *O vermelho e o negro* quando a personagem Julien a faz, após as indagações do padre Chélan, a respeito de sua vocação para tal sacerdócio. Julien se vê plenamente emocionado, pois se sente amado pelo cura. Porém, se julga tolo por não conseguir enganá-lo sobre sua vocação. O fragmento a seguir transcrito corrobora essa análise: “[...] julga-me indigno de ser padre, e isso exatamente quando eu imaginava que o sacrifício de cinquenta luíses de renda ia dar-lhe a mais alta idéia de minha piedade e de minha vocação.” (STENDHAL, 2008, p.65)

Ademais, o enunciador também corresponde nesse processo de compreensão,

⁹ Grifo do autor;

visto que o enunciado é uma réplica de um diálogo que está presente em outros enunciados que circundam o mundo.

Neste sentido, Bakhtin ressalta que

todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo. Os próprios limites do enunciado são determinados pela alternância dos sujeitos do discurso. Os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e refletem mutuamente uns nos outros. Esses reflexos mútuos lhes determinam o caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela o rejeita, confirma completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. Porque o enunciado ocupa uma posição *definida* em uma dada esfera da comunicação, em uma dada questão, em um dado assunto, etc. É impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições. Por isso, cada enunciado é pleno de variadas atitudes responsivas a outros enunciados de dada esfera da comunicação discursiva. Essas reações tem diferentes formas. (BAKHTIN, 2006a, pp. 296-297).

Dessa forma, o enunciado não é apenas um conceito formal, mas é visto sempre como um acontecimento. Ele está sempre unido a uma situação histórica, definindo vozes de outros enunciados, estabelecendo assim um novo diálogo. Todo enunciado demanda outro a que responde ou outro que o responderá, contudo, ninguém o cria sem que seja para ser respondido. Toda linguagem só existe num complexo sistema de diálogos que nunca cessa.

Vale ressaltar que, se o enunciado é pleno de variadas atitudes, então o que muda é a situação distinta em cada um. Neste prisma, Bakhtin defende que a comunicação discursiva deve sempre levar em consideração o outro, já que

nesse caso, o ouvinte ao perceber e compreender o significado linguístico do discurso ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante [...] toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. (BAKHTIN, 2006a p.271).

O autor esclarece que o próprio locutor não é o primeiro locutor de um discurso. Seu enunciado pressupõe não só a existência de enunciados anteriores vinculados aos seus, como também supõe que o ouvinte irá compreendê-lo.

Logo, o enunciado é sempre uma resposta a outro anterior. O locutor mantém relação não só com o objeto da enunciação, como também com os enunciados dos outros. Qualquer enunciado está sempre em busca de uma resposta, de uma atitude responsiva do outro. “Ter um destinatário, dirigir-se a alguém, é uma particularidade constitutiva do enunciado, sem a qual não há, e não poderia haver enunciado” (Bakhtin, 2006a, p. 325).

Observa-se que o exemplo a seguir elucida a constituição de um enunciado, dada a resposta do cura Chélan a seu amigo Julien, no que diz respeito ao seu desejo de ser padre:

_ Tome cuidado, meu filho, com o que se passa em seu coração, disse o cura franzindo a testa; felicito-o por sua vocação, se é a ela apenas que deve o desprezo a uma fortuna mais que suficiente. Há cinquenta e cinco anos sou cura de Verrières e todavia, ao que tudo indica, vou ser destituído. Isso me aflige e contudo, tenho uma renda de oitocentas libras. Se pensar cortejar os homens de poder, sua perda eterna está garantida. Poderá fazer fortuna mas terá de prejudicar os miseráveis, lisonjear o subprefeito, o prefeito, o homem de consideração e servir suas paixões; esse comportamento que no mundo se chama saber viver, pode para um leigo não ser absolutamente incompatível; mas em nosso caso é preciso optar [...] (STENDHAL, 2008, p. 64)

O sentido do enunciado, por sua vez, se realiza pelo lugar em que está inserido cada sujeito e pelas imagens que os sujeitos fazem uns dos outros, além das imagens que têm de si mesmos, conforme preconiza o cura Chélan a Julien “[...] Entro nestes pormenores para que você não alimente ilusões ao que o espera na condição de padre [...]”(STENDHAL, 2008, p. 64). Assim, surge a ideia de o enunciado ser a unidade elementar de todo discurso e de ser também um conjunto de signos em função enunciativa, já que o enunciado é a própria materialização do discurso. Observe-se o transcrito a seguir:

Cada enunciado isolado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. Ele tem limites precisos, determinados pela alternância dos sujeitos do discurso (dos falantes), mas no âmbito desses limites o enunciado reflete o processo do discurso, os enunciados do outro, e antes de tudo os elos precedentes da cadeia (às vezes os mais imediatos, e vez por outra até os muito distantes – os campos da comunicação cultural) (BAKHTIN, 2006a, p. 299).

O enunciado está para o que ele enuncia, ou seja, as relações linguísticas são inerentes a ele, porém, as relações que envolvem os sujeitos da história constituem

o enunciado. Desse modo, o sentido desta proposição é constituído pela interação de diversas vozes dependentes e vindas dos vários contextos, conforme estão bem explicitados na obra *O vermelho e o negro*, no capítulo VII.

Esta proposição está demonstrada pelo narrador no trecho a seguir:

As crianças o adoravam, ele não gostava delas; seu pensamento estava em outro lugar. Tudo quanto aqueles fedelhos pudessem fazer jamais o impacientava. Frio, justo, impassível e todavia amado, pois sua chegada tinha de certa forma banido o tédio da casa, foi um bom preceptor. Quanto a ele, só sentia ódio e horror à alta sociedade em que fora admitido, na verdade, na ponta de baixo da mesa, o que explica, talvez, seu ódio e horror. Houve certos jantares de cerimônia, nos quais só pode conter com grande esforço seu ódio por tudo que o cercava [...] (STENDHAL, 2008, p.55)

No fragmento transcrito, o enunciado é constituído de diversas vozes, oriundas de vários contextos. Tem-se primeiramente a voz do narrador elucidando os fatos, depois a voz das crianças – filhos do prefeito da cidade de Verrières - que adoravam a presença da personagem Julien, que ora fora designado como preceptor delas e assim cuidaria da educação e do zelo dos filhos do Senhor de Rênal. Por conseguinte, tem-se a voz da personagem Julien que se sentia entediado com tal atribuição dada a ele, de preceptor, e mais ainda por se sentir “renegado” na alta sociedade em que, todavia, fora admitido.

Nessa interação de diversas vozes, há a avaliação positiva da personagem secundária Elisa, a respeito de Julien: “Elisa, a criada de quarto da Senhora de Rênal, não deixou de apaixonar-se pelo jovem preceptor; e muitas vezes falava dele à sua patroa. Esse amor de Elisa valeu a Julien o ódio de um dos lacaios.” (STENDHAL, 2008, p. 55). Tal enunciado mostra qual a imagem de sujeito que a personagem Elisa considera a respeito do funcionário recém-contratado.

Tal processo é visto por Bakhtin como fruto de interação e não como um sistema monológico. O autor afirma que

[...] a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações* e pelas *enunciações*. (BAKHTIN, 2006b, p.127)

O enunciado mostrado por Bakhtin, assim percebido, é construído de forma

interativa, considerando as atitudes responsivas das quais é concretizado. A função dos outros, para quem se constrói o enunciado, é imensamente grande. Esses outros não são ouvintes passivos, pois desde o início o sujeito espera uma resposta e uma ativa compreensão responsiva.

Em *O vermelho e o negro*, a personagem principal, Julien, por meio dos enunciados mostra a voz que dele ecoa, a partir da posição em que se encontra enquanto sujeito no processo de interação verbal. E a função dos outros nesse processo de interação se faz mediante a presença do severo abade Pirard, evidenciando como as atitudes responsivas se concretizam no discurso:

_ O Senhor abade Chas-Bernard escreve-me a seu favor. Estou bastante satisfeito com o conjunto de sua conduta. O Senhor é extremamente imprudente e mesmo estouvado, sem que pareça; no entanto, até aqui o coração é bom e até generoso; tem um espírito superior. No total, vejo no senhor uma centelha que não convém negligenciar. Após quinze anos de trabalho, estou a ponto de sair desta casa; meu crime é ter deixado os seminaristas entregues a seu livre arbítrio, e não ter protegido nem desservido essa sociedade secreta da qual me falou no tribunal da penitência. Antes de partir, quero fazer alguma coisa pelo senhor; [...] nomeio-o explicador do Novo e do Antigo Testamento. (STENDHAL, 2008, p.196)

Ao ser elogiado pelo abade Chas-Bernard, a personagem Julien se vê agraciado como explicador do Novo e do Antigo Testamento no Seminário em que estava estudando. Sorel sentia-se diferente dos outros jovens camponeses, pois ele tinha outros anseios bem diferentes dos seus irmãos e colegas de cidade de Verrières. Julien sentiu-se louco de alegria, pois fazia tempo que não ouvia uma voz amiga e aquele era o primeiro êxito que obtinha no Seminário, e com isso teria imensas vantagens. Ele poderia jantar sozinho ou quase sozinho, uma hora depois dos outros seminaristas, possuiria também uma chave do jardim e poderia passear nele nas horas em que estivesse deserto.

O conhecimento de mundo partilhado pelo abade Chas-Bernard com a personagem Julien sugere que há uma inter-relação entre locutor – o Chas-Bernard e seu interlocutor Sorel no excerto acima demonstrado, pela vivência que tiveram. Isso o leva a ter uma visão diferente das outras que tivera até então. Dessa forma, o severo abade Pirard chama Julien e mostra que será privilegiado no decorrer de sua passagem pelo seminário, como comprova o trecho: “Antes de partir, quero fazer

alguma coisa pelo senhor; [...] nomeio-o explicador do Novo e do Antigo Testamento” (STENDHAL, 2008, p.196).

Bakhtin (2006 a, p.329) afirma que o enunciado estabelece uma ação e uma interação entre os interlocutores. Segundo ele,

Todo enunciado pretende a justiça, a veracidade, a beleza e a verdade, etc. Esses valores dos enunciados também não são determinados por sua relação com a língua (como sistema puramente linguístico) mas por diferentes formas de relação com a realidade, com o sujeito falante e com outros (alheios) enunciados (particularmente com aqueles que são avaliados como verdadeiros, belos, etc). (BAKHTIN, 2006 a, pp.329-330).

Em *As cabeças trocadas*, as personagens Nanda e Shridaman também estão inseridas nessa construção do enunciado de modo interativo, por meio das atitudes responsivas, nas quais ele se concretiza. Para tal análise, considere o seguinte trecho da conversa que discorre entre eles:

_ se tua amizade é sincera _ disse a Nanda, sempre naquela voz abafada e, todavia vibrante de feroz agitação _ , presta-me o derradeiro obséquio carinhoso de preparar-me a cabana de lenha, para que me sente nela e as chamas me consumam. Pois uma doença que não tem cura abrasa-me no meu íntimo com tamanhos tormentos que, comparado com eles, o calor do fogo há de parecer-me um bálsamo aliviador e um repousante banho em águas sagradas.

_ Oh, deuses supremos, que lhe aconteceu?! _ Pensou Nanda ao ouvir isso. Cumpre, no entanto, constatar que, sem embargo do nariz de cabra e do físico avantajado, que o colocavam a meio entre as pessoas de baixa casta, das quais adquiriria o minério, e Shridaman, neto dos brâmanes, ele se mostrava à altura da situação difícil e não perdia a cabeça em face do estado mórbido do amigo. Pelo contrário, aproveitou a superioridade de que o não-doente desfruta em confronto com o enfermo, e pondo-a lealmente a serviço deste, soube falar-lhe compreensiva e sisudamente, sempre reprimindo seu assombro (MANN, 1987,p.41)

Ao se analisar esse diálogo, identifica-se através dos enunciados o processo de interação verbal por meio das enunciações e pelas enunciações; esse fenômeno social se realiza de modo interativo entre as personagens Shridaman e Nanda; nessa relação se concretiza a função dos outros, sendo sujeitos que aguardam uma resposta, uma ativa compreensão responsiva.

Uma questão importante a ser evidenciada sobre o enunciado é que para Bakhtin, “[...] um enunciado singular a despeito de toda a individualidade e do caráter criativo, de forma alguma pode ser considerado uma *combinação absolutamente livre* de formas da língua [...]” (BAKHTIN, 2006a, p. 285). Sendo

assim, a interação de linguagem constitui a realidade fundamental da língua, ou seja, a interação estrutura o sistema.

Na obra *manniana*, a interação da língua se destaca no excerto que dá início ao capítulo V, por meio das palavras do narrador. Nesse trecho, o autor relata a visita que as personagens Shridaman, Nanda e Sita vão fazer à família da moça, seis meses depois, já que esta não a via desde o seu casamento com Shridaman:

Oxalá os que ouvem esta história, talvez iludidos por seu desenrolar até agora ameno, não caiam na armadilha de uma interpretação errônea de seu verdadeiro caráter! Durante o silêncio que interrompeu a narrativa, esta desviou seu rosto, e quando tornar a mostrá-lo, já não será a mesma: sua fisionomia ter-se-á transformado numa horripilante máscara de semblante assustador, terrível, que petrifica e provoca alucados atos de auto-sacrifício. (MANN, 1987, p.51)

Nesse fragmento, Shridaman, Nanda e Sita se vêm próximos, mas isolados uns dos outros, pois se fizessem uso da interação da linguagem se “denunciariam” no que diz respeito aos pensamentos que os atordoavam a todo instante. Nanda, servindo de cocheiro do casal, parecia estar atento ao caminho que estava trilhando, pois não conversava com os seus passageiros. Já o casal sentado atrás se conservava silencioso, e assim avançavam pela estrada. Parece que até pressentiam a tragédia que estava por vir.

Enfim, ressalta-se que todo enunciado está sempre em busca de uma resposta, de uma atitude responsiva do outro e das imagens que os sujeitos fazem uns dos outros. E a constituição do sujeito se realiza por meio do fenômeno social da interação verbal: os personagens estão interligados no processo dialógico.

No subcapítulo seguinte se mostrará como a formação dos sujeitos se realiza nas obras *manniana* e *stendhaliana*.

1.2 Formação do Sujeito e a Religiosidade

A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais.

MIKHAIL BAKHTIN

Na formação do sujeito nas obras literárias *O vermelho e o negro* e *As cabeças trocadas*, pode-se evidenciar a teoria bakhtiniana, isto é, o pacto dialógico

entre o sujeito e o outro no processo discursivo, visto que o sujeito nessa perspectiva é constituído através da interação com o outro. A constituição do outro se realiza por meio de um discurso responsivo, pelos elos que compõem o contexto social e pelas ideologias presentes. Tanto em uma quanto em outra obra as personagens são representações de um sujeito social atingido por essa formação.

Assim sendo, a constituição se concretiza por meio de relações existentes entre as personagens e o contexto a que são pertencentes. Na obra *As cabeças trocadas*, o narrador deixa claro o que Bakhtin aponta como dialogismo, pois apresenta a constituição de um sujeito entrelaçado a um sujeito enraizado no discurso religioso presente no livro sagrado indiano, *Bhagavad Gita*, e nos diálogos já existentes, formando os elos para um novo texto.

O sujeito se compõe a partir de diversas vozes que estão simultaneamente em concerto, não podendo assim desafinarem. Desse modo, esse sujeito se constitui por meio do fenômeno social da interação verbal e de sua relação com o outro. Tal processo é chamado de dialogismo.

Destarte, a formação do sujeito em *As cabeças trocadas* e *O vermelho e o negro* se concebe em sua heterogeneidade enquanto efeito de linguagem. Segundo o conceito bakhtiniano, a relação do sujeito com o outro é interior. E é a duplicidade da palavra, de um lado sendo representativa de um diálogo consensual entre indivíduos e, de outro, do discurso sendo interior dos sujeitos, que evidencia a interioridade de relação entre o sujeito e o outro. Para Bakhtin,

Há outra propriedade da palavra que é da maior importância e que a torna o primeiro meio da consciência individual. Embora a realidade da palavra, como a de qualquer signo, resulte do consenso entre os indivíduos, uma palavra é, ao mesmo tempo, produzida pelos próprios meios do organismo individual, sem nenhum recurso a uma aparelhagem qualquer ou a alguma outra espécie de material extracorporal. Isso determinou o papel da palavra como material semiótico da vida interior, da consciência. (BAKHTIN, 2006a, pag. 37)

De acordo com o teórico, esse outro participa efetivamente na constituição do sujeito tanto quanto a materialização discursiva e da linguagem. Sendo assim, não há relação monológica do discurso, já que a relação do eu com o outro é anterior à produção discursiva e intimamente ligada a ela.

Se o papel da palavra é determinado como papel semiótico da vida interior, da consciência, então é na apropriação da cultura que o sujeito se constitui. Isso

pressupõe que, sem a aquisição da cultura, o indivíduo¹⁰ é apenas um ser da natureza.

Pode-se elucidar a afirmação supracitada por meio do trecho de *As cabeças trocadas* em que a personagem Nanda diz já conhecer a personagem principal Sita, explicando que ela é a filha de Sumantra, ambos moradores de uma aldeia vizinha, Sede dos Touros Gibosos. Inclusive Nanda afirma a Shridaman que a balançou nos braços dele rumo ao sol em uma primavera passada. Convém apresentar, nesse momento, o excerto com os dizeres de Nanda sobre essa passagem:

_ Pois é, já te disse – confirmou Nanda. _ Ela foi eleita para noiva do Sol na primavera passada, quando eu me encontrava na sua aldeia, e a fim de ajudar ao Sol, balancei-a tão alto rumo ao céu que lá de cima mal se ouviam seus gritos, que, de qualquer jeito, eram abafados pelo vozeiro geral. (MANN, 1987, p.30)

Tem-se, também, a formação do sujeito referente à personagem Shridaman que, de acordo com o narrador, já completara vinte e um anos e fora cingido com o cordão sagrado e acolhido na comunidade em que nascera. A personagem Nanda também fora cingido com o cordão sagrado e acolhido na comunidade, só que estava com dezoito anos, sendo considerado o mais jovem. Eles eram duas pessoas diferentes, tanto com relação ao físico quanto à casta. O narrador acrescenta ainda que

o jovem Shridaman era comerciante e filho de comerciante. Nanda, por sua vez, era ferreiro e pastor de gado, já que seu pai, Garga, não somente mantinha reses no curral ou no campo, mas também manejava o martelo e ataçava o fogo da forja com o leque de penas. Quanto ao progenitor de Shridaman, de nome Bhavabhuti, descendia pelo lado paterno de uma estirpe de brâmanes versados no Veda, o que absolutamente não se dava com Garga e seu filho Nanda. (MANN, 1987, p. 07).

Mais adiante, evidencia-se a formação da outra personagem protagonista, Sita, com uma formosura que só a ela pertence. Na obra, são elencadas suas características no momento em que Nanda e Shridaman a veem pela primeira vez, quando descia para o banho. Eles estavam num lugar privilegiado, pois ela não

¹⁰ O conceito de indivíduo em Dostoiévski tem um sentido filosófico muito particular: é um ser situado numa fronteira, num limiar em que interage com o outro, de quem recebe muitos adendos à sua personalidade e à sua consciência e a quem ele também transmite adendos similares. É o indivíduo em convívio, entre uma multiplicidade de consciências, o indivíduo em processo de construção dialógica. (Nota do Tradutor, BAKHTIN 2006a, p.340)

podia vê-los. A personagem fora assim caracterizada pelo narrador:

Suas formas maravilhosas correspondiam às ideias de Brama: adoráveis espáduas iguais às de uma garotinha; a encantadora curva das cadeiras, que circundavam a ampla bacia; seios virginais e firmes; exuberantes nádegas a estreitarem-se mais acima no fino, gracioso dorso, que se arqueava delicadamente, pois a moça erguia os flexíveis braços, cruzando as mãos na nuca e exibindo a sombra de tenras axilas. (MANN, 1987, p.26)

Em *O vermelho e o negro*, Julien, personagem principal, se apresenta para a Senhora de Rênal a partir de um indivíduo por ele criado, na seguinte passagem do livro:

Me chamo Julien Sorel, senhora; tremo ao entrar pela primeira vez em uma casa desconhecida [...] Nunca estive no colégio, era muito pobre; nunca falei com outras pessoas a não ser com meu primo, o cirurgião-mor, membro da Legião de Honra, e o senhor cura Chélan. Ele poderá ser um bom testemunho de mim. Meus irmãos sempre me bateram, não acredite caso eles lhe falem mal de mim, perdoe minhas faltas, senhora, nunca terei má intenção. (STENDHAL, 2008, p. 50).

As reflexões de Bakhtin sobre o papel do outro corroboram as palavras: “Eu não posso me tornar eu mesmo sem o outro; eu devo encontrar a mim mesmo no outro, encontrar o outro em mim [...]” (BAKHTIN, 2006a, p.342). Dessa forma, é a partir de tal descrição que o sujeito Julien passa a existir para a Senhora de Rênal, pois a presença do outro possibilita ao sujeito definir seus contornos desde o seu olhar e de sua atribuição de significado aos gestos e olhares do sujeito. Isso torna o outro uma necessidade para o ser humano.

Assim, a palavra sempre se dirige a alguém e espera que se estabeleça o diálogo:

Isso decorre da natureza da palavra, que sempre quer ser *ouvida*, sempre procura uma compreensão responsiva e não se detém na compreensão *imediata*, mas abre caminho sempre mais à frente (de forma ilimitada). Para a palavra (e conseqüentemente para o homem) não existe nada mais terrível do que a *irresponsividade*¹¹. (BAKHTIN, 2006a, p.333).

O filósofo anuncia que a palavra sempre busca uma resposta, o significado que se faz a respeito dela, logo, o outro permite ao sujeito ver e ser visto, e foi assim

¹¹ *Grifos do autor.*

que sucedeu com relação à Senhora de Rênal: Julien se fez visto, como evidencia tal passagem do livro mostrada pelo narrador:

[...] Ela sentiu-se tranqüila com a presença de Julien e enquanto o examinava, esqueceu-se que tivera medo dele. Julien não pensava nela, absolutamente; apesar de sua desconfiança do destino e dos homens, naquele momento sua alma era a de uma criança; [...]. (STENDHAL, 2008, p. 52).

No aludido fragmento, percebe-se a reciprocidade de influências entre o eu e o outro através de um processo de experiências interpessoais que é continuamente realimentado. Isso se estabelece, por sua vez, por meio da consciência que o sujeito tem de si mesmo e de sua construção em face do outro e que se revela pela e na linguagem. A personagem Senhora de Rênal é assim caracterizada pelo narrador:

Era uma mulher alta, bem feita, tinha sido a beleza da região, como se diz naquelas montanhas. Tinha certo ar de simplicidade e de mocidade no andar; aos olhos de um parisiense, aquela graça ingênua, cheia de inocência e vivacidade, chegaria até a suscitar ideias de suave volúpia. (STENDHAL, 2008, p.36)

Mais adiante, na segunda parte do livro *O vermelho e o negro*, constata-se a formação do sujeito participante de modo decisivo na narrativa: Mathilde, Senhorita de La Mole, uma moça bela, de dezenove anos, com grandes olhos azuis, com bom gosto na maneira de vestir, que deixara Julien - o jovem seminarista - totalmente enamorado por ela, e ela também se viu encantada por Sorel. Isso pode ser percebido no excerto a seguir:

[...] o coração da jovem, já naturalmente frio, entediado, sensível à inteligência, se tornou tão apaixonado quanto sua natureza lhe permitia. Mas havia também muito orgulho no caráter de Mathilde, e o nascer de um sentimento que fazia toda sua felicidade depender de outra pessoa, foi acompanhada de sombra tristeza. (STENDHAL, 2008, p.303)

Dessa forma, o sujeito da enunciação se expressa a partir do cruzamento de intenções, de opiniões e de pontos de vista alheios; ele jamais é o representante de si mesmo, instituindo-se como voz em função de um grupo ou de um conjunto de ideias que adota ou que contesta.

Todavia, em *As cabeças trocadas* esse cruzamento de intenções é evidenciado no seu sentido lato, pois as personagens Shridaman e Nanda ficaram

encantados pela beleza da moça (Sita) sem ao menos conhecê-la, ressaltando ainda que ela nem sabia que estava sendo espiada no ritual do banho, algo tão corriqueiro no seu dia a dia, como é destacado pelo narrador no trecho a seguir:

[...] do lindo corpo molhado caíam borrifos. Mas nem por isso terminou o privilégio que o sítio acolhedor concedia aos amigos, uma vez que, depois do banho, a moça mundificada sentou-se nos degraus, para que o sol a secasse, e a ilusão de estar totalmente sozinha fez com que os encantos naturais de seu corpo se exibissem nas posições mais graciosas. Somente depois de ter passado bastante tempo assim, voltou ela a vestir calmamente suas roupas. Em seguida, subiu a escadaria e desapareceu no templo. (MANN, 1987, p.29)

Vê-se que existe a formação de um sujeito o qual é colocado num primeiro momento como algo inatingível a partir de sua beleza e encantamento por eles relatado, uma vez que no parágrafo seguinte as personagens deixam claro que depois de a contemplarem, eles puderam então falar e mexer. Para Nanda, a situação já estava se tornando enfadonha e ele nos explica por quê: “_ Acabou a festa _ disse Nanda. _ Bem agora podemos pelo menos falar e mexer-nos. Depois de algum tempo, fica enfadonho fingir não estar presente” (MANN, 1987, p.29).

Bakhtin consagra tal afirmação mostrando como a constituição do sujeito se dá ao dizer que: “Ser significa ser para o outro e, através dele, para si. O homem não tem território interior soberano, está todo e sempre na fronteira, olhando para dentro de si ele olha *o outro nos olhos ou com olhos do outro*¹²”. (BAKHTIN, 2006a, p. 341). Em *As cabeças trocadas*, Shridaman explica que, ao contemplar um espetáculo, o ser deve se entregar inteiramente a ele, pois se sente responsável por algo sagrado; que foi o que ocorreu naquele instante, quando estava a admirar a moça mundificada cumprir seu ritual diário. Segundo Shridaman:

_ Será que existe maior bem-aventurança do que a que nos permite perdenos na contemplação de um espetáculo semelhante, entregando-nos inteiramente a ele? Eu, por mim, teria gostado de prender a respiração o tempo todo, não por receio de que ela pudesse subtrair-se a meus olhos, mas sim pelo temor de privá-la da certeza de que por aí não houvesse mais ninguém [...] (MANN, 1987, p.29).

É pertinente ressaltar que é na apropriação da cultura que o sujeito se constitui. Antes disso, o indivíduo é apenas um ser da natureza, e esse momento só se altera

¹² Grifo do autor.

quando se inicia a inter-relação com o outro. Bakhtin assim pensa sobre o papel do outro: “Eu não posso passar sem o outro, não posso me tornar eu mesmo sem o outro; eu devo encontrar a mim mesmo no outro, encontrar o outro em mim (...)” (BAKHTIN, 2006a, p. 342). O narrador ao descrever a amizade dos jovens em - *As cabeças trocadas* - mostra com clareza o mesmo pensamento ao dizer que: “A amizade dos dois jovens baseava-se nas diferenças de seus sentimentos relativos ao eu e ao meu. Os de um ansiavam pelos do outro.” (MANN, 1987, p.06).

Ao dizer que os sentimentos de um ansiavam pelos do outro, o narrador comprova o pensamento de Bakhtin anteriormente citado, segundo o qual um sujeito não pode se tornar sujeito sem o outro. A presença do outro possibilita ao sujeito definir seus contornos a partir do olhar do outro e de sua atribuição de significado aos gestos e olhares do sujeito. O escritor russo afirma que cada sujeito é complemento do outro: “A palavra do outro coloca diante dos indivíduos a tarefa especial de compreendê-la (essa tarefa não existe em relação à minha própria palavra ou existe em seu sentido outro)” (BAKHTIN, 2006a, p. 379).

Em *O vermelho e o negro*, a personagem Julien se sente complemento do outro, pois através das palavras do cura Chelán, o protagonista se sentiu, pela primeira vez, amado e envergonhado por estar demonstrando tanta emoção, como se comprova no trecho: “ Julien sentia vergonha de sua emoção; pela primeira vez na vida se via amado; chorava com gosto e foi esconder suas lágrimas no grande bosque de Verrières (STENDHAL, 2008, p. 64).

Em concordância com o que foi analisado acima, vê-se que o sujeito é um ser social, ativo na constituição da língua, a partir da interação verbal relacionado ao outro. Portanto, o sujeito se mostra como um ser de ações concretas, tanto locutor quanto interlocutor no processo de interação: são condutores e ouvintes das diversas vozes que os permeiam e os fazem ouvir dentro da sociedade. Essas vozes que são mostradas histórica, cultural e socialmente mudam ao longo da história. Nesse ínterim, os processos sociais fazem com que os sentidos das palavras se transformem também, mas tudo isso só ocorre pelos sujeitos em interação verbal.

Apresentados os pressupostos teóricos dentro das obras literárias, passar-se-á a destacar, no capítulo seguinte, o processo intertextual de Bakhtin adotado na condução deste trabalho.

2 O PROCESSO INTERTEXTUAL

Tudo que é dito, tudo que é expresso por um falante, por um enunciador, não pertence só a ele. Em todo discurso são percebidas vozes, às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, assim como as vozes próximas que ecoam simultaneamente no momento da fala.

MIKHAIL BAKHTIN

A investigação proposta se constrói a partir das narrativas de Mann e Stendhal, as quais participam de um núcleo, considerando alguns aspectos do conceito de intertextualidade, dentre eles: a citação, a alusão e a epígrafe que serão aqui ressaltados.

Ao se ler uma narrativa pela primeira vez, pode-se perceber que ela não é totalmente nova. Existem alguns termos nela que fazem lembrar outras leituras já realizadas. O que faz parte do conhecimento do leitor no contexto em que está sendo lido colabora para a sua compreensão, e às vezes o autor também dá pistas de tal recurso intertextual. O texto está sempre em diálogo com outros textos. Observe-se a epígrafe presente no livro segundo, capítulo XII – Seria um Danton? -, da obra *O vermelho e o negro*:

A sede da ansiedade, tal era o caráter da bela Margarida de Valois, minha tia, que logo se casou com o rei de Navarra, que vemos atualmente reinar na França com o nome de Henrique IV. A necessidade de jogar constituía todo o segredo de caráter dessa princesa amável; daí suas brigas e reconciliações com seus irmãos desde a idade de dezesseis anos. Ora, que pode jogar uma jovem? O que ela possuía de mais precioso: sua reputação, a consideração de toda a sua vida. (STENDHAL, 2008, p. 296)

Pode-se dizer que todo e qualquer texto é alicerçado a partir de outro texto, ou seja, o texto pode apresentar informações novas e também informações que já fazem parte do conhecimento do leitor.

O texto é o espaço de interação social entre o leitor e a obra. Mesmo sendo de épocas diferentes, eles se interagem socialmente. Como afirma Ingedore Koch:

[...] o texto como lugar de constituição e de interação de sujeitos sociais, como evento, portanto, em que convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais (Beaugrande, 1997), ações por meio das quais se constroem interativamente os objetos-do-discurso e as múltiplas propostas de sentidos, como função de escolhas operadas pelos co-enunciadores entre as

inúmeras possibilidades de organização que cada língua lhes oferece [...] (KOCH, 2002, p.09).

O sujeito, ao produzir discursos, interage socialmente por meio das palavras de outros sujeitos, como se pôde perceber no subcapítulo anterior. Para fundamentar o estudo proposto a respeito da intertextualidade, Julia Kristeva (1974) ressalta que o termo surgiu a partir dos estudos introduzidos por Bakhtin sobre o caráter dialógico da língua, mostrando como o processo intertextual ocorre nos estudos literários. A autora explica que todo texto é um mosaico de citações, todo texto é uma retomada de outros textos. Isso pode acontecer desde uma simples vinculação a um gênero até a retomada explícita de um determinado texto.

Ainda sobre essa definição, Roland Barthes afirma que

todo texto é objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior sobre seu exterior, e desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a se que opõe. Ou seja [...] todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob forma mais ou menos reconhecíveis. (BARTHES, apud Koch 1997, p.46)

O autor ressalta que a intertextualidade consiste em partes de textos já existentes para a criação de novos textos. Sendo assim, todo texto de certo modo é um intertexto, já que o leitor é remetido a outros textos a partir de uma espécie de apropriação ou diálogo, algo novo.

A intertextualidade é dividida em dois tipos: explícita e implícita. O primeiro ocorre quando o autor apresenta a fonte do intertexto, quando a citação é clara e visível no texto novo, sobre os quais o autor tece o seu argumento; o segundo ocorre quando a citação não está com a fonte explícita no texto e cabe ao leitor a tarefa de identificá-la, relacioná-la e interpretá-la, pois supõe que exista um texto anterior, sendo apenas retomado.

Atentando-se aqui aos tipos de intertextualidade referidos por Koch, interessam a esse trabalho as relações intertextuais em sentido amplo - relações explícitas e implícitas -, em virtude de as obras literárias que são o *corpus* dessa dissertação terem manifestações claras de intertextualidade.

A partir das considerações teóricas esboçadas, volta-se para a análise dos romances em questão. Em *O vermelho e o negro*, Stendhal faz uso do intertexto explícito, já que ao início de cada capítulo faz uso da epígrafe, colocando quem é o

autor de cada uma delas. No *Livro Primeiro*, cita Danton: “A verdade, a áspera verdade” (STENDHAL, 2008, p.27). Para Stendhal a verdade queria dizer, antes de qualquer coisa, recusa de qualquer embelezamento.

A intertextualidade, sob o prisma bakhtiniano, se caracteriza primordialmente como dialógica, isto é, como um texto em que as diversas vozes da sociedade estão presentes e se entrecruzam, relativizando o poder de uma única voz condutora.

Para Maria Graça Paulino (2005, p.20) “a literatura encontra-se com o jogo sociocultural, no campo de relações entre textos que assumem características específicas. Ele tem uma maneira de extensão de formas e significações tão grandes que impede o esgotamento de um texto em si mesmo”. Nessa vertente, a linguagem literária invade o domínio de outras linguagens, ao mesmo tempo em que se deixa penetrar por elas. Fato esse comprovado nas duas obras analisadas, durante cuja leitura se percebe essa invasão do domínio de outras linguagens, o que deixa o texto mais envolvente.

Em *As cabeças trocadas*, o jogo sociocultural é demarcado por meio da forte recorrência que as personagens fazem aos poderes divinos, revelados na obra por meio da crença que têm no sagrado. Essa comprovação está gravada na narrativa quando Nanda e Shridaman partem juntos para uma viagem a pé pelo país, cada qual por motivos particulares, como é descrito pelo narrador:

Assim, chegaram a um sítio de banhos rituais pertencente a Kali, Mãe de todos os mundos e seres, a que abarca o Universo e inebria os sonhos de Vixnu. Esse lugar encontra-se à beira do arroio Mosca Dourada, que, alegre qual potranca solta, brota do seio das montanhas, mas depois modera seu curso e, num ponto santificado, conflui com o rio Djamna, o qual, por sua vez, numa localidade ainda mais sagrada une-se com o sempiterno Ganges. (MANN, 1987, p.12)

As personagens Nanda e Shridaman, de acordo com o narrador, durante toda a obra mostram verdadeira devoção à religião que cultuam e aos lugares sagrados que percorrem, como ocorre no trecho acima explicitado. Além desse episódio, as peregrinações dos dois amigos em vários momentos se evidenciam e compõem o núcleo da narrativa romanesca. Relativamente ao processo intertextual, Bakhtin, em seu livro *Estética da criação verbal*, corrobora a afirmação supracitada, dizendo que “O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente,

iniciando dado texto no diálogo” (BAKHTIN, 2006 a, p.401).

Nas literaturas *corpus* há utilização bem frequente do processo intertextual, por meio da apropriação e retomada de outros textos. Os autores dialogam com seus textos produzindo outros novos textos mediante aqueles que foram criados a partir dos seus. Existem textos que são constantemente retomados em diferentes épocas e em diferentes formas de apropriação. Obras bastante retomadas são as que têm como referência o discurso religioso, como acontece nos romances analisados.

Nas obras investigadas ocorre o processo intertextual da citação, alusão e epígrafe, que funcionam como recurso indispensável, por constituírem verdadeiros mecanismos que, colocados nas literaturas, permitem prosseguir no fio condutor do enunciado. Como uma forma de mostrar recordações associativas, o narrador utiliza os mecanismos citados, encaixando-os para esclarecer a amplitude da narrativa, indicando pela voz de outrem um viés de leitura. Em *As cabeças trocadas* e em *O vermelho e o negro* revela-se uma multiplicidade de outros textos que nele circulam.

Paulino (2005) ressalta que a intertextualidade enfatiza as relações entre os textos, no seu sentido extenso, pois, segundo ela, caberá ao leitor a tarefa de aproximá-los dos textos, construindo assim os intertextos. O processo intertextual se expressa com clareza na seguinte passagem:

Toda leitura é necessariamente intertextual, pois, ao ler, estabelecemos associações desse texto do momento com outros já lidos. Essa associação é livre e independente do comando de consciência do leitor, assim como pode ser independente da intenção do autor. Os textos, por isso, são lidos de diversas maneiras, num processo de produção de sentido que depende do repertório textual de cada leitor, em seu momento de leitura. (PAULINO, 2005, p.54)

Assim, o conceito de intertextualidade deve ser determinado pela análise de leituras que encadeiam mais um tipo de sentido possível, sendo a presença de um texto num outro texto (in)dependente da vontade do autor. Justamente por isso os textos podem ser lidos de diversas maneiras. A noção de intertextualidade presente nas duas narrativas analisadas se dá no sentido de ampliar a contribuição mantida no plano dialógico com outras obras. Nelas se percebem diretrizes claras no que se refere à representação do discurso religioso para os protagonistas.

Nos textos investigados, além da incursão de outros textos, verifica-se que a construção do processo intertextual se dá também pela presença do discurso

religioso que aflora nas vozes de Shridaman, Nanda e Sita. Em *As cabeças trocadas*, veja-se como esse discurso se faz presente nas palavras de Shridaman no instante em que ele manifesta o desejo de prestar homenagem à Deusa, quando se vê próximo a um santuário da Devi: “Quero apenas contemplá-la e rezar [...]” (MANN, 1987, p.55) e em *O vermelho e o negro* nas personagens Julien Sorel, Senhora de Rênal e Mathilde, sobretudo na passagem em que o jovem seminarista corrobora esse discurso: “O santo ministério a que me destino, proíbe-me ler um poeta tão profano” (STENDHAL, 2008, p. 53). Entretanto, na primeira prevalece o discurso de *Bhagavad Gita* e na segunda, o discurso da *Bíblia Sagrada*.

O processo intertextual ocorre nas relações dialógicas entre textos, sendo, dessa forma, a materialização da relação discursiva. Essa relação entre as diferentes vozes e discursos manifesta-se no processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido ou para transformá-lo. Destarte, o artista confere ao texto um procedimento real de constituição. Ampliando a noção de intertextualidade desenvolvida por Kristeva, Barthes acrescenta que

todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis [...]. O intertexto é um campo geral de fórmulas anônimas, raramente é recuperável, de citações inconscientes ou automáticas, feitas sem aspas. (BARTHES, apud CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p.289).

A definição de intertextualidade, nesse contexto, contempla a reativação de sentidos e de memória dos sujeitos: tal processo se efetiva mediante o texto, do modo como se deu a construção do mecanismo intertextual dentro das obras literárias. No presente capítulo, mostrar-se-á como acontecem os processos de intertextualidade: citação, alusão e epígrafe.

2.1 Citação: Do Texto ao Texto

Todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro a ter violado o eterno silêncio do universo, e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa mas também de alguns antecedentes.

MIKHAIL BAKHTIN

Nesse subcapítulo, evidenciar-se-á com a exemplificação de excertos como a

intertextualidade, mais especificamente, a citação, acontece em *As cabeças trocadas* e em *O vermelho e o negro*.

De acordo com a teoria bakhtiniana, a intertextualidade se refere, essencialmente, à influência de um texto sobre o outro em diferentes graus. Todo texto é um intertexto, visto que, ao escrever, estabelece-se um diálogo, às vezes involuntário, às vezes não, com tudo aquilo que foi escrito. Desse modo, cada texto é como um elo na corrente de produções verbais; cada texto retoma textos anteriormente escritos, reafirmando-os ou contestando-os.

Os questionamentos do autor sobre o termo citação retomam o conceito de que, de modo proposital, o autor reproduz trechos de certa obra a fim de complementar ou exemplificar o que pretende dizer. É o que acontece tanto na narrativa manniana quanto na de Stendhal. Os escritores usam citações de obras consagradas para engrandecer seus textos. Logo no começo, as personagens já demonstram um grande reverenciamento à religião, mostrando o quão é essencial a crença em algo superior e supremo.

Desde as primeiras linhas de *As cabeças trocadas*, narra-se a crença das personagens Nanda e Shridaman, ambos jovens e amigos. Eles eram naturais de uma mesma aldeia, foram cingidos com o cordão sagrado e acolhidos na comunidade dos que nasceram duas vezes. É interessante perceber que se tem presente o uso da citação de que para a religião é de essencial importância que os seus devotos sejam abençoados e protegidos pelos seus deuses. Como explicitado nesse trecho: “A eles, um sábio itinerante, iniciado na fala da Deusa e incapaz de proferir palavras erradas, dera a bênção, após ter sido alimentado pelos aldeões, pedindo que de seus umbrais e dintéis pingassem manteiga e mel” (MANN, 1987, p.06).

Mann insere um trecho latino, inclusive marcando claramente o recurso intertextual, ao fazer uso do itálico - “*Etad vai tad*”¹³ (MANN, 1987, p.06), - que, segundo a tradução, quer dizer ‘isto é aquilo’, para explicar como a amizade de Nanda e Shridaman baseava-se nos sentimentos deles relativos entre o eu e o meu. Sendo assim, os de um ansiavam pelos do outro, pois a encarnação cria a individualização; a mesma causa diversidade provocando a comparação, na qual nasce a inquietude que origina o assombro; após o assombro surge a admiração e,

¹³ Transcrito de acordo com a obra literária analisada.

por fim, o desejo de troca e a união. Tal preceito do “isto é aquilo” aplica-se, sobretudo, à mocidade, período em que as personagens supracitadas se encontram.

Nesse sentido, a citação é um modo que ressalta o caráter intertextual de um texto, caracterizado como reprodução fidedigna de uma enunciação dentro de um processo enunciativo.

No decorrer da obra *manniana* a narrativa constrói-se através de inúmeras citações, a ponto de estas serem imprescindíveis para a produção de sentido. O narrador utiliza em seu discurso os versículos 2.28 da obra sagrada *Bhagavad Gita*. A reação da personagem Nanda, ao ouvir o discurso desaprovador de Shridaman, comprova tal afirmação:

[...] todos os seres têm duas espécies de existência: uma para si mesmos e outra para os olhos alheios. Existem e são visíveis, são alma e imagem, e sempre será pecaminoso deixar-se influenciar unicamente pela imagem, sem se preocupar com a alma [...] (MANN, 1987, p. 31- 32).

Por meio da citação bíblica em seu discurso, o narrador traz para o texto a verdade presente na palavra do outro. Desse modo, se mantém um diálogo com o discurso sagrado, de forma que tal citação evidencia uma relação de conformidade entre os textos, sem uso de marcações explícitas. Em sua obra *Intertextualidades: Teoria e Prática*, Paulino diz que “na literatura contemporânea, esse modo de citar sem uso de marcações explícitas é prática que vem se tornando comum. A percepção da cultura como mosaico permite a criação de textos de natureza citacional”.

Para Jobim e Souza apud Brait (2005) “a citação consiste em registrar, sempre, em um novo texto, a veracidade contida na palavra alheia”. Por isso, a citação é, também, diálogo, isto é, diálogo entre textos, empenho em fazer convergir e divergir ideias próximas e distantes no espaço e no tempo.

Na obra *As cabeças trocadas*, lança-se mão da citação de termos destacados em itálico para comprovar que a classificação de Jobim e Souza contempla esse resgate, a respeito da veracidade contida na palavra alheia, estabelecendo o diálogo com outros textos, que estão presentes na obra *Bhagavad Gita*, bem como com termos que estão escritos em sânscrito. É o que se pode perceber no vocábulo transcrito pelo narrador no fragmento abaixo:

A história de Sita, a das belas cadeiras, filha do criador de gado Sumantra da casta dos guerreiros, e de seus dois maridos – se assim podemos qualificá-los – exige, por sua natureza sangrenta e perturbadora, muito da força espiritual do auditório e da sua capacidade de enfrentar as assustadoras trampolinadas da *maya*¹⁴. (MANN, 1987, p.05)

No romance manniano é usado, por algumas vezes, o recurso de citação de termos como a palavra “*Maya*” que significa “ilusão”, retornando a um passado milenar, em que a sabedoria era a porta de acesso ao paraíso, a conquista máxima do homem que desejava transcender os pares de opostos. A palavra destacada refere-se à causa da multiplicidade, derivada da raiz MA, que quer dizer “medir”, o que faz a percepção ou experiência mensurável. *Maya* causa a divisão do “Eu” e do “Isto”, tendo como consequência a percepção de multiplicidade das coisas. Classifica-se como o poder de transformação da unidade em multiplicidade.

Sendo assim, mais uma vez se depara com a teoria de Fiorin (2003, p.30) a respeito do processo de intertextualidade, pois o autor afirma que “na citação, no caso do texto verbal, citam-se proposições ou palavras advindas de outros textos”.

Nesse momento, mostram-se outras passagens do livro, em que se faz uso de citação de termos. Veja-se mais um exemplo: O uso da expressão, “*lingam*”, no fragmento: “Não havia lá nenhum sacerdote que lhes pudesse fornecer azeite ou manteiga derretida, para que os derramassem sobre as esculturas de *lingam*, colocadas no minúsculo terraço, à frente do santuário.” (MANN, 1987, p.14). O vocábulo é também chamado de Linga, que é o símbolo fálico de Shiva (deus da transformação profunda, é o próprio Criador, o poder manifestador, o soberano de tudo). Lingam representa a energia masculina que está presente na origem do universo. Associa-se ao poder criador de Shiva. A palavra significa “emblema”, “distintivo”. Na Índia, reverenciar o *lingam*, como fizeram as personagens, é o mesmo que reverenciar Shiva.

No decorrer da análise de *As cabeças trocadas*, depara-se novamente com o termo *Lingam* e com uma nova palavra grifada *Yoni*. “*Lingam* e *Yoni*, não há na vida símbolo mais importante nem hora mais grandiosa do que o momento em que o eleito com sua *shakti* dá a volta ao redor do fogo nupcial, as mãos unidas por grinaldas de flores...” (MANN, 1987,p.36). *Lingam* é o símbolo fálico masculino, e a “*Yoni*” é a base do *lingam*, que representa a genital feminina. Pela citação mostra-se

¹⁴ Termo evidenciado por Mann, na obra *As cabeças trocadas*.

que a criação do ser se dá com a união do masculino com o feminino. Quanto ao termo “*shakti*”, na religião indiana refere-se à Mãe Divina dos Hindus.

O autor faz a citação do termo *vanidja*, por duas vezes, sendo o primeiro no seguinte trecho: “Dito e feito. Bhavabhuti, o *vanidja* de estirpe brâmane, regozijou-se com as informações que lhe deu o confidente do filho.” (MANN, 1987, p.48). Depois tem-se o segundo momento, em que é feita também a citação da mesma palavra: “Shridaman, o neto de brâmanes, prosseguia, não obstante o corpo de Nanda, sendo o que fora e vivendo como antes. Não era nem ferreiro nem pastor, e sim um *vanidja* e filho de *vanidja*, que assistia a seu progenitor no honrado comércio, e quando as forças do pai declinavam, aos poucos encarregava-se da chefia”. (MANN, 1987, p.123).

Há também a citação do termo *Devi*, feita em três momentos na obra. O primeiro ocorre quando Shridaman diz “Desde que nós dois, no sítio dos banhos sagrados da Devi...” (MANN, 1987, p.42); mais adiante temos novamente: “... Reconheceram-no como um santuário da Devi...” (MANN, 1987, p. 54). Em outro momento o autor novamente recorre ao termo para o desenvolvimento da narrativa: “... A atração entre as cabeças e os troncos era menos forte do que se podia depreender das palavras da Devi...” (MANN, 1987, p. 87). *Devi* refere-se à Mãe Divina dos Hindus como a realidade transcendente; é considerada a Deusa, Suprema divindade, a fonte e o poder que controla todo o universo.

Ainda, no texto, tem-se a citação do termo *kadamba*; ei-lo no recorte seguinte: “Com essas palavras, o santo homem, sempre varrendo cuidadosamente o solo diante de si, conduziu-os um bom pedaço de caminho através do matagal, até sua própria moradia, uma imponente e velhíssima árvore de *kadamba*¹⁵...” (MANN, 1987, p.107). *Kadamba*, metáfora universal, na tradição indiana faz referência à floresta mitológica de um milhão de árvores.

Na referida obra, existe, por fim, a citação do termo *kshatriya*, conforme o trecho adiante: “Pois o menino não nascera nem pálido nem cego. É bem verdade que sua pele era muito clara, o que talvez se explicasse pelo sangue *kshatriya*¹⁶ ou guerreiro da mãe...” (MANN, 1987, p.129). O termo *kshatriya* designa os guerreiros e políticos de 2ª casta entre os hindus. Eles têm acesso aos ensinamentos indianos, mas não podem passá-los adiante - tarefa que cabe aos brahmins. Os *kshatriyas*

¹⁵ Grifo do autor;

¹⁶ Grifo do autor;

também teriam origem nas comunidades de artesãos, a fim de estabelecerem um grupo para proteger os habitantes de invasões, bastante frequentes na antiga Índia.

Em *O vermelho e o negro* também se usa a citação de termos, como por exemplo, o termo *preceptor*, conforme se vê: “Pois bem! Vou gostar que vejam os filhos do Senhor de Rênal conduzidos ao passeio por seu *preceptor*...” (STENDHAL, 2008, p.36). Na nota de rodapé, esclarece-se que Stendhal também teve um preceptor na sua juventude, o abade Raillanne, de quem fala, com surdo rancor, na Vida de Henri Brulard¹⁷. Ainda sobre o termo, segundo o dicionário Aurélio, *preceptor* refere-se à pessoa que se ocupa da instrução de alguém. É o caso da personagem Julien, que se tornara preceptor dos filhos do prefeito, Senhor de Rênal.

A obra *o Memorial de Santa Helena* também é citada, sendo o livro que a personagem Julien mais gostava de ler, pois ela faz referência a Napoleão Bonaparte, ilustre personalidade em que Sorel inspirava-se para viver sua vida, conforme relata o narrador: “Ao passar, olhou com tristeza para o rio onde seu livro caíra. Era, de todos, o que ele mais gostava, o *Memorial de Santa Helena*¹⁸.” (STENDHAL, 2008, p.39). A obra grifada foi publicada por Las Cases – conde, colega de desterro e futuro redator das memórias do imperador deposto. No livro, Las Cases relata como, no mês de março de 1816, Napoleão escreveu a ele cartas em inglês, principalmente para exercitar o idioma falado por seus carcereiros, que decidira aprender semanas antes.

Há, também, a citação do termo *Constitutionnel*. “Nesse ínterim, o juiz da paz, pai de numerosa família, pronunciou diversas sentenças que pareceram injustas: todas contra os habitantes que liam o *Constitutionnel*¹⁹”. Em nota de rodapé o autor explica que a obra surgiu em 29 de outubro de 1815, e embora fosse abertamente partidário da monarquia temperada, não deixava de ser o órgão do liberalismo. (N. Res.)

Ao intitular o capítulo VII “As afinidades eletivas” o autor explica que a citação do termo é proposital e refere-se à obra de Goethe, *Afinidades eletivas* – “romance de um homem de talento”, livro que Stendhal estava lendo como fora explicitado por ele em seu Diário, em 18 de fevereiro de 1810. Explica ainda que é

¹⁷ Explicação do termo feito na nota de Res. Na página 36 da referida obra.

¹⁸ Grifo do autor;

¹⁹ Grifo do autor;

por tal circunstância que usa o título para o capítulo, com o intuito de exprimir uma cristalização no fim das contas imprevistas.

Na obra stendhaliana, lê-se: “Tem-se medo de ser destituído. Os velhacos buscam um apoio na congregação; e a hipocrisia fez os mais belos progressos até nas classes liberais. O tédio redobra. Não sobra outro prazer senão a leitura e a agricultura” (STENDHAL, 2008, p.63). A citação é a respeito de uma ideia do autor sobre a sociedade francesa em outros livros, principalmente no *Correio inglês* e nas *Miscelâneas de política*. As gerações jovens escrevem nestas obras, têm um fundo de tristeza ainda maior que a de seus pais²⁰. Inclusive, o autor retoma a mesma ideia através da citação do trecho presente no artigo assinado com o pseudônimo de D. Gruffot Papera, que se encontra publicado no final do livro *O vermelho e o negro*, como se pode perceber: “O estrangeiro ali se sente tão embaraçado para passar o seu serão como na Inglaterra. Os homens tomaram gosto pela caça e pela agricultura, e suas pobres metades, não podendo fazer romances, se consolam em lê-los” (STENDHAL, 2008, p.467).

Usa-se novamente do processo intertextual da citação para engrandecer sua obra por meio do trecho em que Julien, personagem principal, repetia a si mesmo o verso, pois o havia aprendido com a Senhora Derville dias antes: “[...] O amor. Faz as igualdades, e não as procura” (STENDHAL, 2008, p.97).

Assim como em *As cabeças trocadas*, em *O vermelho e o negro* também é recorrente o uso do recurso de citação de termos, como é o caso da palavra *lepidópteros*: “Ela passava os dias correndo com as crianças pelo pomar, e caçando borboletas. Fizeram com gaze clara enormes capuzes com os quais pegavam os pobres lepidópteros...” (STENDHAL, 2008, p.68). O termo evidenciado significa: *S. m., adj. Diz-se de uma classe de insetos, que passam por metamorfoses completas, desde o estado de ovo ao de borboleta. Insetos dotados de peças bucais que permitem a sucção*. No mesmo parágrafo tem-se também a citação da obra de Godart²¹ que fala explicitamente sobre os lepidópteros, a qual a personagem Senhora de Rênal mandara buscar em Besançon. A partir da leitura do livro, Julien contava às crianças e à Senhora de Rênal quais eram os hábitos singulares daqueles pobres bichos.

²⁰ Nota do autor;

²¹ Obra que fala da História natural dos lepidópteros de França, obra de Jean-Baptiste Godart, que ficou incompleta quando este morreu em 1823. (Nota do autor) (STENDHAL, 2008, p. 68)

Em outro momento, há o recurso de citação, por meio do termo campanha : “... Seu orgulho não quis deixar nada ao acaso, nem à inspiração do momento. Valendo-se das confidências de Fouqué e do pouco que lera sobre o amor em sua Bíblia, traçou um plano de *campanha*²² bem pormenorizado” (STENDHAL, 2008, p.95). Segundo o dicionário Aurélio: “*Campanha é um conjunto de esforços, ou de meios, usado para atingir um fim*” (FERREIRA, 2010, p. 141). Inclusive, é esclarecido na nota de rodapé que o termo também era usado pelo próprio Stendhal, quando estava apaixonado, para traçar um plano de ataque.

Consultando a obra de Stendhal mais amiúde, vê-se que utiliza mais uma vez o uso do recurso de citação de termo, sendo que desta feita aparece a palavra *ortografia*, a qual se refere ao momento quando Julien recebeu das mãos da cozinheira, que o protegia, um livro que continha uma carta dentro. Tal carta estava sem ortografia, pois fora escrita às pressas pela Senhora de Rênal, por isso, justifica tal imprudência, como elucidado no trecho descrito pelo narrador: “Julien tremeu ante tamanha imprudência, procurou a página cento e trinta e ali encontrou, pregada com um alfinete, a seguinte carta escrita às pressas, molhada de lágrimas e sem a mínima ortografia” (STENDHAL, 2008. p.127). A referência ao termo é de grande relevância para esclarecer a investigação, já que no livro há uma nota de rodapé na qual é aclarado que o próprio Stendhal cometia erros de ortografia, principalmente quando estava emocionado, assim como sua personagem Senhora de Rênal, que também estava na mesma situação.

Em *O vermelho e o negro* também é citado pelo narrador um importante personagem da história, no momento em que os colegas de Seminário de Julien, confidenciam que

o bem falar de Julien foi, assim, um novo crime. Seus camaradas, às custas de tanto pensar nele, conseguiram exprimir com uma única palavra todo o horror que ele lhes inspirava: apelidaram-no *Martinho Lutero*²³: principalmente, explicavam, por causa dessa lógica infernal que o tornava tão orgulhoso. (STENDHAL, 2008, p.189).

No trecho acima, percebe-se que a citação a respeito de Martinho Lutero²⁴ é

²² *Grifo do autor;*

²³ Grifo nosso;

²⁴ Precursor da Reforma Protestante na Europa, Lutero nasceu na Alemanha no ano de 1483 e fez parte da ordem agostiniana. Em 1507, ele foi ordenado padre, mas devido as suas idéias que eram contrárias as pregadas pela igreja católica, ele foi excomungado.

feita porque o jovem seminarista tinha ideias contrárias às dos colegas, assim como Lutero, e demonstrava que tinha como doutrina a salvação pela fé, além de abordar apenas os assuntos considerados até então pertencentes somente ao papado. Inclusive Sorel se via totalmente entediado por ter que participar das conversas dos jovens, como se vê no trecho abaixo:

é preciso, dizia Julien a si mesmo, que eu me adapte a essas conversas. Quando não se falava em salsichas e em bons curatos, se discorria sobre a parte mundana das doutrinas eclesiásticas; desavenças entre bispos e governadores, entre prefeitos e curas. Julien via aparecer a idéia de um segundo Deus, mas de um Deus muito mais temível e poderoso do que o outro; esse segundo Deus era o papa [...]. (STENDHAL, 2008, p. 188).

Mais adiante, por vários momentos, o autor cita o escritor Voltaire²⁵, inclusive no capítulo III do livro segundo, ao fazer citação do nome da literatura “A Princesa de Babilônia” (STENDHAL, 2008, p.239). Destaca-se que o mesmo é um digno complemento de uma educação religiosa, considerada obra-prima do Sagrado Coração e que a personagem Mathilde desejava lê-lo, mas a presença de Julien na biblioteca do pai dela a proibia de “roubar” secretamente o segundo volume desse consagrado escritor.

No capítulo IV, denominado “O palacete de La Mole”, ocorre a citação da glosa do monólogo de Fígaro²⁶, da obra de Beaumarchais²⁷; isto acontece no momento em que a personagem Julien se vê entrosado com a sociedade local, o que o faz ser aceito por todos. Assim como Fígaro, Sorel tinha boas qualidades, não as de casta, que constituíam o fundamento da nova sociedade.

Contudo, para ter acesso a essa sociedade, Sorel tomava alguns cuidados quanto aos assuntos abordados, assim como é mostrado pelo narrador no excerto:

Ainda é assim, mesmo neste século fastidioso, o império da necessidade de divertimento que, mesmo nos dias de jantares, logo que o marquês deixava o salão, fazia todo mundo escapulir. Contanto que não se pilheriasse a respeito de Deus e dos padres, nem a respeito do rei, nem de pessoas de destaque, e também dos artistas protegidos pela corte, e da ordem estabelecida, contanto que não se falasse bem de Béranger, nem dos jornais de oposição, nem de Voltaire, nem de Rousseau, nem todos aqueles

²⁵ François Marie Arouct, que adotou o nome de Voltaire, nasceu em Paris em 21 de Novembro de 1694. Foi educado num colégio de jesuítas e ingressou bastante jovem na vida da aristocracia cortesã francesa.

²⁶ Capítulo V, da obra “Bodas de Fígaro”.

²⁷ Pierre-Augustin Caron de Beaumarchais (Paris, 24 de janeiro de 1732 — Paris, 18 de maio de 1799), autor de teatro francês, inclusive tendo suas peças teatrais sido transformadas em óperas;

que se permitem uma linguagem franca; principalmente contanto que não se falasse em política, se podia comentar tudo livremente.²⁸ (STENDHAL, 2008, p. 243)

Tanto na obra stendhaliana como na beaumarchaiana assevera-se que, de acordo com a nova sociedade, o nascimento e a origem já não eram mais elementos essenciais, e sim a força de vontade, o espírito inovador e o talento. E é o que acontece com as personagens Sorel e Fígaro. A partir da época em foco, o que se reivindicava era que a casta não deveria mais ser fator determinante do lugar que os homens deveriam ocupar na sociedade, mas a inteligência, a vontade, isto é, as qualidades particulares é que deveriam ser as marcas distintivas. Percebe-se enfim, uma grande crítica à nobreza.

Como se vê no caso específico das duas obras *corpus* deste trabalho, as relações entre os textos abrangem as citações como princípio de intertextualidade. No subcapítulo seguinte se verá que tal mecanismo também ocorre na alusão.

2.2 Alusão: Reconstrução do Passado

Todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes neles, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis.

BARTHES

A alusão como estratégia mediadora dos movimentos da intertextualidade está presente de forma sublime nas obras de Mann e de Stendhal, e é de suma importância que se fale sobre ela, já que é constituinte do dialogismo de Bakhtin. Destarte, o termo está assim definido por Torga:

a alusão é uma estratégia mediadora dos movimentos da intertextualidade. A intertextualidade é o espaço contraditório da memória: o esquecer, recriado; o lembrado, reestruturado, em que fica o que significa reproduzido pela transformação. A memória não reproduz absolutamente o que foi, mas refaz o passado, reconstrói o vivido sob o olhar do tempo presente que não é apenas individual, mas social. Exige esse trabalho de transformação, mas, com um palimpsesto, conserva, relativamente, as características do todo de que é parte e do qual a memória faz o recorte ao lembrar o que significa (TORGA, 2007, p.194).

²⁸ Citação do trecho que se refere ao Monólogo de Fígaro nas Bodas de Fígaro, de Beaumarchais (5º ato, cena 3).

Em *As cabeças trocadas*, a personagem Nanda utiliza-se da estratégia de alusão quando mostra o passado vivido por ele no momento em que viu Sita, reconstruindo assim o que havia presenciado, mas com o olhar do tempo presente que fora ativado pela sua memória. O fragmento a seguir retrata a memória de Nanda, na qual descreve a Shridaman o que vivenciou em seu passado não muito distante a respeito de Sita:

Mas eu a conheço! _ Murmurou Nanda subitamente, estalando os dedos. _ Agora a identifiquei. Antes seu nome me escapava. É Sita, filha de Sumantra, da vizinha aldeia Sede dos Touros Gibosos. A gente que lá reside costuma vir para cá, a fim de tomar o banho purificador. Naturalmente! Como não a conheceria? Balancei-a nos meus braços rumo ao sol!
 _ Tu a balançaste? _ indagou Shridaman em voz baixa, todo curioso. Ao que Nanda respondeu:
 _ Pois sim! E o fiz com toda a força dos meus braços perante o povo inteiro. Vestida, logo a reconheceria, mas como se pode identificar imediatamente uma pessoa nua? É a Sita da Sede dos Touros Gibosos! Estive ali na primavera passada, de visita à minha tia. Casualmente celebrava-se então a Festa da Ajuda do Sol, e ela... (MANN, 1987, p.28).

A personagem Shridaman se vê em estado de grande sofrimento ao reativar sua memória, que é consumida pelo sonho de algo que fora presenciado por eles no momento em que a viram pela primeira vez:

_ Desde que nós dois, no sítio dos banhos sagrado de Devi, espiamos aquela donzela desnuda e, todavia virtuosa, a mesma que tu outrora balançaste em direção ao Sol, Sita, filha de Sumantra, desde então fixou-se em minha alma o germe de um sofrimento, que provém de sua nudez tanto como de sua virtude, tendo sua origem na combinação de ambas. Ele cresceu, de hora em hora, a ponto de penetrar-me todos os membros até as mais íntimas ramificações; consumiu minhas energias mentais; privou-me do sono e do apetite e, lenta, mas implacavelmente, me destrói. (MANN, 1987, p.43)

No fragmento acima, percebe-se que a personagem Shridaman se vê totalmente fascinado pela cena que desfrutou ao lado de Nanda no momento em que Sita estava em seu íntimo de banho sagrado. O sentimento que ele descreve é tão forte que penetra em todos os membros, consumindo todas as suas forças, inclusive as mentais.

A narrativa de *As cabeças trocadas* também é focada na alusão quando o narrador descreve as personagens e refere-se às castas a que pertence cada uma delas “[...] foi naquele tempo que dois jovens pouco diferentes quanto à idade e à

casta [...]” (MANN, 1987, p.06). Primeiramente, aludindo à personagem Nanda: “Nanda por sua vez, era ferreiro e pastor de gado, já que seu pai, Garga, não somente mantinha reses no curral ou no campo, mas também manejava o martelo e atiçava o fogo da forja com o leque de penas” (MANN, 1987, p. 07). Na passagem, observa-se que Nanda é pertencente à casta mais baixa descrita nos textos sagrados, sendo a dos antigos escravos. As pessoas pertencentes a esta classe social são discriminadas, e lutam para buscar a igualdade na Índia.

Já a personagem Shridaman é pertencente à casta dos brâmanes como comprova o trecho descrito pelo narrador:

O jovem Shridaman era comerciante e filho de comerciante... Quanto ao progenitor de Shridaman, de nome Bhagabhuti, descendia pelo lado paterno de uma estirpe de brâmanes versados no Veda, o que absolutamente não se dava com Garga e seu filho Nanda. No entanto, não eram sudras e, posto que tivessem narizes um tanto parecidos com os de cabras, pertenciam plenamente a Sociedade Humana. (MANN, 1987. p. 07).

No trecho descrito, ocorre o processo de alusão, pois referencia ao passado de Shridaman, o qual é reconstruído sob o olhar do tempo presente, lembrando da sua casta que é a dos sacerdotes. A casta brahmins é a mais alta entre os hindus e reúne líderes religiosos, professores e intelectuais. Foram os integrantes dessa casta que organizaram a maioria dos textos sagrados do hinduísmo, por isso são superiores às outras castas.

A obra também faz alusão à casta a que pertence a jovem Sita. Segundo o narrador, “[...] É Sita, filha de Sumantra, da vizinha aldeia Sede dos Touros Gibosos [...]” (MANN, 1987, p.28). Pelo trecho pode-se ver claramente que a personagem Sita é pertencente à casta dos guerreiros, que é a segunda casta dos hindus. Eles têm acesso aos ensinamentos religiosos, mas não podem passá-los adiante – tarefa que cabe aos brahmins.

De acordo com José Luís Fiorin:

A inscrição de um texto em outro pode ocorrer também por meio da alusão e isto se concretiza quando um texto remete a outro texto anterior, sem, contudo, utilizar-se parte desse texto, porém, o sentido continua o mesmo, isto é, não se confronta com o sentido anterior. (FIORIN, 2003, p. 31).

Dessa forma, esse processo de intertextualidade também se encontra presente em *O vermelho e o negro*, de Stendhal, por vários momentos, primeiramente quando

a personagem Julien se “espelha” em Napoleão:

[...] Há muitos anos, Julien não passava talvez uma hora da sua vida sem dizer a si mesmo que Bonaparte, tenente obscuro e sem fortuna, se tornara dono do mundo com sua espada. Essa ideia o consolava de suas infelicidades, que julgava grandes, e redobrava sua alegria quando tinha alguma (STENDHAL, 2008, p.45).

A personagem Julien se vê em Napoleão Bonaparte, isto é, espelha-se no famoso general estadista. Nascido em Ajácio, na Córsega, ilha do Mediterrâneo, sob administração da França, desde o ano do seu nascimento Bonaparte deixou marcas duradouras nas instituições da França e de grande parte da Europa ocidental. Filho de família pobre, mas dono de um título de nobreza da República de Gênova, ele estudou na academia militar de Brienne e na de Paris, saindo como oficial de artilharia. Como uma pessoa que vencera na vida por intermédio de sua perseverança, assim Julien se espelhava em vários momentos de sua vida nas atitudes e na força transcendida pelo estrategista militar.

Percebe-se mais uma vez na narrativa stendhaliana o processo intertextual de alusão, quando o autor apresenta uma passagem da história literária da qual se origina o título do romance em análise: “Ao sair, julgou ver sangue perto da pia; era água benta derramada; o reflexo das cortinas vermelhas que cobriam as janelas fazia-a parecer sangue.” (STENDHAL, 2008. p. 46 – 47). No transcorrer da análise, é explicado que o episódio forneceu a alguns comentadores uma explanação do surgimento do título do romance em estudo: o sangue vermelho que mancha a batina negra do padre.

O processo intertextual se consagra na obra stendhaliana quando o termo Sagrado Coração de Jesus surge por intermédio da personagem Senhora de Rênal, que é uma adoradora do segmento religioso cristão:

Seria notada por sua naturalidade e por sua vivacidade de espírito, se tivesse recebido alguma educação. Mas, na qualidade de herdeira, havia sido educada por religiosas adoradoras fervorosas do Sagrado Coração de Jesus, e animadas de violenta aversão aos franceses inimigos dos Jesuítas. (STENDHAL, 2008. p. 56).

Nesse ínterim, o amor ao momento de devoção é estreitamente ligado ao amor à Eucaristia, é nela que os fieis se veem mais perto do Sagrado Coração de Jesus.

Em outro trecho, o narrador faz alusão aos heróis de Homero, quando coloca que “[...] Durante toda a ceia, que os dois amigos preparavam com as próprias mãos como os heróis de Homero [...]” (STENDHAL, 2008. p. 89). Os heróis de Homero são guiados, assim como aconteceu no cavalo de Troia.

Ainda em relação à obra de Stendhal, tem-se o processo da alusão quando a Senhora de Rênal ordena que seu funcionário vá ao depósito de feno, na antiga igreja:

— Trata-se de uma instituição muito salutar, porém muito estranha respondeu a Senhora de Rênal, onde as mulheres não são admitidas; tudo que sei é que as pessoas se tratam por tu. Por exemplo, esse criado vai encontrar-se lá com o Senhor Valenod, e este homem que é tão soberbo e tão tolo, não se aborrecerá em ser tratado de tu por SainJean, e lhe responderá da mesma forma. Se faz questão de saber o que se faz lá, posso pedir pormenores ao Senhor de Maugiron e Ao Senhor Valenod. Pagamos vinte francos por criado para que não nos esganem um dia. (STENDHAL, 2008. p.108)

O excerto acima constitui uma alusão às chamadas Sociedades da Congregação e, em particular, às que agrupavam os criados para, na opinião dos liberais, espionarem os senhores. Inclusive, em seu livro, Roma, Nápoles e Florença, o autor já aludira, em 12 de janeiro de 1817, à Sociedade da Virgem onde “um pé descalço pode tratar por tu um nome histórico²⁹”.

Tanto no romance stendhaliano como no manniano aparecem de maneira intensa o termo casta, o qual é revivido na memória da personagem Julien: “[...] Só voltará a me amar quando as idéias de sua casta não lhe confundirem mais o cérebro” (STENDHAL, 2008, p.110). Assim, ao ser mencionada a casta da Senhora de Rênal pelo jovem seminarista, este está deduzindo que ela se sente superior a ele por estar recebendo em sua casa o rei. Nesse momento, Sorel a julga ambiciosa, assim como o marido dela e todas as outras pessoas que na casa frequentam, e, conseqüentemente, ele se sente menosprezado por não pertencer àquela classe social, ficando patente a ocorrência da alusão.

Explicitando ainda mais sobre a alusão, tem-se o momento em que a Senhora de Rênal explica a seu esposo que o amigo, senhor de Valenod, quer apenas ofendê-lo por meio de uma carta anônima:

²⁹ Nota de rodapé presente no livro (STENDHAL, 2008, p.108)

Em Bensançon, em toda a província, que esse pequeno burguês, admitido talvez imprudentemente na intimidade de um Rênal, encontrou um meio de ofendê-lo. Se essas cartas que acaba de surpreender provassem que correspondi ao amor do Senhor Valenod, você deveria matar-me, eu o teria cem vezes merecido. Pense que todos os seus vizinhos só esperam um pretexto para se vingarem da sua superioridade; lembre-se que em 1816 você concorreu para que se fizessem certas prisões. Aquele homem, refugiado em seu telhado. (STENDHAL, 2008, p. 139).

A alusão no excerto elucidado refere-se mais especificamente ao último período do trecho em que se fala a respeito do refugiado em seu telhado.

Percebe-se que o recurso da alusão está bastante explicitado na obra stendhaliana no seguinte fragmento: “Estranho o efeito do casamento, tal como fez o século XIX! O tédio da vida conjugal certamente fez perecer o amor, quando o amor precedeu o casamento...”. (STENDHAL, 2008, p.160).

Nele, há a retomada das ideias já expressas na obra “Do amor”, referidas a Edouard Mounier: “Penso que o casamento, tal como o praticamos, deve matar o amor”³⁰, pois isso acarreta para as pessoas muito ricas o aborrecimento profundo de todos os prazeres tranquilos. Ao falar desses *prazeres tranquilos*, o narrador alude à velha presidenta de Rubempré, nome real de uma prima de Delacroix, que foi amante de Stendhal por volta de 1829 e da qual o autor aproveita muitos traços para assim caracterizar a sua heroína da narrativa, Mathilde de La Mole, personagem presente na segunda parte dessa obra literária³¹.

Mais uma vez na obra é realizada a estratégia de alusão ao referir-se ao romance de Mortonval. A alusão ocorre quando o narrador cita o momento em que Julien fora chamado pelo abade Pirard, “... em meio à lição sobre armas” (STENDHAL, 2008.p.190). Na obra é explicado que Stendhal, em 1825, escrevia que

é uma pintura fiel das atividades, longe de Paris, de vinte e cinco mil camponeses sem instrução, que foram metamorfoseados, nos últimos seis anos, em curas de aldeia, e aos quais se ensina nos seminários, principalmente, a manejar as armas; o fato é histórico [...] (STENDHAL, 2008. p. 190).

Em outra passagem da narrativa, nota-se a presença da alusão quando é ressaltada a seguinte frase: “Ajudem-se a si mesmos” (STENDHAL, 2008, p. 353). A

³⁰ Esclarecimentos presentes na nota de rodapé (STENDHAL, 2008, p.160)

³¹ N. Res;

frase refere-se de modo transparente à célebre sociedade liberal: “Ajuda-te que o céu te ajudará”, de La Fontaine, sendo o princípio da lei do trabalho e do progresso, pois, como é mostrado no trecho, primeiro temos que nos ajudar acionando todas as nossas potencialidades para resolução de algo, depois, como acréscimo de misericórdia, encaminhamos a solução para uma direção que nem sequer estava se imaginando.

Para dar continuidade ao processo de intertextualidade, ver-se-á agora como isso é desencadeado no uso da epígrafe em obras literárias. Como esse recurso ocorrerá apenas em *Vermelho e o Negro*, por tal razão, excepcionalmente, o estudo será focado estritamente nessa literatura.

2.3 Epígrafe: Recorte e Atualização de Sentido

Um romance: é um espelho que se leva ao longo de um caminho.

SAINT-RÉAL³²

Ao se perceber o uso recorrente das epígrafes na obra literária stendhaliana *O vermelho e o negro*, vê-se a necessidade de analisar esse importante processo intertextual, pois cada capítulo – e a obra apresenta um total de setenta e cinco ao todo –, dialoga com epígrafes extraídas de obras literárias, que servem de temas pretextuais para o desenvolvimento interativo do texto, e constituem um resumo da ideia principal da temática desenvolvida em cada capítulo.

Para Paulino (2005, p. 25),

A epígrafe constitui uma escrita introdutória de outra. Ela implica sempre um recorte de outro texto que é presentificado e, conseqüentemente, modificado em seu contato com o novo texto, sobre a qual lança novos sentidos. O texto em epígrafe é presentificado e modificado porque se expõe como recorte, à nova leitura. Por outro lado, modifica o texto a que está agregado. (PAULINO, 1995, p.25-26)

A epígrafe se faz importante, a partir do momento em que traduz ao leitor a concepção da obra a ser analisada. Ao se observar a epígrafe de Fleury, no capítulo

³² Na nota de rodapé do livro, *O vermelho e o negro*, consta que essa epígrafe deve ser de autoria do próprio Stendhal, pois os eruditos nunca conseguiram encontrá-la na obra de Saint-Réal (STENDHAL, 2008, p. 90)

III – “O bem dos pobres”, na obra *O vermelho e o negro*, de Stendhal: “Um cura virtuoso e que não faz intriga é uma Providência para a aldeia.” (STENDHAL, 2008, p. 30), constata-se sua importância naquele capítulo, assim como as demais existentes no livro.

Destarte, ao ser feita a análise da epígrafe constante no capítulo III, descobre-se que o abade Fleury³³ foi um dos preceptores dos netos de Luís XIV, e era autor de uma História Eclesiástica a respeito da qual o avô de Stendhal se admirava de não ser conhecida pelos padres que frequentavam a sua casa. Assim, percebe-se que ela faz referência a todo o capítulo, já que nele está evidenciada a sabedoria do cura Chélan no momento em que fora visitar o Senhor de Rênal – prefeito de Verrieres - , e lhe sugeriu que contratasse o jovem Sorel para ser preceptor das crianças dele.

No mesmo raciocínio, no capítulo VI – As afinidades eletivas, tem-se a epígrafe de Um Moderno: “Só sabem tocar o coração machucando-o” (STENDHAL, 2008, p. 54). O recurso da epígrafe explica metaforicamente como o coração da Senhora de Rênal foi amplamente tocado em virtude da pobreza material do preceptor Julien, quando esta se sentia menosprezada pelo seu esposo.

Corroborando essa afirmação, vê-se claramente essa passagem na fala da personagem Senhora de Rênal:

[...] deduzira que todos os homens eram como seu marido, como o Senhor Valenod e como o subprefeito Charcot de Maugiron. A grosseria e a mais brutal insensibilidade a tudo que não fosse assunto de dinheiro, hierarquia e condecorações; o ódio cego por todo raciocínio que os contrariasse, pareciam-lhe coisas naturais ao sexo masculino, assim como usar botas e um chapéu de feltro. (STENDHAL, 2008, p. 57)

Assim, percebe-se que aos olhos da Senhora de Rênal, todos os homens eram iguais, a julgar pelo comportamento de seu marido, que nunca fala em coisas diferentes daquelas que julgava colocar em risco seu status. Ela nota que, para seu marido falar de assuntos relacionados à afetividade, parecia que lhe tirava a sua superioridade hierárquica social, temática que está claramente evidenciada na epígrafe introdutória do capítulo.

A conduta acima mencionada tocara de maneira tão profunda o coração da Senhora de Rênal que ela se sentia contente em conversar com Julien. Mesmo que

³³ Nota presente no livro *O vermelho e o negro* de Stendhal, p.33.

fossem assuntos banais, lhe fazia feliz ser ouvida e correspondida em suas colocações.

Por meio dos intertextos, a epígrafe tem grande relevância na obra de Stendhal, pois com ela o autor compõe diálogos entre textos; ele só as escrevia depois de terminar os seus romances. Isso, inclusive, fora considerado como uma provável artimanha de Stendhal³⁴. Na obra são mostradas as pistas da importância dos textos destacados na abertura de sua narrativa.

No capítulo XV – “O canto do galo” - o autor utiliza-se da epígrafe:

“O termo amor em latim é amor,
Provando que do amor promana a morte,
Antecipando assim mofina sorte
Luto, percalço, lágrimas e dor.”

BRASÃO DE AMOR

Essa epígrafe se refere ao modo como a Senhora de Rênal reagiu ao estar longe de Julien e sentir-se tão desprotegida sem a presença dele; percebe-se ainda que, no desenrolar da narrativa, Sorel conseguiu o que queria e sentiu-se bastante realizado, conforme descreve o narrador:

Resumindo nada faltaria à felicidade de nosso herói, nem mesmo uma sensibilidade ardente de mulher que acabara de arrebatá-lo, caso tivesse sabido gozá-la. A saída de Julien não fez cessarem as emoções que a agitavam contra sua vontade, nem suas lutas com os remorsos que a dilaceravam. (STENDHAL, 2008. p.100).

Assim, vê-se claramente que o narrador, ao falar das emoções, das lutas e dos remorsos que compuseram a felicidade de Julien, põe em evidência a epígrafe utilizada na abertura do capítulo em questão.

Mais adiante no capítulo XXII – “Modos de agir em 1830” - o autor lança mão da epígrafe: “A palavra foi dada ao homem para que esconda seu pensamento” R.P.Malagrida (STENDHAL, 2008, p.142). A aludida epígrafe está diretamente ligada ao capítulo, que elucida a importância que a palavra tem na vida de Julien; é por meio dela que ele consegue, de certo modo, sua ascensão social; é através dela que Sorel tem prestígio com a sociedade local; tal assertiva é evidenciada pelo narrador no trecho: “Chegou a vez de Julien, que há uma hora e meia esperava

³⁴ Observação feita na nota de rodapé página 100.

entediado poder falar. Sua resposta foi perfeita e sobretudo longa como uma pastoral: dava tudo a entender, mas nada dizia com clareza...” (STENDHAL, 2008,p.143).

A epígrafe de Young, presente no capítulo XXVI – “O mundo ou o que falta ao rico” - ressalta que:

Sou sozinho na terra, ninguém se digna pensar em mim. Todos que vejo fazer fortuna têm um descaramento e uma dureza de coração que não sinto absolutamente em mim. Odeiam-me por causa de minha bondade fácil. Ah! Em breve morrerei, ou de fome ou de consternação, por ver os homens tão duros. (STENDHAL, 2008, p.177)

O excerto se refere diretamente ao capítulo, já que nele o assunto abordado é a presença de Julien no seminário, pois a personagem se sente melancólica, uma vez que naquele lugar se via sozinho e “menosprezado” por seus colegas. Por tais motivos, o jovem seminarista “trabalhava muito e conseguia aprender depressa coisas utilíssimas a um padre [...] Acreditava não ter nenhuma outra coisa a fazer”. (STENDHAL, 2008, p.179). Mais adiante se percebe que o trecho também remete ao instante em que Julien conhece Amanda, a proprietária de um café, senhora que o ajudou quando ele chegou à cidade de Besançon. Pois foi a partir daí que o jovem seminarista encontrou auxílio de quem menos esperava, como comprovado no trecho descrito pela personagem:

Quando cheguei a Besançon, por volta do meio-dia, tive fome, entrei em um café. Meu coração estava cheio de repugnância por um lugar tão profano; mas ponderei que meu almoço me custaria menos caro que um albergue. Uma senhora, que parecia a dona do estabelecimento, teve pena do meu ar de novato. (STENDHAL, 2008, p. 185)

No capítulo XXVII – “Primeira experiência da vida” – tem-se uma importante epígrafe de Diderot³⁵: “O tempo presente, grande Deus! é a arca do Senhor. Ai de quem a tocar!” (STENDHAL, 2008, p.186). Durante esse momento da narrativa, mostra-se que Julien se encontra totalmente enfadado com tudo que estava vivendo no seminário, e se sentia mal acolhido por seus colegas seminaristas, jovens

³⁵ Tal epígrafe nos é mostrada na obra como sendo de Diderot, porém o revisor (N.Res.) nos adverte que na edição Bucci, Stendhal corrigiu tal epígrafe para “Ai de quem ousar tocar-lhe” e acrescenta ainda que, tal correção segundo ele confirma que as mesmas são fantasiosas ou citadas de memória e por fim ressalta que Jules Marsan encontrou uma frase semelhante a esta em Louvet de Coudray e não em Diderot. (STENDHAL, 2008, p.186)

camponeses que eram temerosos ao trabalho árduo e à pobreza de seus pais. Segundo o narrador, os novos seminaristas, inclusive, pensavam que: “[...] vale um homem o que vale o lugar que ocupa [...]” (STENDHAL, 2008, p. 187). Nesse momento da narrativa Sorel pensa que poderia tentar se aproximar dos jovens colegas e, sendo assim, poderia ser visto pelos seus superiores, já que ele era melhor que os demais, pois tinha consigo o bem falar, isto é, o dom da palavra.

A escolha das epígrafes revela as preferências do autor. Evidenciam-se assim simpatias literárias e estéticas na construção do texto. Na obra stendhaliana, usa-se a epígrafe de Young, no capítulo XXVIII – “Uma procissão” - “Todos os corações estavam emocionados. A presença de Deus parecia haver baixado àquelas ruas estreitas e góticas, colgadas de todos os lados e bem ensaiadas pela solicitude dos fiéis” (STENDHAL, 2008, p.189). É por meio dela que o autor introduz o assunto tratado, ressaltando que o coração de Julien e da Senhora de Rênal não se contiveram ao se verem mais uma vez, pois o jovem seminarista fora chamado pelo abade Chas-Bernard, diretor das cerimônias, para participar da festa do *Corpus Domini* (corpo de Deus) como ajudante na ornamentação de catedral. Ao vê-lo, a Senhora de Rênal desfaleceu-se e caiu sobre a sua amiga, Senhora Derville, que alertou a Julien:

fuja senhor, fuja! disse-lhe ela com o acento da mais viva cólera. E, principalmente, que ela não torne a vê-lo. Sua presença deve, de fato, causar-lhe horror; era tão feliz antes de conhecê-lo! Seu procedimento é atroz. Fuja, afaste-se, se ainda lhe resta algum pudor. (STENDHAL, 2008. pp. 194-195).

Ao se observar outra epígrafe presente no capítulo III - Os primeiros passos - no livro segundo: “Esse imenso vale repleto de luzes cintilantes e tantos milhares de homens deslumbra minha visão. Nenhum me conhece, todos me são superiores. Fico atordoado”³⁶ (STENDHAL, 2008,p.239), pode-se perceber que ela está diretamente ligada ao capítulo, pois nela tem-se a felicidade de Julien, demonstrada ao ser convidado por Norbert, filho do Senhor de La Mole, para montar a cavalo. O rapaz, recém-chegado a casa, fica encantado com o convite e diz:

meu Deus, senhor conde, disse Julien, caso se tratasse de abater uma árvore de oitenta pés de altura, de desbastá-la e de transformá-la em

³⁶ Epígrafe Poemi dell' av. Reina;

pranchas, ousou dizer que eu me sairia muito bem; porém, montar a cavalo, isso me aconteceu no máximo seis vezes na vida (STENDHAL, 2008, p. 24).

Julien, mesmo estando acanhado, foi para o passeio, porém caiu bem no meio da rua; isso não fez com que sua vergonha o desanimasse, e no outro dia foi novamente montar a cavalo sendo, dessa vez, mais bem sucedido. Mas, apesar de o protagonista se ver repleto de luzes, ele ainda sente que todos ali lhe são superiores e, ao final do capítulo, é colocado pelo narrador que

De manhã, o jovem conde ouvira as pessoas que cuidavam dos cavalos no pátio comentarem a queda de Julien, para zombarem dele de forma ultrajante. Apesar de tanta bondade, Julien logo se sentiu completamente isolado no meio daquela família. Todos os costumes lhe pareciam estranhos e ele não cumpria nenhum. Seus erros grosseiros eram a alegria da criadagem (STENDHAL, 2008, p. 242).

A seguir, é apresentada a epígrafe do capítulo XXIV – Estrasburgo - que diz:

Fascinação! Tens do amor toda a sua energia, todo o seu poder de suportar a desgraça. Seus prazeres fascinantes, seus doces gozos, estão sós além de tua esfera. Eu não poderia dizer, vendo-a dormir: ela é minha, com sua beleza angelical e suas ternas fraquezas! Ei-la entregue ao meu poder, tal qual o céu, em sua misericórdia, a fez para encantar o coração de um homem.³⁷ (STENDHAL, 2008, p.364)

Ao se analisar o romance, percebe-se que a epígrafe supracitada funciona como uma abertura do capítulo, já que o autor está sempre recorrendo aos seus ditos. Nesse ínterim, Julien, no instante em que se vê sozinho, constata que realmente é detentor de uma memória muito boa, sendo assim o portador ideal de uma nota secreta, para resolução do problema. Estando em Estrasburgo, Julien fez uma nova amizade, o príncipe Korasoff, com quem pôde conversar e sentir-se um pouco melhor, uma vez que havia deixado a mulher que amava: “Julien sentia-se menos infeliz quando deixou seu amigo às duas horas da madrugada” (STENDHAL, 2008, p.368). Depois que recebeu a resposta da nota secreta que trouxera, voltou a Paris, onde reencontrou a mulher que amava, ainda que secretamente.

Na epígrafe, “Eis então o belo milagre de vossa civilização! Do amor fizestes um negócio comum”³⁸(STENDHAL, 2008, p.391) do capítulo XXXI - Causar-lhe

³⁷ Epígrafe relacionada à Ode de Schiller.

³⁸ Epígrafe de BARNAVE.

medo - novamente esse recurso intertextual conduz o leitor a entender o teor do capítulo. A personagem Julien já tinha certeza de que o que queria realmente era a presença da Senhora de La Mole; sendo assim, desejava se casar e ter garantias de ser um homem renomado na sociedade. Apesar de sentir-se atraído por La Mole, já tinha tido o mesmo amor pela Senhora Rênal, que não fora bem sucedido.

No capítulo XXXV, a epígrafe “Meu Deus, daí-me a mediocridade!” (STENDHAL, 2008, p.410) aponta para uma constatação em que Julien se vê “desmascarado” pelas suas atitudes anteriores, que dizem respeito à Senhora de Rênal, pois o Senhor de La Mole, ao buscar referências sobre seu futuro genro, descobre que as mesmas não são as melhores. Nota-se isso no trecho a seguir, em que o Senhor de Rênal obriga a sua esposa a escrevê-lo:

Faz parte de meu penoso dever acrescentar que sou obrigada a crer que o Senhor J... não tem princípio de religião. Em consciência, sou compelida a pensar que um de seus meios para ter êxito em uma casa, é procurar seduzir a mulher que tiver o crédito principal [...]. (STENDHAL, 2008, p.413).

Assim, ao se sentir destruído, Sorel resolve tomar uma atitude drástica. Parte para a cidade de Vèrrieres, entra na igreja nova e, próximo ao banco que a Senhora de Rênal estava sentada, “Julien disparou contra ela um tiro de pistola, e não acertou; fez um segundo disparo e ela caiu.”(STENDHAL, 2008, p.414).

Para o encerramento das análises das epígrafes elege-se aquela que está presente no capítulo XL - A tranquilidade - no livro segundo de W. Goethe; nela se vê: “É porque então eu era louco, que hoje sou normal. Ó filósofo, que nada vês senão de vislumbre, como tens a vista curta! Teus olhos não foram feitos para seguir o trabalho subterrâneo das paixões.” (STENDHAL, 2008, p.433). Nela se revela o teor do capítulo, já que, nesse momento da narrativa, Julien mais uma vez se achava sozinho, preso e esperava pelo seu julgamento. As personagens Fouqué e Mathilde foram visitá-lo, contudo ele não quis saber de falsas esperanças que poderiam lhe dar:

_ Deixem-me minha vida ideal. Seus pequenos mexericos, seus detalhes sobre a vida real, mais ou menos contundentes para mim, me tirariam do céu. Morremos como podemos. Eu não quero pensar na morte a não ser do meu jeito. Que me importam os outros? Minhas relações com os outros serão cortadas bruscamente. Por favor, não me falem mais nessa gente; já é o bastante ter que ver o juiz e o advogado. (STENDHAL, 2008, p.434).

Sorel, nesse momento da narrativa, já se sentia totalmente conformado com o desenrolar da situação e apenas esperava o resultado de sua condenação, pensando que o destino dele era mesmo morrer sonhando. E certo de que em menos de quinze dias seria esquecido por todos, ali já se considerava um ser obscuro e merecedor do que estava para acontecer.

De um modo geral, as epígrafes desse romance enfatizam a composição desta obra literária, pois cada epígrafe revela o teor do capítulo a ser lido. Nesse momento, adentra-se no capítulo seguinte, e nele se procederá à análise da interface dialógica entre as obras *As cabeças trocadas* e *O vermelho e o negro*; depois investiga-se dialogismo presente em *As cabeças trocadas* e o livro *Baghavad Gita*, e por fim, a interface dialógica entre *O vermelho e o negro* e a *Bíblia*.

3 A INTERFACE DIALÓGICA

Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento.

MIKHAIL BAKHTIN

Como foi visto no capítulo anterior, o diálogo está sempre presente nas obras literárias por meio do processo intertextual (citação, alusão, epígrafe, dentre outros), que é condição para a interface dialógica, pois um texto sempre toma posição em relação a outros textos, seja reiterando-os ou subvertendo as ideias do texto original. Assim, dando continuidade ao tema proposto, nesse capítulo avaliar-se-ão as obras enfatizando o dialogismo presente nelas.

Quando foi proposto fazer essa interface dialógica entre as obras *As cabeças trocadas*, de Mann e em *O vermelho e o negro*, de Stendhal, sendo a primeira estabelecadora de diálogo com a obra sagrada indiana, e a segunda, com a obra sagrada do cristianismo, via-se um diálogo permanente entre elas.

Há, portanto, uma relação dialógica entre as obras supracitadas, irrompendo assim, outros diálogos possíveis, pois

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e ela entra no tecido dialógico da vida humana [...] (BAKHTIN, 2006a, p. 348).

Pelo fragmento acima, fica perceptível que é inevitável a presença do discurso do outro na vida.

A concepção dialógica tem o pensamento da autoria individual, e assim apresenta grande importância ao caráter coletivo e social, relacionados à produção de pensamento e de textos. De forma tal que, analisar a relação dialógica é ir ao encontro de outro princípio, a não autonomia do discurso, pois as palavras de alguém estão sempre perpassadas pelas palavras do outro. Esse processo mostra que o discurso de um se constitui pelo de outro que o atravessa, levando assim ao discurso do “eu”.

Ainda de acordo com Bakhtin, “As relações dialógicas [...] são um fenômeno quase universal, que penetra toda a linguagem humana e todas as relações e

manifestações da vida humana, em suma, tudo o que tem sentido e importância.” (BAKHTIN, 1981, p. 34). A noção do dialogismo supõe uma constante preocupação com o outro. E, tratando-se das obras literárias em questão, vê-se que essas relações dialógicas são plenas de vozes presentes em outras obras canônicas e sagradas.

Desta maneira, apresentar-se-á a análise das obras no intuito de tornar a exposição mais clara, e como a interface dialógica se encontra presente nas escrituras, fazendo-as em três partes, conforme as dimensões essenciais do dialogismo, tal como definido por Bakhtin. Na primeira parte, mostrar-se-á como o discurso dialógico acontece nas obras *As cabeças trocadas*, de Mann e em *O vermelho e o negro*, de Stendhal. Na segunda parte, investigar-se-á como o discurso dialógico evidencia-se nas obras *As cabeças trocadas* e o livro sagrado indiano, *Bhavagad Gita*. Na terceira parte, analisar-se-á como o discurso dialógico se mostra presente nas obras *O vermelho e o negro* e o livro sagrado do cristianismo a *Bíblia Sagrada*, aplicando os conceitos de dialogismo, conforme a proposta de Bakhtin.

3.1 As Cabeças Trocadas e O Vermelho e o Negro

Esses homens são todos iguais. Não se deve dar preferência a nenhum deles, pois absolutamente não merecem confiança.

MANN³⁹

Nesse subcapítulo pretende-se mostrar a ocorrência da interface dialógica entre as consagradas obras *As cabeças trocadas* e *O vermelho e o negro*. Para esse percurso delimita-se a análise dos seguintes temas: o enredo, as personagens, a composição estética, o triângulo amoroso e, por fim, como o discurso religioso se evidencia nas narrativas. É necessário realçar que sempre será traçada a dialogia de Bakhtin para este estudo.

O foco desta análise é o dialogismo que se encontra presente nas duas obras e está centrado nas personagens principais, sendo em *As cabeças trocadas*: Nanda, Shridaman e Sita, e em *O vermelho e o Negro*: Julien Sorel, Senhora de Rênal e Mathilde ou Senhorita de La Mole. A abordagem procurará ressaltar o que há de

³⁹ Trecho presente na obra, *As cabeças trocadas*, 1987, p.68.

comum em personagens tão diferentes em sua construção, mas parecidas em relação a suas angústias, dúvidas e incertezas perante o discurso religioso enraizado em suas vidas.

Os romances em estudo estão assim identificados: *As cabeças trocadas* é uma literatura alemã, com o título original *Die Vertauschten Köpfe*, publicado inicialmente em 1940. Nossa análise parte de uma edição da Editora Nova Fronteira, composta de 12 capítulos, e a obra em questão foi publicada no Brasil no ano de 1987, com a tradução de Herbert Caro. Em *O vermelho e o negro* tem-se como título original *Le Rouge et el Le Noir*, com primeira publicação em 1830. A edição analisada é da Editora Martin Claret, de 2008, com a tradução de Jean Melville; contém 70 capítulos subdivididos em dois livros: Livro primeiro (I ao XXX) e Livro segundo (I ao XLV), respectivamente.

No enredo de *As cabeças trocadas*, Sita, uma bela jovem, filha de um criador de gados e personagem principal da história, tem dois fieis amigos - Shridaman e Nanda - que se encontravam todos os dias para contemplar a perfeição da natureza e o cantar dos pássaros. Os jovens, apesar de unidos, eram perceptivelmente diferentes um do outro, tanto no aspecto físico quanto no psicológico. Apesar das diferenças e da simplicidade comum à alma, a amizade deles era pura, e isso os tornava inseparáveis.

Um dos acontecimentos que mais marcou e selou a amizade de Nanda e Shridaman foi uma viagem que fizeram juntos, na qual compartilhavam muitas coisas, inclusive a contemplação da natureza, chegando até a trocarem confidências sublimes como velhice e morte, conforme se vê no excerto a seguir, narrado pela personagem Shridaman:

_ Aqui parecemos estar mais além das seis ondas da fome e da sede, da velhice e da morte, das mágoas e das ilusões _ disse Shridaman. _ Em toda a parte reina uma paz descomunal. É como se houvéssimos sido apartados do incessante turbilhão da vida e transportados para o centro em repouso, a fim de podermos respirar [...] (MANN, 1987, p. 16).

Após tais confidências, quando ainda admiravam a natureza, ouviram passos leves e lentos, em sentido ao rio, lugar onde aconteciam rituais de banhos para a purificação do corpo. Nesse momento, perceberam a presença de uma jovem que estava prestes a adentrar aos rituais do banho sagrado. Ela era bonita, formosa e deslumbrante. Eles ficaram encantados com tamanha beleza.

Depois daquele instante mágico, continuaram a viagem; contudo Nanda percebeu que seu amigo Shridaman estava totalmente modificado, pois se mostrava visivelmente apaixonado. Assim decidiram que procurariam aquela bela jovem e lhe proporiam casamento. E assim foi feito, conforme afirma o narrador no trecho a seguir apresentado:

[...] Na casa da futura noiva, Nanda cantou loas ao amigo em palavras simples mas convincentes. [...] Entre démarches e cortesias dessa espécie, passaram os dias, enquanto Sita de longe aprendia a ver em Shridaman, filha do negociante, seu futuro senhor e marido. Redigiu-se o contrato de casamento, e a assinatura foi celebrada com um generoso festim e a troca de dádiva de bom augúrio [...] (MANN, 1987, p. 48).

Após as formalidades pré-nupciais, chegou o grande dia em que a bela moça, untou o corpo com sândalo, cânfora e óleo de coco; adornou-se de joias, vestiu-se e avistou pela primeira vez o noivo que lhe fora destinado, participando dos ritos para selar a boa sorte na união.

Tudo parecia, até o momento, um conto de fadas, porém a vida tem suas armadilhas. Em uma viagem proposta por Sita, em visita aos pais da moça, seu marido Shridaman flagrou-a contemplando a beleza de seu amigo Nanda, o qual lhes servia de cocheiro, já que a viagem se dava em uma carroça. Assim, calados avançavam pela estrada, contudo Shridaman nutria pensamentos sombrios, “no branco dos olhos do esposo apareciam veias rubras, o que é sempre mau sinal” (MANN, 1987, p. 53). Tal semblante era incólume e assustador, digno de quem está pronto para cometer atos de sacrifício.

Durante a viagem se perderam em certo trecho da estrada, entraram por uma vereda onde foram dar num santuário. Assim, o jovem Shridaman manifestou o desejo de homenagem a Deusa, afirmando que não demoraria mais que alguns minutos. Desceu da carroça, adentrou no santuário e olhou fixamente no rosto implacável daquela que exige sacrifícios e traz consigo a morte. Ao pé da escada estremeceu, ao olhar para o chão e ver cabeças abatidas e cheiro forte de sangue. Rodeado estava por uma moldura de caveiras, mãos e pernas decepadas.

Diante da cena nefasta que acabara de presenciar, Shridaman resolveu praticar suicídio degolando seu próprio pescoço com uma espada afiada que estava no templo.

Com a demora do amigo, Nanda resolveu checar o que teria ocorrido; no

templo encontrou Shridaman com a cabeça decepada. Ajoelhou-se e lamentou o ocorrido, contudo passou a pensar se seria culpado. Assim decidiu que também deceparia sua cabeça.

Após algum tempo, a esposa Sita resolveu checar o motivo da demora dos jovens, e, ao chegar ao templo, olhou para as cabeças decepadas, os corpos deitados um sobre o outro e o sangue escorrendo devagarzinho. Lamentou e disse: “Devo segui-los. Isto e nada mais me cumpre fazer”, (MANN, 1987, p. 72).

Porém, pensou em algo mais inusitado, pediu à Deusa que lhes devolvessem a vida, o que foi prontamente atendido. Contudo, Sita, ao unir corpo e cabeça, levada pelo desejo de amar parte em um e parte em outro, uniu a cabeça de Shridaman no corpo de Nanda e vice-versa. Feito isso os dois jovens foram ressuscitados.

Nenhum do dois estava zangado com ela por causa de seu equívoco, já que ela os havia ressuscitado, o que de fato importava. Porém, as coisas saíram do controle quando a cabeça de Nanda, no corpo de Shridaman, resolveu se afastar da convivência em comum com Sita, deixando a cabeça de Shridaman, no corpo de Nanda, para cuidar da jovem e da criança que esperava. Nanda disse:

_ Muitas felicidades! _ Disse. - Daqui por diante, vou seguir meu caminho. Procurarei um lugar ermo para mim e, segundo minha antiga intenção, hei de tornar-me eremita. Com meu físico atual, de qualquer jeito me julgo distinto demais para este mundo (MANN, 1987, p. 113).

Ao casal coube viver no auge do gozo dos prazeres sensuais. O tempo passou, e a bem-amada esposa - o marido podia sentir - ainda que tivesse o corpo deste, que antes era de Nanda, ansiava pelas carícias do corpo de Shridaman, como uma enfermidade fatal.

Diante dessa cruel realidade, o marido resolveu sair em viagem de negócio, com o intuito de testar a fidelidade da esposa, achando que ela procuraria o amigo por algum motivo. Sua intuição estava certa, pois Sita, ao se ver só com o filho, foi em busca daquele que fazia parte de sua história. Como é descrito pelo narrador:

A história prossegue contando que a felicidade conjugal destes dois amantes durou somente um dia e uma noite. Pois o sol ainda não surgira pela segunda vez por cima do capão coberto de flores rubras, atrás da cabana de Nanda, quando Shridaman ali chegou (MANN, 1987, p. 136).

Diante da confirmação de suas suspeitas, eles resolveram desfazer o equívoco cometido por Sita ao unir a cabeça de um no corpo de outro. Assim, decidiram por um duelo, o que os levou à morte, a qual foi convertida em um grande acontecimento, sendo que a viúva, ao presenciar o ritual da incineração, praticou a autoimolação.

Na obra *O vermelho e o negro*, o enredo tem como principal protagonista a personagem Julien Sorel, que é filho do proprietário de uma pequena serraria no interior da França. Julien aprendeu latim e, como era possuidor de uma memória incrível, decorava os textos clássicos escritos em latim e partes da Bíblia Sagrada. Porém, para seu pai, Senhor Sorel, e seus irmãos, toda essa dedicação aos estudos não passava de uma grande bobagem, e tais qualidades eram o suficiente para ser considerado como inútil pelos familiares, sendo maltratado impiedosamente por eles.

Julien vivia na pequena cidade de Vèrrieres, a qual era dominada pelo Senhor de Rênal, que se tornara presidente da câmara e que, inclusive, era considerado o “proprietário” daquele local. E é nesse contexto que aparece a oportunidade de o jovem tentar ser reconhecido pela sociedade: por querer seguir a carreira eclesiástica, ele é indicado pelo cura Chélan para ser o preceptor dos dois filhos do poderoso Rênal.

O protagonista aceita trabalhar como educador dos filhos do prefeito. Conhece ali a Senhora de Rênal, uma pessoa íntegra, que fora criada no convento do Sagrado Coração de Jesus, educada nos moldes da igreja, e que se vê encantada por Julien devido aos seus conhecimentos de latim e da Bíblia.

Durante sua estada na casa da família Rênal, Julien é bastante reconhecido e amado pelos filhos do patrão, bem como pela Senhora de Rênal, e, com o tempo, eles percebem que têm muitas afinidades em comum, e que se sentem atraídos um pelo outro. Porém, a Senhora de Rênal contém seus desejos, pois seu filho ficara doente e ela acreditara ser castigo divino. Ambos sofrem muito. Passa-se o tempo e Julien é convidado para ir para o Seminário e aceita o convite.

Apaixonados perdidamente, resistem o quanto podem, mas ela acaba por permitir que ele expresse o seu afeto. Julien o faz da forma bastante imprudente, para seu desespero. A situação mantém-se até que Julien vai para o seminário. Nesse intervalo, a Senhora de Renal é consumida pela paixão e tudo faz para esquecê-lo. Repleto de sentimento de amor, Julien ressalta que:

pela primeira vez na vida era arrastado pelo poder da beleza, perdido em um devaneio vago e suave, tão estranho à sua índole, apertando delicadamente aquela mão que lhe agradava por ser tão linda e tão perfeita, escutava algum movimento das folhas da tília agitadas pelo vento leve da noite, e os cães do moinho de Doubs que ladravam ao longe. (STENDHAL, 2008, p. 83).

Julien Sorel passa quatorze meses num seminário onde a grande maioria dos noviços é constituída de rudes camponeses, sem nenhuma vocação. O importante é adquirir certo ar de santidade. Deste modo, a hipocrisia é a nota dominante. Entre os padres, o maior empenho é portar-se de modo a conseguir uma paróquia onde a renda da igreja proporcione vida farta e tranquila. A única figura decente nesse meio – o padre Pirard - apresentado como jansenista, isto é, pertencente ao grupo de partidários de uma igreja independente de Roma que aceitava muitos dos postulados da Reforma, acaba sendo perseguido. Descrito como protetor de Julien, o padre Pirard consegue-lhe uma colocação em Paris, onde o levará a muitas sociedades de jansenistas. Julien fica então espantado; em seu espírito, a ideia de religião estava intimamente associada à hipocrisia e à esperança de ganhar dinheiro. Assim, Julien passa a nutrir admiração por aqueles homens piedosos que não pensam em orçamentos. Um novo mundo abre-se para ele. Por ser portador de uma excelente memória Julien é enviado a Paris para entregar uma mensagem secreta.

Destarte, no dia em que deve transferir-se para Paris, Julien irrompe, à noite, nos aposentos da Senhora de Rênal, a qual tenta resistir à investida do rapaz, contudo acaba cedendo. No dia seguinte, ela vê-se colocada em situações verdadeiramente ridículas perante o marido e empregados, e assim faz com que o jovem fuja sem ser percebido.

Na carruagem que o transporta a Paris, Julien presencia um dos poucos comentários constantes do livro em que Napoleão é citado nominalmente. Trata-se de comentários de um grande proprietário que, enojado do ambiente da Corte, refugia-se no interior e também ali não suporta a convivência. Este personagem culpa abertamente a Napoleão pela Restauração, com uma curiosa argumentação:

Os padres, que Napoleão tornou a chamar com seu acordo, ao invés de tratá-los como o Estado trata os médicos, os advogados, os astrônomos e ver neles apenas cidadãos, sem incomodar-se com indústria através da qual procuram ganhar a vida. Haveria hoje fidalgos insolentes se seu Bonaparte não houvesse feito barões e condes? Não, a moda havia

passado. Depois dos padres, foram os nobrezinhos rurais que mais me aborreceram e obrigaram a tornar-me liberal (STENDHAL, 2008, p. 226).

O novo emprego de Julien é na casa de um rico Marquês (De La Mole), este à espera de ser elevado a Duque, tornando-se Par de França. Em seu salão pulam bajuladores. O autor refere-os deste modo:

Colocou na primeira linha cinco ou seis amigos da casa que o lisonjeavam com cautela, pensando que era protegido por um capricho do Marquês. Eram pobres diabos, mais ou menos vulgares; mas é preciso dizer em favor desta classe de homens, tal como hoje é encontrada nos salões da aristocracia, que não são submissos igualmente para todos. Alguns dentre eles se deixariam maltratar pelo marquês, mas se revoltariam contra uma palavra ríspida que lhes fosse dirigida pela Senhora de La Mole (STENDHAL, 2008, p. 242).

E mais: “Havia orgulho e tédio excessivos no fundo da índole dos donos da casa; estavam acostumados a ultrajar por tédio, para que esperar verdadeiros amigos” (STENDHAL, 2008, pp. 242-243). Num dos momentos de intimidade, que o Marquês por vezes lhe permitia, confessava que era preciso se divertir, porque somente isso era real na vida.

Em síntese, o tom das conversas pauta-se pelo seguinte:

Contanto que não se pilheriasse a respeito de Deus e dos padres, nem a respeito do rei, nem de pessoas de destaque e também dos artistas protegidos pela corte, e da ordem estabelecida, contanto que não se falasse bem de Béranger, nem dos jornais de oposição, nem de Voltaire, nem de Rousseau, nem de todos aqueles que se permitem uma linguagem franca; principalmente contanto que nunca se falasse em política, se podia comentar tudo livremente (STENDHAL, 2008, p. 243).

Em Paris, na casa do Marquês de La Mole, Julien parece haver esquecido o primeiro amor. Apaixona-se pela única filha e herdeira do poderoso senhor, Mathilde. É uma jovem com a cabeça cheia de fantasias acerca dos seus ancestrais na Idade Média. Desprezado e seduzido duas vezes por ela, Julien ainda nutre o seu orgulho e sua ambição, passando a mostrar frieza e indiferença à bela jovem, o que, de tal forma, lhe dá prazer e faz com que, se desprezado antes, aos poucos adquira a paixão da filha de La Molle. Os afetos se invertem:

Não, ou estou louco ou ela me faz a corte. Quanto mais me mostro frio e respeitoso com ela, mais me procura. Isso poderia ser uma parcialidade,

uma afetação; mas vejo seus olhos quando apareço de improviso. Saberão as mulheres de Paris fingir até tal ponto? Que me importa! Tenho a aparência a meu favor, usufruamos das aparências. Como ela é bela meu Deus! Como os seus grandes olhos azuis me agradam, vistos de perto e olhando-me como fazes muitas vezes! Que diferença entre essa primavera e a do ano passado, quando eu vivia infeliz e me sustentando graças a minha força de vontade no meio daqueles trezentos hipócritas maus e sórdidos! Eu era quase tão mau quanto eles (STENDHAL, 2008, p. 291).

O estado de humor de Mathilde alterna-se do mesmo modo que a relação com o amante. Afinal, acaba por engravidar. Para abafar o escândalo, a família consegue fazê-lo passar pelo filho bastardo de um nobre e permite que se realize o casamento. É colocado no exército. A sorte parece sorrir-lhe. Nessa altura, investigando o seu passado, o Marquês obtém uma carta da Senhora de Rênal onde diz coisas dessa ordem:

[...] Pobre e ávido, foi com a ajuda da hipocrisia mais consumada, e pela sedução de uma mulher fraca e infeliz, que esse homem procurou alcançar certa situação e tornar-se alguma coisa. Faz parte de meu penoso dever, acrescentar que sou obrigada a crer que o Senhor J... não deve ter nenhum princípio de religião. Em consciência, sou compelida a pensar que um dos seus meios para ter êxito em uma casa, é procurar seduzir a mulher que tiver o crédito principal. Coberto por uma aparência de desinteresse e por frases de romance, seu grande e único objetivo é conseguir dispor do dono da casa e de sua fortuna. Deixa atrás de si a desgraça e arrependimentos eternos, etc. etc (STENDHAL, 2008, p. 413).

Tudo desfeito, a reação de Julien Sorel é verdadeiramente espantosa e mais ainda o que se segue. Vai a Verrières e dá dois tiros na Senhora de Rênal, em plena igreja, durante o culto. O ódio que sentira naquele instante pela Senhora de Rênal alcançou o ápice no seu comportamento perverso e cruel, o que resulta no remorso e na culpa que lhe tomam conta, permitindo que a sua ambição desmedida se esvaia: “A ambição estava morta em seu coração, uma outra paixão emergia dessas cinzas, e ele a chamava de remorso de haver assassinado a senhora de Rênal” (STENDHAL, 2008, p. 431).

Preso e condenado à morte, Julien se vê mais uma vez sozinho, mas feliz, e nos acrescenta que: “- Quem sabe? Talvez ainda tenhamos sensações após nossa morte, dizia ele um dia a Fouqué. Gostaria bastante de repousar, pois repousar é a palavra, nessa pequena gruta de grande montanha que domina Verrières”. (STENDHAL, 2008, p. 462).

Tendo sofrido apenas um ferimento, a vítima o procura na prisão e a paixão se

reacende de ambos os lados, ao passo que a pobre Matilde é esquecida. E, finalmente, Julien morre na guilhotina.

Após o resumo do enredo das duas obras, agora se demonstra como acontece o dialogismo dentro delas. Nelas o narrador de *As cabeças trocadas* nos explicita o que Bakhtin descreve como dialogismo, isto é, um discurso que representa a relação com outra(s) obra(s) através do diálogo existente também com a obra *O vermelho e o negro*, de Stendhal, formando os elos para o novo texto, pois segundo Bakhtin: “As relações dialógicas são relações entre toda espécie de enunciados na comunicação discursiva. Dois enunciados, quaisquer que sejam, se confrontados em um plano de sentido, acabam em relação dialógica [...]” (BAKHTIN, 2006a, p.323). Sendo assim, percebe-se desde o início das narrativas que ao descrever as pessoas que habitam cada um dos lugares descritos há uma visível divisão de classes sociais.

Em *O vermelho e o negro* tem-se um local habitado por pessoas de classes sociais distintas em que cada uma delas tem seu lugar: “[...] põe em movimento um grande número de serrarias, uma indústria muito simples que proporciona certo bem-estar à maior parte dos habitantes, mais camponeses do que burgueses [...]” (STENDHAL, 2008, p.27). Percebe-se que nessa obra a sociedade sofre divisões onde cada habitante deve permanecer no seu lugar de origem. Em *As cabeças trocadas* também é mostrado claramente que ocorre tal distinção ao descrever as personagens principais da obra, Nanda e Shridaman. “[...] foi naquele tempo que dois jovens pouco diferentes quanto à idade e à casta [...]” (MANN, 1987, p.06). Na obra nos é evidenciado desde o princípio que as personagens da narrativa também devem ser “separadas” de acordo com a classe social a que pertencem.

Nas obras há bastante semelhança quanto à descrição do lugar em que acontece boa parte da narrativa. Em *O vermelho e o negro* a cidade é descrita do seguinte modo: “O rio Doubs corre a algumas centenas de pés abaixo de suas fortificações... está protegida, ao norte, por uma alta montanha, uma das ramificações do Jura...” (STENDHAL, 2008, p.27). Em *As cabeças trocadas* vê-se a paisagem semelhante: “... Esse lugar encontra-se á beira do arroio Mosca Dourada, que, alegre qual potranca solta, brota do seio das montanhas, mas depois modera seu curso e, num ponto santificado, conflui com o rio Djamna, o qual, por sua vez, numa localidade ainda mais sagrada une-se com o sempiterno Ganges” (MANN, 1987, p.12).

A descrição de duas personagens é feita de forma semelhante nas duas obras

analisadas: Julien, de *O vermelho e o negro*: “Era um jovem de dezoito para dezenove anos. Grandes olhos negros, que nos momentos tranquilos mostravam reflexão e ardor, cabelos castanhos escuros, porte esbelto e bem feito indicava agilidade [...]” (STENDHAL, 2008, p. 40) e Nanda, de *As cabeças trocadas*: “Nanda contava dezoito anos, era ferreiro e pastor de gado, mas também manejava o martelo e atiçava fogo da forja com o leque das penas, cabeleira escura, olhos negros continuam sempre risonhos” (MANN, 1987, pp. 07-08).

Vê-se que o narrador de ambas as obras literárias estabelece com o leitor um diálogo ao fazer a descrição das personagens; eles são bastante semelhantes nas duas obras supracitadas, tanto Julien quanto Nanda pertencem à classe social mais baixa, e isso é colocado de forma evidente pelo narrador, representando a constituição de sujeitos construídos a partir da relação com o mundo. Vê-se em Bakhtin que: “[...] as relações dialógicas só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso [...]” (BAKHTIN, 2006a, p.323).

Visto dessa forma, na construção das narrativas há um diálogo constante do narrador com o leitor, incorporando, numa espécie de antecipação, as reações do interlocutor imaginário. O diálogo não se restringe a uma conversa estabelecida pelo narrador, já que a enunciação incorpora discursos da tradição do romance. Sendo assim percebe-se nas duas obras a existência de um diálogo também referente à criação das personagens: eles são bastante semelhantes, pois se constituem a partir da formação religiosa, como pode ser observado desde o início das narrativas.

Naquela época em que a memória se originava nas almas dos homens, assim como a taça do sacrifício lentamente se enche de sangue ou de inebriantes poções, quando o colo da austera piedade patriarcal se abria, a fim de receber a semente da era primeva, e a saudade pela Mãe cercava símbolos antigos de renovados tremores, fazendo com que aumentassem as procissões dos peregrinos, que acorriam na primavera as moradas da grande Nutriz do Mundo [...] (MANN, 1987, pp. 05-06).

Nas duas obras tem-se a presença de um triângulo amoroso, sendo que em *O vermelho e o negro*, há uma personagem masculina – Julien - que se vê dividido entre o amor de duas mulheres. A primeira delas é a Senhora de Rênal, que é uma mulher casada e bastante fiel a seu esposo e ao amor incondicional que tem pelos seus dois filhos. Ela não acreditava que Julien pudesse amá-la e ele pensava que “Mesmo em seus momentos mais felizes a Senhora de Rênal duvidava sempre que

o amor fosse igual ao dela [...]” (STENDHAL, 2008, p.392); e a segunda é a Senhora de La Mole, uma mulher decidida e em busca de um amor verdadeiro, porém ela, por pertencer à classe social superior à dele, se achava no direito de menosprezá-lo, só que ela se rende ao amor dele:

— sou, então, completamente indigna de você, disse-lhe, tomando-lhe a mão.

Julien, abraçou-a, porém imediatamente a mão de ferro do dever prendeu seu coração. Se ela perceber o quanto eu a adoro, eu a perderei. E, antes de sair de seus braços, reassumiu toda a dignidade que convém a um homem. (STENDHAL, 2008, p.393)

Até o fim da obra Julien se vê envolvido nesse triângulo amoroso. No leito de sua morte as duas mulheres de sua vida se viam em sofrimento por ele. Sobre Mathilde, o narrador coloca que:

Ficando a sós com Fouqué, quis enterrar com suas próprias mãos a cabeça de Julien. Fouqué quase enlouquecia de dor.

Pelos cuidados de Mathilde, aquela gruta selvagem foi ornada com mármore esculpido a altos custos na Itália (STENDHAL, 2008, p.463).

A Senhora de Rênal também continuou fiel ao amor que sentia por Julien Sorel. Segundo o narrador, “A Senhora de Rênal foi fiel a sua promessa, não procurou de maneira alguma atentar contra a vida: mas três dias após Julien, ela morreu abraçando os filhos”. (STENDHAL, 2008, p.463)

Em *As cabeças trocadas*, o triângulo amoroso se faz com a presença de uma mulher – Sita - e dois homens – Nanda e Shridaman. Sita é uma bela jovem, filha de criadores de gado, da casta de guerreiros; Nanda é um jovem rapaz, filho de ferreiro e pastor de gado, da casta dos Sudras, e por fim Shridaman, jovem rapaz, um pouco mais velho que Nanda, filho de comerciantes, pertencente à casta dos Brahmanes.

Sita se encontrava em dúvida quanto aos sentimentos que tinha em relação aos dois. Primeiramente se casou com Shridaman e foi fiel a ele durante certo tempo, como descrito por ela ao vê-los mortos:

— Ó deuses, numes e grandes ascetas — murmuravam seus lábios arroxeados — estou perdida. Ambos os homens! Logo os dois de uma vez! Meu amo e marido, que deu comigo a volta ao fogo, meu Shridaman, com a veneranda cabeça e o corpo que, afinal de contas, proporcionava calor, pois me ensinou a volúpia tanto quanto a conheço. Ali jaz, separada do tronco, a estimável cabeça, perecida, morta! Perecido e morto também o outro,

Nanda, que me balançou e me pediu em casamento para o amigo [...] Mas não dá, a morte sangrenta ergueu uma barreira entre ele e meu endiabrado desejo, assim como antes fizeram a honra e a amizade. (MANN, 1987, p.70)

E Sita, depois da tragédia, se viu mais uma vez envolta no triângulo amoroso no qual ela era a peça principal, na dúvida de como conviver com o dilema pois, para ela, Shridaman era:

Meu marido, e nós nos uníamos à semelhança do divino par, assim como aconteceu pela primeira vez no leito adornado de flores, naquela noite nupcial, na qual ele com força varonil me fez desabrochar e pôs um fim à minha inocência, convertendo-me em sua mulher e acabando com minha arrogante ingenuidade. (MANN, 1987, p.78).

Mas Sita também se sentia envolvida por Nanda, como se vê no excerto:

Nanda me parecia comparável a Citraratha, o príncipe gandharva de divino encanto, igual ao Deus do Amor sob sua forma mais adorável, cheio de beleza e juventude, perturbador dos sentidos, adornado de celestes atavios, de grinaldas de flores, deliciosos perfumes e tudo o que nos pode enfeitiçar. (MANN, 1987, p.81)

Como solução para esse difícil dilema, viram que o melhor a se fazer era se oferecerem em sacrifício aos deuses, pois segundo Nanda,

Para pessoas honradas, não é imaginável que as coisas continuem assim, pois o alto nível de nossa civilização não permite poliandria ou promiscuidade. Isto vale certamente para ela e para ti também, embora tenhas meu corpo. Mas para mim, seria igualmente ilícito, sobretudo com teu corpo. Por isso, concordo contigo sem nenhuma restrição, no que se refere àquilo que disseste sobre a chama da vida. Prontifico-me a preparar para nós a cabana de lenha com estes meus braços fortalecidos no ambiente do jângal. (MANN, 1987, p.140)

Cumpriram o combinado sem desfazerem o triângulo amoroso, pois as três personagens se uniram ao ritual sagrado em devoção aos deuses:

E sem demora teve lugar o combate mortal, à frente da cabana [...] ambos os moços caíram sobre as flores, cada qual atingido no coração do outro. Mas seus funerais, devido ao sagrado acontecimento da auto-imolação da viúva, converteram-se numa grande festa.[...] na cabana se instalara Sita da aldeia Sede dos Touros Gibosos, no lugar entre o esposo e o amigo[...] os narradores da história asseguram, e queremos dar-lhes crédito, que o calor das chamas se lhe afigurou brando em face da alegria de estar unida aos homens amados. (MANN, 1987, p.144)

É importante ressaltar que nos dois romances tem-se um final trágico, em que as personagens se veem na condição de morrerem em nome do amor, pois não podem dar continuidade em razão dos conceitos religiosos em que estão inseridos. Sendo assim, entre ambos os romances existe um grande diálogo, pois as personagens, apesar de se sacrificarem e não conseguirem transpor as barreiras que existem, sentem-se realizados com a constatação de que o amor, mesmo depois da morte, será mais forte. Isso se mostra na fala de Julien, protagonista de *O vermelho e o negro*: “_ Quem sabe? Talvez tenhamos ainda sensações após nossa morte, dizia ele a Fouqué. Gostaria bastante de repousar, pois repousar é a palavra, nessa pequena gruta de grande montanha que domina Verrières [...] (STENDHAL, 2008, p.462). Da mesma forma, em *As cabeças trocadas* percebe-se esse sacrifício em nome do amor:

em sua memória, ergueram um obelisco no próprio sitio, para recordarem seu sacrifício. Os ossos dos três, que não ficaram totalmente consumados, foram recolhidos, regados de leite e mel e depositados numa urna de barro, que se lançou ao santo Ganges. (MANN, 1987, p.144).

Conforme se observa por meio dos trechos dessas obras, há um grande diálogo existente que ressalta a importância que o dialogismo assume no processo de interação verbal nas obras analisadas, confirmando assim o seu caráter interdiscursivo, pois para Bakhtin “[...] O enunciado nunca é apenas um reflexo, uma expressão de algo já existente fora dele, dado e acabado. Ele sempre cria algo que não existia antes dele, absolutamente novo e singular [...]” (BAKHTIN, 2006a, p.326)

Vê-se também que as obras dialogam com duas importantes escrituras sagradas que se mostrarão nos subcapítulos seguintes.

3.2 As Cabeças Trocadas e Bhagavad Gita

Ofereça-Me uma folha, uma flor, um fruto ou água com devoção. Eu aceitarei e provarei a oferenda da devoção pelo coração puro.

BHAGAVAD GITA

Neste subcapítulo se analisará o dialogismo existente nas obras *As cabeças trocadas* e *Bhagavad Gita*, o livro sagrado indiano. O segundo é uma doutrina que

diz respeito à verdade universal, e trata da mais sagrada ciência metafísica, transmitindo o conhecimento do Ser e responde a duas questões universais: Quem a pessoa é? Como ela pode conduzir uma vida pacífica e feliz neste mundo de dualidades? É um livro que se baseia nos princípios cardeais da religião indiana, que tem como objetivo principal ajudar as pessoas a lutar na escuridão da ignorância, a passarem o oceano da reencarnação, e assim alcançarem a libertação espiritual enquanto seres vivos e atuantes na sociedade. A mesma ideia está presente também na obra *As cabeças trocadas*, onde o narrador explicita que a família da personagem Shridaman buscava seguir esse princípio da religião indiana, como se nota:

[...] Desdenhara viver exclusivamente de dádivas piedosas, que fossem oferecidas em tributo a seus conhecimentos e talvez não bastasse para saciar seu apetite [...] Shridaman também seguiu o exemplo de seu pai, não sem ter consagrado alguns anos de sua infância ao estudo da gramática, da astrologia e dos elementos fundamentais da ontologia, sob orientação de um guru e mestre espiritual. (MANN, 1987, p. 07-08).

No trecho acima, percebe-se que a personagem Shridaman, que foi criado tendo como ensinamento principal a obra sagrada, aprendeu que o recebimento da liberdade ou da alegria é motivado pela ação da vida de cada um. A mensagem mostrada, segundo Bhagavad Gita, é para a purificação de todo o processo da vida em si mesma. Dessa forma, a pessoa pensa apenas na glória e na satisfação do Criador, Ser Supremo, com a purificação do corpo, da mente e do intelecto, para assim conquistar o estado de espírito elevado, no qual se pratica disciplina pessoal, penitência, boa conduta, serviço desapegado, adoração, oração, rituais, e estudo das escrituras, como descreve o narrador: “Muitos lugares de banho sobremodo famosos purificam quaisquer máculas, e neles se pode colher o renascimento, haurindo a água da vida e mergulhando no seio da corrente [...]” (MANN, 1987, p.12.). Assim, deve-se abandonar a luxúria, a ira, a avareza e estabelecer o controle sobre os seis sentidos (audição, tato, visão, gustação, olfato e mente).

Destaca-se ainda que todos os trabalhos foram feitos pela energia da natureza, e que os devotos não são os agentes, mas apenas o instrumento. Agindo de acordo com essa filosofia de vida, Shridaman parte em viagem com seu amigo Nanda, cada qual com motivos particulares. O primeiro foi em busca dessa energia da natureza, como demonstra o trecho: “[...] Assim, chegaram a um sítio de banhos

rituais pertencente a Kali, Mãe de todos os mundos e seres, a que abarca o universo e inebria os sonhos de Vixnu [...] (MANN, 1987, p.12).

Em uma análise aprofundada, nota-se que nas obras literárias existem elementos determinantes que levam o texto a manter relações dialógicas com outros textos. Para Bakhtin: “Dois enunciados alheios confrontados, que não se conhecem e toquem levemente o mesmo tema (idéia), entram inevitavelmente em relações dialógicas entre si [...]”. (BAKHTIN, 2006a, p.320).

No decorrer de toda a narrativa de Mann, percebe-se o diálogo existente com o livro sagrado indiano; as personagens Shridaman e Nanda se veem renovados na crença de terem em suas vidas um Ser Supremo a quem devem devoção. Isso é mostrado claramente a partir do segundo capítulo da obra manniana, como descreve o narrador:

Os jovens mostravam-se alegres por terem chegado a esse sítio que lhes oferecia o múltiplo ensejo para a devoção, o descanso e a restauração de suas forças [...] primeiramente, os amigos desincumbiram-se de seus deveres religiosos tão bem como permitiam as circunstâncias. [...] Por mero prazer, demoraram no banho mais tempo que exigiam as obrigações religiosas, e depois, sentindo no corpo inteiro a bênção da comunhão, encaminharam-se ao ponto debaixo das árvores que haviam escolhido para o descanso. (MANN, 1987, p. 13-14)

Vê-se que o trecho acima transcrito dialoga com a obra sagrada, pois no capítulo 3, versículo 07, é colocado que “Aquele que controla os sentidos – pela educação e purificação da mente e intelecto – e que ocupa os órgãos e ações ao serviço abnegado é considerado superior”. (BHAGAVAD GITA, s/d, p. 24). As personagens Nanda e Shridaman purificam a mente no banho sagrado e conseguem se realizar, buscando assim a bênção da comunhão, como se descreve no rito religioso.

Mais uma vez o diálogo aparece na obra manniana no momento em que Shridaman explica a Nanda a importância do banho, ritual de imersão, e o primeiro diz: “Aqui parecemos estar mais além das seis ondas da fome e da sede, da velhice e da morte, das mágoas e das ilusões” (MANN, 1987, p. 16). Corrobora-se essa assertiva em *Bhagavad Gita*, pois no capítulo 02, versículo 65, é dito que: “Todos os sofrimentos são destruídos sob o alcance da tranquilidade. O intelecto de tal pessoa tranqüila em breve torna-se completamente firme, e em união com o Supremo” (BHAGAVAD GITA, s/d, p.21). Na narrativa Shridaman acrescenta que:

Quão próximos estão entre si o riso e o pranto e que é um simples equívoco estabelecer uma diferença fundamental entre o prazer e o sofrimento, almejando àquele e rejeitando a este, visto que, afinal de contas, somente os dois juntos podem ser chamados de bom ou de mau. Há, no entanto, uma combinação de riso e pranto que mais se presta a ser aprovada e qualificada de “boa”, em meio a todas as emoções da vida [...] (MANN, 1987, p.17).

Relativamente à importância do conhecimento do Ser, vê-se que, no romance *As cabeças trocadas*, Nanda questiona seu amigo Shridaman a respeito das pessoas que não tiveram a oportunidade de conhecer e estudar o livro sagrado indiano, se elas também vivem e conseguem ver que as coisas reveladas não são tão belas quanto parecem ser, como se evidencia no trecho em que Nanda argumenta para seu amigo a respeito da quietude acolhedora:

[...] pois, onde quer que haja um pouquinho de quietude acolhedora, como, por exemplo, neste lugar, logo te deixas iludir pela aparente paz, distancias-te, devaneando, das seis ondas da fome e da sede, e pensas encontrar-te no centro imóvel do redemoinho. E no entanto, em toda essa calma confortável e na circunstância de existir nesse silêncio, muita coisa que carece ser escutada revela precisamente que nele há um enorme turbilhão e que todas essas sensações de paz não passam de ilusões. Estes pássaros trocam arrulhos somente porque querem fazer amor; estas abelhas e libélulas, estes besouros agitam-se, impelidos pela fome; da relva ressoam secretos rumores de milhares de formas de luta pela vida, e estes cipós, que tão graciosamente cingem as árvores, desejam apenas asfixiá-las para tirar-lhes sumo e fôlego, no único intuito de cevar-se e engordar. Eis o verdadeiro conhecimento do ser. (MANN, 1987, p.19)

Destarte, a personagem Nanda estabelece um diálogo com a obra sagrada, pois segundo os ensinamentos no capítulo 2, versículo 45, de *Bhagavad Gita*, é necessário ver os três modos: “[...] bondade, paixão e ignorância – da natureza material. Eleve-se acima destes três modos, e seja auto-consciente. Torne-se livre da tirania do par de opostos. Fique tranqüilo e indiferente com os pensamentos de aquisição e preservação de objetos materiais”. (BHAGAVAD GITA. s/d, p.16). Mediante a transcrição do versículo presente no capítulo, vê-se que Nanda é conhecedor e vive de acordo com a sagrada escritura indiana. E assim, Shridaman concorda com Nanda, e acrescenta:

_ Não o ignoro _ disse Shridaman _, e não me iludo a esse respeito, ou pelo menos só por um momento e de propósito. Pois, além da verdade da razão e do conhecimento, existe ainda a simbólica intuição do coração humano, que sabe ler a escrita dos fenômenos não apenas no seu sentido primário, prosaico, mas também segundo seu significado secundário, superior, e a

aproveita como recurso para atingir a contemplação do puro e do espiritual. Como queres alcançar a percepção da paz e experimentar a fortuna da imobilidade, sem que, para tanto, uma imagem maya te ofereça os meios, ainda que tal imagem em si não seja de modo algum fortuna e paz? Aos homens foi dado e concedido que possam servir-se da realidade para vislumbrarem a verdade [...] (MANN, 1987, p.19).

No trecho acima, existe um grande diálogo com o livro sagrado, pois no capítulo 2, versículo 46, está escrito que: “Para a pessoa iluminada, que está realizada na verdadeira natureza do Ser interior, os ensinamentos tornam-se proveitosos como um pequeno reservatório de água, tornando-se disponível como a água de um grande lago.” (BHAGAVAD GITA, s/d, p.16). Vê-se que as escrituras têm um valor finito, e quem é conhecedor dela vai de encontro à infinitude da verdade, pois elas são meios necessários, mas não são o fim. As escrituras possuem a intenção de conduzir e guiar o ser humano no caminho espiritual.

Mais uma vez a obra manniana é estabelecadora de diálogo com a escritura sagrada, pois no capítulo 5, versículo 18, evidencia-se que: “ Uma pessoa iluminada – pode observar Deus em tudo – vê a um sábio, um sem casta, mesmo uma vaca, um elefante, ou um cão, com uma visão igual.” (BHAGAVAD GITA, s/d, p. 43). No romance, Shridaman explica a seu amigo a importância de ver as coisas não unicamente pela imagem que se mostra, e sim se preocupar também com a alma que elas possuem, e coloca ainda que:

[...] cumpre vencer a repugnância que a imagem de um mendigo leproso provoca em nós. Não devemos aferrar-nos a ela, tal como atua sobre nossos olhos e os demais sentidos. Pois o efeito ainda não é realidade. Devemos, por assim dizer, ultrapassar a intenção, a fim de obtermos a compreensão que todos os fenômenos têm o direito de pretender. Pois são mais do que apenas fenômenos, e sua essência, sua alma devem ser descobertas atrás da imagem. Porém não basta não nos obstinarmos no asco produzido pelo aspecto da miséria. Tampouco _ e menos ainda _ devemos agarrar-nos ao prazer que nos causa a visão da beleza, já que também esta é mais do que imagem, embora a tentação dos sentidos dispostos a aceitá-la somente como tal seja ainda maior do que no caso do espetáculo asqueroso. Pois, aparentemente, o belo nada exige da nossa consciência e não requer que compreendamos a sua alma, ao contrário do que faz a imagem do mendigo, justamente por causa de sua fealdade. (MANN, 1987, p.32).

Os trechos acima descritos dialogam um com outro, pois neles se percebe que aquele que tem como ensinamento a escritura sagrada age de modo a valorizar a essência do outro, sem enxergar a aparência, sendo assim, alcança-se o verdadeiro Ser mostrado atrás da imagem.

Prossegue-se na análise e nota-se que o diálogo entre as obras ocorre também na página 35, quando a personagem Shridaman diz a Nanda que: “[...] a própria ebriedade com que nos atordoa se confunde com o entusiasmo que nos leva à verdade e à liberdade! Pois, em resumo, o que nos cativa também nos liberta, e o entusiasmo une o espírito e a beleza material” (MANN, 1987, p. 35). Em *Bhagavad Gita*, capítulo 7, versículo 5, lê-se que: “ A beleza material, é Minha natureza interior. Minha outra elevada natureza é o espírito, pelo qual este universo inteiro é sustentado” (BHAGAVAD GITA, s/d, p. 55)

Shridaman é tão devoto ao seu Ser supremo que em um momento de desespero se entrega à divindade que exige sacrifícios, e traz consigo a morte, enquanto confere a vida, e diz que:

_ Ó tu, que não tens princípio e já exististe antes de qualquer criação! Mãe sem homem, cujas vestes não alguma levanta! Tu que terrificas e prazerosamente tudo abranges, que tornas a absorver quaisquer mundos e imagens que de ti brotaram! Com a imolação de muitos seres vivos, o povo te honra, pois a ti cabem o sangue e a vida de todos. Certamente obterei eu tua misericórdia para minha salvação, se me imolar a mim mesmo diante de ti! Sei muito bem que nem assim escaparei da vida, por mais que o deseje. Mas permite que eu volte a ti pela porta do ventre materno, a fim de que me liberte desse eu e deixe de ser Shridaman, ao qual todo o gozo apenas cause perplexidade, porque não é ele quem o propicia. (MANN, 1987, p. 57-58)

A partir das palavras de Shridaman, percebe-se claramente que o discurso é estabelecido de um diálogo com a obra sagrada, pois o conhecimento de Deus é uma devoção, é um amor divino. No capítulo 7, versículo 18, lê-se: “Todos aqueles que buscam a Mim são realmente nobres, mas Eu estimo o devoto esclarecido como Meu verdadeiro Ser; porque aquele que é leal torna-se uno Comigo, e permanece em Minha Suprema Morada” (BHAGAVAD GITA, s/d, p. 58).

Em *As cabeças trocadas*, a personagem Sita, ao se deparar com o suicídio de seu esposo e de seu amigo Nanda, se viu totalmente desesperada. Vendo os dois mortos implorou à Santa Deusa que concedesse a graça de devolver o duplo sacrifício e reconstituir as coisas como eram antes, e prometeu que se a deusa lhe concedesse a graça ela iria se comportar diferente. Como se vê:

_ Ah, Santa Deusa e querida Mãe! _ exclamou Sita, banhada em lágrimas.
_ Se pudesses fazer isso, se pudesses anular essas terríveis façanhas, se me devolvesse o esposo e o amigo, e tudo fosse como dantes, como não te abençoaria e até restringiria as palavras de meus sonhos, para que o

nobre Shridaman não se magoasse mais! Ilimitada seria minha gratidão, se tu o conseguisses e fizesses com que tudo voltasse ao estado anterior! [...] (MANN, 1987, p.85)

Em *Bhagavad Gita* tem-se no capítulo 7, versículos 21-22 que: “Quem quer que seja, desejando adorar alguma deidade - usando qualquer nome, forma e método - com fé, Eu torno a fé deles firme nesta verdadeira deidade. Favorecidos com fé firme, eles adoram aquela deidade, e obtêm seus desejos através dela. Todos os seus desejos, são, realmente, concedidos por Mim” (BHAGAVAD GITA, s/d, p. 58). Essa passagem demonstra claramente o dialogismo entre os dois romances analisados, pois a fé demonstrada, tanto pela personagem Sita quanto na Sagrada Escritura se elocupletam.

O diálogo com a obra se destaca mais uma vez quando o narrador acrescenta que

era, com efeito, uma dita tal como raras vezes se encontra na Terra, senão somente nas regiões do Paraíso. A ventura terrestre, a satisfação dos desejos que cabem à grande maioria das criaturas mortais sob as condições da ordem, da lei, da piedade, da ética, são módicas e reduzidas. Em toda parte, delimitam-se proibições e inelutáveis escrúpulos. Privações, renúncias, compromissos ditados por emergências, eis o destino dos seres humanos. Nossa avidez não tem limites, mas sua realização fica parcamente restrita. O insistente “se eu pudesse” choca-se a cada instante com o duro “impossível” e o sóbrio “contenta-te” que nos ensina a vida. Alguma coisa nos é outorgada; muita se nos nega e, via de regra, a esperança de que um dia o que nos foi vedado possa ser concedido permanece um sonho [...] (MANN, 1987, p.116).

O trecho acima dialoga com o capítulo 13, versículos 07-08:

Humildade, modéstia, não-violência, perdão, honestidade, pureza de pensamentos, palavras, obras e ações, regularidade, auto-controle, aversão pelos objetos dos sentidos, ausência do ego, constante reflexão sobre a dor, e o sofrimento inerente no nascimento, velhice, doença e morte (BHAGAVAD GITA, s/d, p. 92)

Os excertos acima formulam o sagrado fundamento indiano, que ressalta a importância da contemplação constante e o entendimento de que a agonia e o sofrimento, devido às venturas terrestres, são inerentes ao nascimento, velhice, doença e morte. Um entendimento claro da verdade é necessário para se ter início na jornada espiritual. Um desgosto e desencantamento, por menor que seja, e a

falta da realidade no mundo, e de seus objetos, se transformam numa espécie de prelúdio para a jornada espiritual.

Segundo a obra sagrada *Bhagavad Gita*, os extremos devem ser evitados a qualquer custo em todas as esferas da vida. Uma mente e um corpo saudáveis são requeridos para o sucesso de uma realização de qualquer prática individual. Mostra-se no capítulo 6, versículo 20, que “quando a mente é disciplinada pela prática da meditação, torna-se firme e quieta; alguém se torna contente com o Ser por contemplá-lo com o intelecto purificado” (BHAGAVAD GITA, s/d, p. 49). E pode-se notar esse diálogo na obra de Mann, quando o narrador coloca que

há uma beleza espiritual e outra que fala aos sentidos. Há, contudo, certas pessoas que querem restringir o belo exclusivamente ao campo dos sentidos e dele apartar completamente o espiritual, com o resultado de uma cisão sistemática entre o espírito e a beleza. Nisso se baseia o ensinamento dos patriarcas védicos, que reza: “Nos mundos existem tão-somente dois gêneros de beatitude: a que provém dos prazeres do corpo e a que tem sua origem na serenidade redentora do espírito”. Mas, dessa doutrina da felicidade conclui-se logo que entre o belo e o espiritual não há a mesma oposição que separa o belo do feio, e que a relação em ambos os casos é somente sob certas condições idênticas. (MANN, 1987, p.125)

Sem a pretensão de afirmar ser este o último exemplo de diálogo entre as obras, vê-se o dialogismo presente no momento final da história quando as personagens Shridaman, Nanda e Sita buscam a purificação de suas vidas através do sacrifício aos deuses para assim obterem a redenção por seus atos:

Então somente nos resta desfazer-nos de nossa condição trocada e reunir nossas essências novamente com o Todo Universal. Ora, quando o indivíduo se enreda num conflito igual ao nosso, melhor é fundi-lo na chama da vida como uma oferenda de manteiga no fogo do sacrifício. (MANN, 1987, p.139-140).

O trecho abaixo transcrito, contido na obra *Bhagavad Gita*, corrobora a ideia transmitida pelo romance manniano; senão veja:

Aquele que não odeia nenhuma criatura, que é amigável e misericordioso, livre da idéia de “eu” e “meu”, sendo o mesmo na dor e no prazer, perdoando, e que está sempre contente, que há subjugado na mente, e cuja resolução está firme, cuja mente e inteligência estão ocupadas em juntar-se a Mim, e que é muito devotado a Mim, Me é muito querido. (BHAGAVAD GITA, s/d, p. 87).

Assim, tem-se claramente presente nas duas obras uma relação ocorrida entre os interlocutores compartilhada em tempo e local específicos, porém dentro de suas variações de contexto. Destarte, ocorre o dialogismo latente.

No subcapítulo seguinte, mostrar-se-á o dialogismo na obra *O vermelho e o negro* bem como na Bíblia Sagrada.

3.3 O Vermelho e o Negro e o Cristianismo

Acaso um caminho se torna menos belo porque há espinhos nas sebes que o ladeiam? Os viajantes se vão e deixam que os espinhos maldosos se enrequelem onde estavam [...]

STENDHAL

A Bíblia é um livro sagrado do Cristianismo que influencia a escrita universal e estabelece diálogos com obras literárias, pois é fonte de inspiração e de releituras. Isso reforça a tese de que cada texto só existe em função de outro ou outros textos. Dessa forma, a interação dialógica associa dois ou mais diálogos textuais criando um novo contexto para essa leitura. Segundo Bakhtin:

Na relação criadora com a língua não existem palavras sem voz, palavras de ninguém. Em cada palavra há vozes às vezes infinitamente distantes, anônimas, quase impessoais, quase imperceptíveis, e vozes próximas, que soam concomitantemente. (BAKHTIN, 2006a, p. 330)

Em *O vermelho e o negro*, percebe-se um diálogo com o livro sagrado desde o início da obra literária quando, no quarto capítulo, a personagem o Senhor de Rênal vai “negociar” com o Senhor Sorel a mudança de Julien para a casa do prefeito para assim ser ele preceptor das crianças e ensiná-las sobre a Sagrada escritura. O diálogo com a Bíblia acontece no momento em que se vê a diferença existente entre os filhos mais velhos e o filho mais novo, o jovem Sorel: “[...] talvez perdoasse Julien por seu porte magro, pouco adequado a trabalhos pesados e tão diferente da corpulência dos mais velhos [...]” (STENDHAL, 2008, p. 39). Como se observa, há um diálogo com a passagem bíblica em Gênesis, capítulo 4, que mostra a convivência de Caim e Abel, filhos de Adão e Eva, pois, assim como na sagrada escritura, Julien é bem diferente de seus irmãos; ele não tinha um coração muito bondoso, diferentemente de seus irmãos, que amavam e respeitavam as ordens do

seu pai, Senhor Sorel. E Caim, também, não tinha um bom coração e sentia raiva e inveja de seu irmão mais novo.

Observa-se ainda o diálogo entre a obra stendhaliana, presente no capítulo VII, em que Julien se sente menosprezado por todos de sua família, ao dizer que: “E também eu sou uma espécie de enjeitado, odiado por meu pai, por meus irmãos, por toda minha família [...]” (STENDHAL, 2008, p. 55) e a obra sagrada, em que os irmãos de José, filhos de Jacó, se sentiam relegados diante da preferência do pai com relação ao filho mais velho de Raquel. “Vendo, pois, seus irmãos que o pai o amava mais que a todos os outros filhos, odiaram-no [...] (GÊNESIS capítulo 37, versículo 4). Esse mesmo rancor era o que sentia Julien, por perceber que o pai amava mais os outros irmãos do que a ele. Corrobora-se essa afirmativa com o trecho em que o narrador coloca que Sorel: “ [...] Desde pequeno, seu ar extremamente pensativo e sua marcante palidez davam a seu pai a idéia de que ele não viveria, ou então viveria sendo um peso para a família”.(STENDHAL, 2008, p. 40).

Durante a narrativa em *O vermelho e o negro*, percebe-se que a Senhora de Rênal também é uma pessoa voltada aos preceitos religiosos, e a obra dialoga mais uma vez com a Bíblia, pois ela vive fielmente à risca dos dez mandamentos da Igreja, em que se impõem as regras que garantiriam que o homem fosse mais feliz consigo mesmo e com o seu próximo enquanto vivesse sobre a Terra. No sexto mandamento, em Êxodo, capítulo 20, versículo 14, diz-se que: “não adulterarás”, isto é, só se deve amar o próprio marido. É assim que a Senhora de Renal pensa, segundo o narrador: “Surgiu-lhe de repente a medonha palavra: adultério. Tudo quanto a mais vil devassidão pode imprimir de repugnante à idéia do amor dos sentidos se apresentou em massa à sua imaginação [...]”. (STENDHAL, 2008, p. 83).

A Senhora de Rênal se sentia culpada por estar com seu filho doente, já que se sentia atraída pelo jovem seminarista. Por seguir os conceitos religiosos, achava que seu filho se encontrava naquela enfermidade devido aos seus pensamentos impuros com relação a Julien, e mais uma vez a obra dialoga com as sagradas escrituras, pois a Senhora de Rênal diz a Julien:

— Fuja de mim, disse ela um dia a Julien, em nome de Deus, deixe esta casa; é sua presença que está matando meu filho. Deus me pune, acrescentou em voz baixa. Ele é justo; adoro sua justiça; meu crime é

medonho, e eu vivia sem remorsos! Era o primeiro sinal do abandono de Deus; devo ser punida em dobro. (STENDHAL, 2008, p.127)

O trecho acima evidencia que a Senhora de Rênal é temente a Deus, assim como os fieis também os são, como se demonstra em Samuel II, capítulo 11, versículo 27, em que se mostra que Deus se entristece com as atitudes erradas das pessoas e não protege as que têm maus pensamentos e más intenções. E é assim que a Senhora de Rênal se sentia, desprotegida e desamparada, pois estava tendo maus pensamentos e más intenções com relação ao jovem Sorel; com isso, sentia que estava traindo a Deus e queria ser punida. E mais adiante ela acrescenta:

— Mas me humilharei, me jogarei na lama; e assim, talvez salve meu filho. Esta humilhação aos olhos de todos não seria uma expiação pública? Até o ponto em que minha fraqueza pode julgar, não é este o maior sacrifício que posso fazer a Deus?... Talvez Ele se disponha a aceitar minha humilhação e a deixar-me meu filho! Indique-me um outro sacrifício mais penoso e recorrerei a ele. (STENDHAL, 2008, p.123)

Após todo o tempo de sofrimento devido à doença do filho, a Senhora de Rênal pedia a Deus clemência, pois se sentia culpada por tudo que estava acontecendo ao pequeno Stanislas. Depois de dois dias de tormenta, o narrador coloca que

finalmente o céu teve piedade daquela mãe infeliz. Pouco a pouco Stanislas foi ficando fora de perigo. Mas a indiferença fora partida, sua razão conheceu a extensão do seu pecado; ela não pode mais reequilibrar-se. Os remorsos ficaram, sendo o que deviam ser em um coração tão sincero. Sua vida foi céu e inferno; [...] (STENDHAL, 2008, p.124).

Após a cura da doença do filho, a Senhora de Rênal tentou se afastar de Julien e assim continuar a sua vida de modo a adorar a Deus e a viver de acordo com os mandamentos sagrados, tanto que assim mostra o narrador:

Ela sacrificaria sua vida sem hesitar para salvar a de seu marido, caso o visse em perigo. Era uma dessas almas nobres e romanescas para as quais, perceber a possibilidade de uma ação generosa e não praticá-la, se torna a fonte de um remorso quase igual ao de um crime perpetrado. (STENDHAL, 2008, p.159)

O diálogo com a escritura sagrada se evidencia em Samuel II, capítulo 18-19, no versículo 33, no momento em que Davi fica feliz em saber que seu povo venceu a guerra, porém, recebe a triste notícia que perdera seu filho. Dizia que: “Meu filho

Absalão, meu filho, meu filho Absalão! Quem me dera que eu morrera por ti, Absalão, meu filho, meu filho!”.

No capítulo XXVI – O mundo ou o que falta ao rico - Julien dialoga com a Bíblia ao dizer as mesmas palavras que foram ditas na parábola do filho pródigo - Lucas capítulo 15, versículos 1-2;11-32 - em que pai tinha dois filhos, e o filho mais novo pediu que sua parte da herança fosse entregue para que pudesse administrá-la. Assim fez o pai. Deu a seu filho todo o dinheiro que a ele cabia e o filho mais novo partiu; como era muito jovem gastou tudo que tinha com os falsos amigos e ficou na miséria. Sofreu muito, e sentiu grande saudade do pai, resolveu voltar e assim disse ao seu pai: “Pai, pequei contra o Céu e contra ti; já não mereço ser chamado de seu filho...”. E, é dessa forma que Julien se sentia, e dizia a Deus: “- *Peccavi, pater optime* (pequei, confesso minha falta meu Pai) [...] (STENDHAL, 2008, p.177) e assim, Julien tentava viver conforme as leis Divinas enquanto estava no seminário.

Mais uma vez nota-se o diálogo entre *O vermelho e o negro* a Bíblia, no capítulo XXIX, em que Julien estava internado no seminário para estudar e proferir as palavras sagradas. Em uma visita do abade Pirard ao jovem seminarista, dizia a ele que: “[...] Se você se apegar à verdade de forma invencível, cedo ou tarde seus inimigos serão confundidos” (STENDHAL, 2008, p.196). Assim como na passagem bíblica onde tais palavras também são colocadas por Jesus a seus fieis.

Na página 215, vê-se na fala da Senhora de Rênal que mais uma vez a obra stendhaliana dialoga com a Sagrada Escritura, quando ela afirma: “_ Deus me deu a graça de compreender o quanto eu pecava contra Ele, contra meus filhos, contra meu marido [...]” (STENDHAL, 2008, p. 215). A personagem ressalta a passagem acima transcrita porque ela percebe que não deve ceder aos desejos da carne e se entregar ao preceptor de seus filhos, Julien Sorel, assim como em Lucas 11,versículo 4, que mostra que:“ Jesus perdoa nossos pecados[...]” (Lucas 11,4) não deixando que ela caia em tentação.

A obra romanesca em outro ponto dialoga com a obra sagrada quando a Senhora de Rênal responde uma carta para o Senhor de La Mole dizendo o que viu com relação ao jovem Sorel, como se observa no excerto abaixo:

O que devo à causa sagrada da religião e da moral me obriga à atitude penosa que venho cumprir perante o senhor; uma regra que não pode

falhar, ordena-me prejudicar, nesse momento, meu próximo com o objetivo, porém, de evitar um escândalo maior. A dor que sinto deve ser superada pelo sentimento do dever. É bem verdade, senhor, que a conduta da pessoa que me pergunta toda a verdade, poderia parecer inexplicável e até honesta. Poderia ter parecido conveniente ocultar ou disfarçar uma parte da verdade; a prudência o aconselhava, tanto quanto a religião [...] (STENDHAL, 2008, p.413).

É interessante ressaltar que, mesmo num momento de dor, a personagem, Senhora de Rênal, coloca acima de tudo a fé que prevalece em sua vida, os mandamentos religiosos, assim como em Romanos, capítulo 12, versículo 21, em que se lê: “Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.” (Romanos 12, 21). Dessa forma, a Senhora de Rênal age tentando mostrar que Julien é pessoa que não busca viver conforme a religião, e sim conforme os objetivos pessoais que coloca acima de qualquer coisa.

Observa-se o dialogismo na fala do narrador quanto aos pensamentos da Senhora de Rênal quando ela, ao levar um tiro do jovem Sorel, pensa que: “[...] Morrer assim, mas não por minha mão, pensava a Senhora de Rênal, não constitui pecado. Deus talvez me perdoe por eu me alegrar com minha morte [...]” (STENDHAL, 2008, p. 415). Segundo a Bíblia Sagrada, em Mateus 22:

Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e do todo o teu entendimento.
Este é o grande e primeiro mandamento.
O segundo, semelhante a este, é:
Amarás o teu próximo como a ti mesmo.
Destes dois mandamentos depende toda a Lei e os Profetas. (Mateus 22, 37-40)

O pensamento da Senhora de Rênal naquele momento de entrega era sem sombra de dúvida o de buscar o perdão, em toda plenitude e a qualquer custo. Talvez não fosse esse o entendimento do Criador, já que os ensinamentos Divinos buscam evitar o acontecimento das desgraças terrenas e não a ocorrência delas, para oferecer sacrifício em busca do perdão.

No capítulo XXXVII, da obra *O vermelho e o negro*, observa-se outra ocorrência de dialogia com o livro sagrado em João, capítulo 3, versículo 21. Nesse capítulo o autor mostra Julien arrependido de todo o mal que causou às pessoas e também ao Senhor Chélan, que o amava como a um filho. A visita do seu antigo cura o deixou arrependido de todos os pecados que havia cometido, como se nota:

Aquele aparecimento deixou Julien mergulhado em uma infelicidade cruel e lhe afastava as lágrimas. Tudo parecia-lhe triste e sem consolo; sentia o coração enregelado em seu peito.

Aquele instante foi o mais cruel que experimentou depois do crime. Acabava de ver a morte, e em toda sua fealdade. (STENDHAL, 2008, p.427)

Nos momentos finais da obra *O vermelho e o negro*, percebe-se que há dialogia com a Bíblia, pois o padre de Resançon queria que Julien se confessasse antes de ser morto, já que fora condenado à morte por ter tentado matar a Senhora de Rênal. O padre diz:

— Sim, meus irmãos, lhes dizia, passarei aqui o dia, a noite, bem como todos os dias e todas as noites que se seguirão. O Espírito Santo me falou, recebi uma missão do alto. Sou eu quem deve salvar a alma do jovem Sorel. Unam-se às minhas orações, etc. etc. (STENDHAL, 2008, p.450).

Esse trecho dialoga com a Bíblia Sagrada, no livro de Tiago, capítulo 5, versículos 14-15, onde se lê:

Alguém dentre vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que orem sobre ele, unguindo-o com óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente e o Senhor o aliviará; e, se tiver cometido pecados, estes lhes serão perdoados. (Tg 5, 14-15).

Segundo o Catecismo, as pessoas precisam se confessar, para que recebam a extrema unção, semelhantemente ao momento da morte da personagem Julien: para que o padre conceda ao pecador, o que antigamente era nomeado de “extrema unção”⁴⁰, e hoje, é chamado de Unção dos enfermos, que consiste no ato de o padre absolver os cristãos de seus pecados e assim, alcançar a graça de entrar no reino dos Céus, é preciso que o pecador faça a confissão de seus pecados.

Em suma, nas obras existe uma relação dialógica constante quanto à elaboração dos enunciados novos a partir dos já existentes, pois para Bakhtin, “[...] o enunciado não é determinado por sua relação apenas com o objeto e com o sujeito-autor falante [...], mas imediatamente com outros enunciados no âmbito de um dado campo de comunicação [...]” (BAKHTIN, 2006a, p.328). Sendo assim, percebe-se o dialogismo como processo de interação entre a leitura de *As cabeças trocadas*, *O vermelho e o negro*, *Bhagavad Gita* e a *Bíblia*.

⁴⁰ Extrema Unção – consiste no ato de o padre absolver os cristãos dos seus pecados e assim, alcançarem a graça de entrar no reino dos céus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo focalizou primordialmente o dialogismo existente nas obras *As cabeças trocadas*, de Thomas Mann e *O vermelho e o negro*, de Stendhal. E teve como objetivo evidenciar que as obras estabeleceram diálogos entre si, bem como entre a Bíblia Sagrada e o livro sagrado indiano, *Bhagavad Gita*.

Verificou-se que os discursos dialógicos, mostrados por meio dos enunciados, eram plenos de variadas atitudes e realizados de modo interativo, por meio de posicionamentos responsivos, elevando a formação do sujeito nas narrativas, as quais se compuseram a partir de diversas vozes, sendo de suma importância para a análise e leitura das obras que foram estudadas, o que propiciou uma reflexão sobre como a palavra foi dirigida a um interlocutor e permeada de diálogos, compartilhada em local e tempos distintos, porém sofrendo variações de acordo com o contexto em que foram inseridos. Enfim, os sujeitos das narrativas mostraram-se como seres de ações concretas no processo de interação verbal.

Notou-se que os romances estudados apresentaram um valor artístico evidenciado por meio do diálogo, que teve como suporte teórico os estudos filosóficos de Bakhtin, já que esse renomado pensador reconhece o caráter dialógico da linguagem quando ocorre a interatividade.

Assim sendo, buscou-se mostrar como aconteceu o processo intertextual nas obras analisadas, em especial, a citação, a alusão e a epígrafe, nas quais se pôde perceber que as narrativas faziam lembrar outras obras, e que elas também davam pistas desses importantes recursos intertextuais, uma vez que os romances constituíram o espaço de interação social com o leitor. Por meio dessa análise das epígrafes, em *O vermelho e o negro* viu-se que os temas pretextuais dialogavam com o desenvolvimento do capítulo, e que constituíam um resumo da temática desenvolvida, mostrando as preferências do autor na construção estética da obra.

O estudo da teoria dialógica contribuiu para uma melhor assimilação pelo leitor no momento da interpretação de uma obra literária, em especial as que foram analisadas nessa dissertação. Com isso, compreendeu-se que o dialogismo presente em *As cabeças trocadas* e em *O vermelho e o negro* se realizou por meio do entrelaçamento que se evidenciou mediante a importância que ele assumiu no contexto, seja no discurso das personagens, seja no discurso religioso, que se mostraram no decorrer das narrativas, fazendo com que eles se tornassem únicos.

Portanto, nos textos literários em questão, prevaleceram a intertextualidade e os diálogos com as obras entre si e entre essas e as obras sagradas, nas quais se provou que configuraram uma unidade dialógica e, assim, possibilitou-se uma nova compreensão desses textos, que foi percebida por intermédio desses processos, demonstrando que os textos literários recriam-se e renovam-se mutuamente.

É importante considerar que se realizou a pesquisa bibliográfica das obras e constataram-se as nuances dialógicas entre elas e as escrituras sagradas. Comprovou-se que as palavras do outro estão sempre perpassadas pelas de alguém, demonstrando-se claramente que os excertos onde os diálogos aconteciam traziam as diversas vozes presentes nos romances literários, permitindo entender que o leitor não recebe o texto de forma passiva, pois sente ele a necessidade de ver os diálogos implícitos e explícitos.

Em suma, o estudo demonstrou que é através dessa perspectiva de análise, da interação dialógica, que o texto foi elevado a uma rede de interlocução. Percebeu-se ainda nas narrativas o diálogo com textos sagrados de maneira sutil e precisa.

REFERÊNCIAS

- ABAGGANANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- BAGHAVAD GITA. *O Bhagavad- Gita, o som de Deus*. Buenos Aires-Argentina,s/d.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006a. Trad.Paulo Bezerra.
- _____. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. 12ª ed. São Paulo: Hucitec, 2006b.
- _____. *Questões de literatura e de estética (A Teoria do Romance)*. 4. ed. São Paulo:Unesp Hucitec, 1998.
- _____. *Problemas na poética de Dostoiévski*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense – Universitária. 1981.
- BARROS, Diana Pessoa de, e FIORIN, José Luis (Orgs). *Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade em torno de Bakhtin*. 2.ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Edusp 2003.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição revista e corrigida. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: SBB, 1995.
- BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____, Beth. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido/ organização: Beth Brait – 2ª Ed.rev. _ Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.*
- _____. *Bakhtin: conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. *Bakhtin: outros conceitos chave*. São Paulo: Contexto, 2010.
- _____,B e Melo. *Enunciado/ enunciado concreto/enunciação*. In BRAIT, B.(org) *Bakhtin: conceitos- chave*. São Paulo: Contexto, 2005.
- CHARAUDEAU, P; MAINGUENAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. 2.ed. São Paulo: Contexto,2008.
- CLARK, Katerina e HOLQUIST, Michael. Mikhail Bakhtin. Trad. J.Guinsburg. São Paulo: Perspectiva.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Trad. João Azenha Júnior. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; coordenação de edição, Margarida dos Anjos,Marina

Baird Ferreira, lexicografia, Margarida dos Anjos...[et al] 5ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

FIORIN, José Luís. *Interdiscursividade e intertextualidade*. In BRAIT, Beth (org) Bakhtin: Outros conceitos- chave. São Paulo. Contexto, 2006.

_____, José Luís. Polifonia textual e discursiva. In: BARROS, Diana Pessoa de, e FIORIN, José Luis (Orgs). *Dialogismo, Polifonia e Intertextualidade*. Em torno de Bakhtin. S2. Ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Edusp 2003.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*. 27ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2010.

JOBIM e SOUZA, Solange. *Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin* / Solange Jobim e Souza. — Campinas, SP: Papirus, 1994. —(Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico)

KRISTEVA, Julia. *Introdução a semanálise*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

KOCH, Ingedore Villaça. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

_____, Ingedore Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. *Ler e compreender: os sentidos do texto* / Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias. 2. Ed. 1ª reimpressão. — São Paulo: Contexto 2007.

_____. Intertextualidade: diálogos possíveis. Ingedore Koch, Anna Christina Bentes, Mônica Magalhães Cavalcante. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MANN, Thomas: *As cabeças trocadas; uma lenda indiana*/ Thomas Mann. Trad. Herbert Caro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

PAULINO, Graça. *Intertextualidades: Teoria e Prática*. Intertextualidade. Graça Paulino, Ivete Walty, Maria Zilda Cury. Belo Horizonte: Editora Lê 1995.

SILVA, M. I. S. *O eu e o meu em: As cabeças trocadas e o Sríma Baghavad Gita*. Educação e Filosofia. Edição 9, jul/dez 1995.

STENDHAL, H.B. *O vermelho e o negro*. Coleção Obra prima de cada autor. São Paulo: Editora Martin Claret, 2008.

TORGA, Vânia Lúcia Menezes. *Aludir é melhor que nomear: a leitura e a alusão no texto literário*. A cor das letras. Feira de Santana, 8. 2007.